

SÉRIE
DARKE ACADEMY

ALMAS DIVIDIDAS

GABRIELLA POOLE

novo século®



— *Quem é você? Apareça.*

Um movimento, um som detrás dele. Pareciam passos, mas estava perto. Perto demais. Yusuf deu meia-volta rapidamente pronto para atacar, furioso e com a audácia. O olhar dele encontrou o brilho de um sorriso, e depois outro ainda mais sinistro.

— *Você? O que é que...*

Yussuf cambaleou para trás, levantando as mãos de pânico. Nem teve tempo de gritar. Não pôde correr. Não pôde fechar seus olhos aterrorizados. Apenas sentiu — pela primeira e última vez — um terror devastador e paralisante quando a pessoa o atacou.

Então, todas as velas do lugar se apagaram e o mundo de Yussuf ficou na mais completa escuridão.



“ALGUMAS VEZES, CASSIE, AS PESSOAS QUE VOCÊ AMA PODEM SER OS INIMIGOS MAIS PERIGOSOS...”

A morte seguiu a Academia Darke até a antiga cidade de Istambul e um caçador desconhecido está à solta.

A bolsista Cassie Bell está fascinada pela beleza da cidade, embora não tenha tempo para relaxar. Dividida entre uma antiga paixão e um novo romance, ela deve também escolher entre permanecer no seletto mundo dos Escolhidos ou ser fiel aos seus melhores amigos. Enquanto isso, um assassino está perseguindo os Escolhidos.

E Cassie está a ponto de descobrir que ninguém está acima de qualquer suspeita...





Prólogo

Isto não era um sacrifício.

Yusuf Ahmed sorria para a garota sentada no sofá de veludo, havia muito mais do que o desejo banal de um garoto por uma garota em seus olhos famintos. Tocando o maxilar, ele deslizou seu dedo gentilmente pela linha do queixo dela: provocando a si próprio e a ela, sentindo a fome crescer e permitindo que crescesse.

— Outro *raki*¹? — ele mostrou a garrafa.

— Acho que bebi o suficiente — ela disse com um tom de voz provocador.

Ele sorriu discretamente.

Sim — ele pensou. *Sim, acho que já foi o suficiente.*

Yusuf deu um pequeno passo para trás, apreciando a satisfação masoquista de prolongar a espera. Ele estava faminto, mas não tão faminto a ponto de apressar a situação.

Olhando para a janela aberta e a noite agradável, ele se deixou embriagar por tamanha beleza: a lua no estreito de Bósforo; as luzes de um navio de

¹ O *raki* é um licor derivado da uva e com sabor de anis. É considerada a bebida nacional da Turquia (N.T.).



cruzeiro que piscavam como um brilhante colar de diamantes. Alta e nebulosa na noite quente, a cúpula e as torres da Mesquita Azul cintilavam como cristal.

Isso o fez lembrar vagamente da *Sacre Coeur*, no último outono em Paris, quando tudo tinha mudado. Quando as coisas tinham começado, pela primeira vez em tanto tempo, a dar errado para os Escolhidos. Quando aquela bolsista órfã e imunda da Cassie Bell tinha aparecido na Academia e sido surpreendentemente escolhida por Estelle Azzedine. Depois foi enganada e se tornou a nova hospedeira que a velha senhora precisava para abrigar seu poderoso espírito.

Mas gostaria que nunca tivesse se envolvido... Embora ele ainda se lembrasse com alguma apreciação do *frisson* da empolgação de fazer parte da cerimônia, da sensação de pertencer, de arrogância, de poder. Ele lembrou-se vividamente da fúria da menina Bell — enquanto eles a deixavam à mercê de Estelle — e também da inesperada pena e do medo que sentiu. Porque tinha dado errado tão rápido. O ritual de união tinha sido interrompido; parte do espírito de Estelle se uniu a Cassie, mas a outra parte estava presa num vácuo. E os Escolhidos saíram tão impressionados, como se uma bomba tivesse explodido no meio deles.

Yusuf sacudiu a cabeça. Um novo semestre estava começando e a garota Cassie parecia ter se estabelecido como uma dos Escolhidos. Ele estava feliz, na verdade. Todos estavam contentes. Ou a maioria deles... Então, quem saberia que bons ventos trariam para os Escolhidos? Incluindo para ele?

Fechando os olhos, ele inalou o perfume de ar quente com flores noturnas, brisa do mar, fumaça de petróleo e carvão. Meu Deus, ele ia amar Istambul. Era o último semestre dele na Academia e ele sentia um grande sentimento de remorso misturado com antecipação. O futuro brilhava diante dele: riqueza, sucesso e influência. Como poderia ser diferente? Mas ainda assim, ele sentiria falta da camaradagem, dos segredos, do poder de ser um dos Escolhidos dentro da Academia. Tinha sido divertido.



Uma mão suave tocou o braço dele. Yusuf se virou para a garota, de repente sentindo dor por causa da beleza da noite e pelo anseio da fome. Ela piscou. Os olhos dela já estavam distantes e sem foco e o sorriso tremia nos lábios dela como se ela tivesse quase esquecido que estava ali.

Bom...

Depois de colocar o copo na mesa, pôs o rosto dela entre suas mãos. Que menina adorável, com a pele dourada, o rosto em forma de coração e enormes olhos escuros. Os lábios dela se abriram um pouco e ela deixou escapar um pequeno som: podia ser desejo ou o atordoamento, mas não importava. Ela tinha bebido, por isso não se lembraria.

Por um instante a mais, ele hesitou. Alimentar-se dessa forma era proibido por ser perigoso demais. Mas por esta mesma razão, a empolgação tornava tudo irresistível. E Yusuf era experiente, forte e habilidoso. E *nossa*, ele estava com fome.

Segurando firme o rosto dela, trouxe os lábios para perto dos seus com determinação, sentindo momentaneamente o simples prazer do contato humano. Então, dentro de seu peito, o espírito pulsava e a energia jorrou em suas veias. Os olhos dele se arregalaram e ficaram avermelhados.

Conforme a garota gemia fraquinho em protesto, ele se forçava a recuar e a manter o controle. Sem machucá-la, pois não era desse jeito que ele marcava pontos. Então a soltou um pouco, mas intensificou o beijo, sentindo a energia vital levar prazer às suas terminações nervosas. Ah, isso é que era se alimentar, isso era satisfação, isso era *felicidade*.

Com sentidos aguçados, olfato e paladar repentinamente afiados. Ele podia ouvir a batida da cidade, o pulsar dos motores dos navios de cruzeiros... Passos suaves. E, então, ouviu seu nome em um suspiro.

— Yusuf Ahmeeeed...



Será que ele tinha entendido mal? Soltando a garota, ficou imóvel para escutar atentamente. O lugar tinha sido bem escolhido: este quarto isolado com cantos e arcos românticos sobre o restaurante na Cidade Velha em Istambul. Pagou *extremamente* bem ao dono deixando claro que *não* queria ser incomodado.

Como eles sabiam o nome dele? Era alguém que o conhecia da Academia?

Yusuf estremeceu só de pensar. Era o tipo de problema que queria evitar bem na reta final de sua carreira escolar: alimentação não autorizada e de uma maneira proibida. Não era impossível que ele fosse expulso, como Katerina Svensson depois da situação com a garota Bell. Sir Alric levava suas regras muito, muito a sério...

Silêncio; todos os sentidos em alerta ao virar para a escuridão além do arco da janela. Então se aproximou e ficou imóvel enquanto seus olhos procuravam pela noite. Debaixo de onde havia um pátio e a varanda se estendia por três lados, envolvida pelas sombras.

Ali. Na parede de azulejos rachados, uma sombra passou correndo rapidamente. Alguém o estava espiando. Alguém que sabia seu nome. Provocando-o: um aluno do Liceu, um dos Escolhidos mais poderosos! O espírito dentro dele se acendeu, mas desta vez de raiva. Como *ousam!*

Tinha saciado sua fome e agora podia jogar sua fúria contra o intruso. Yusuf tocou a face da garota. Gradual e delicadamente, ela voltou a si, focando a visão, com a boca se curvando em um sorriso mais determinado, descendo uma mão pelo peito dele sedutoramente, depois enganchado os dedos na corrente de ouro e girando o pingente de dente de tubarão com as pontas dos dedos.

— Você não vai me beijar?

Se você soubesse — ele pensou friamente.

— Perdão, *habibi*. Recebi uma mensagem de texto, é uma emergência. Você tem que ir.



Era delicioso contemplar a expressão de mau humor da menina e disse rindo:

— Vejo você amanhã à noite. Vou te recompensá-la, Ok?

— Ah, sim. Certamente irá — a garota piscou. Escorregando um dedo pelo peito dele para se despedir, soprou um beijo tentador e se foi.

Yusuf deu um último suspiro de desejo, mas seus músculos já estavam se preparando para a caçada. Leve e ligeiro, ele saltou pelo arco e pela sacada instável. A figura obscura tinha tido tempo de sobra para escapar, mas apenas quando pulou para o pátio Yusuf pôde ver a pessoa começar a correr.

Idiota — ele pensou.

A pessoa conseguiu manter vários passos de vantagem enquanto corria pelos becos de Sultanahmet; passos que eram quase tão silenciosos e leves quanto os do próprio Yusuf. Estava ficando escuro e vazio conforme eles avançavam pelas ruas, os sons da cidade abafados pela distância, como se ele tivesse perseguido a sombra até um lugar com outro fuso horário. Ninguém por perto.

Diminuindo o ritmo, ele percebeu espantado que a figura estava subindo os degraus da Hagia Sofia. Aquilo era um mausoléu? Parado, Yusuf não sentiu medo. Ele aproximou-se da entrada e percebeu que não havia ninguém dentro da cripta, fechada para renovação. Mas, ao entrar, percebeu que o lugar não estava escuro, ao contrário do que esperava. Sobre sua cabeça, um teto bizantino em forma de cúpula brilhava, refletindo as luzes de centenas de velas.

— *Velas...?* — disse imóvel, de orelhas em pé. Todas as portas enfeitadas que davam para a saída estavam abertas.

Yusuf estava muito alerta. Além do enorme átrio, o lugar era um labirinto de arcos e passagens e quem quer que fosse que estivesse se escondendo estava fazendo-o muito bem. O rapaz deixou-se empolgar pela caçada clandestina.



Não seria uma noite desperdiçada. Um oponente era quase tão excitante quanto uma namorada. Queria dar uma lição nesse “Zé-ninguém”.

Ah! Movimento, rápido no canto do olho. Ali, depois do arco com o dourado gasto e lascado. Yusuf se moveu, rápida e silenciosamente como um gato. A antessala era pequena, com arabescos incrustados e mosaicos azuis desgastados e o brilho da luz da vela não penetrava na escuridão além dos pilares. Não havia saída: era uma armadilha. Yusuf parou, sorrindo ironicamente. Hora de virar a mesa e desmascarar esse perseguidor insolente.

— Apareça! — a voz clara e assertiva ecoou pelo corredor de arcos. Em resposta, recebeu apenas o silêncio. Virou o corpo, olhando cada canto, cada sombra. — Não há para onde ir. Apareça! — nada ainda. O ar estava pesado com a quietude. — Quem é você? Apareça *agora*.

Um movimento, um som detrás dele. Pareciam passos, mas estava perto. Perto demais. Yusuf deu meia-volta rapidamente pronto para atacar, furioso e com a audácia. O olhar dele encontrou o brilho de um sorriso e depois outro ainda mais sinistro.

— *Você?* O que é que...

Yussuf cambaleou para trás, levantando as mãos de pânico. Nem teve tempo de gritar. Não pôde correr. Não pôde fechar seus olhos aterrorizados. Apenas sentiu, pela primeira e última vez, um terror devastador e paralisante quando a pessoa o atacou. Então, todas as velas do lugar se apagaram e o mundo de Yussuf ficou na mais completa escuridão.



Capítulo 1

Três semanas antes

— Sinto saudades dele.

Cassie Bell permaneceu em silêncio. Sua amiga olhou insistentemente mais uma vez.

— Jake. Sinto falta dele.

— Eu sei, Isabella — Cassie respondeu. Como ela poderia esquecer?

Ardendo de culpa, Cassie manteve seu olhar fixo na água azul e na clara manhã de Istambul. Ela não tinha o direito de perder a paciência com sua amiga apaixonada. Afinal de contas, ela era parcialmente culpada por Jake — o amado de Isabella — não voltar para a escola neste semestre.

Cassie gostaria que Isabella estivesse mais feliz, era tudo. Não só porque detestava ver sua amiga tão desanimada; mas também porque queria parar de se sentir mal em relação a isso. Havia um novo semestre pela frente, uma nova cidade para desvendar... E uma nova Cassie, se ela conseguisse manter o foco e retomar sua vida escolar.



— Lindo, não é? — ela cutucou a garota argentina e sorriu, então virou para admirar a paisagem.

Esforçando-se visivelmente, Isabella se recompôs e concentrou-se no Bósforo azul e na cidade além da trilha do iate; todas as cúpulas e torres estavam enevoadas. Um pequeno sorriso curvou os lábios dela quase sem querer.

— Sim, você tem razão. É maravilhoso.

Cassie nunca tinha visto uma paisagem como esta, embora isso não fosse uma surpresa, já que tinha começado a ser apresentada às cidades exóticas há menos de um ano. Antes disso, sua vida tinha alternado entre lares adotivos sem sucesso e o abrigo de Cranlake Crescent. Graças a Deus, isso tinha acabado.

Sentiu mais culpa. Cassie engoliu em seco e apertou os dedos no corrimão. Cranlake Crescent não era exatamente uma Academia Darke, mas foi sua casa durante muito tempo e nem *tudo* havia sido ruim. Lá estavam alguns colegas e as crianças menores que a admiravam e, é claro, lá estava Patrick Malone. Seu amigo, seu mentor, seu encarregado. O gentil e compassivo Patrick... Patrick, que a tinha traído ao mandá-la para a Academia Darke sem se preocupar em mencionar seu terrível segredo...

Ela estremeceu. Remoer infinitamente a descoberta chocante do semestre passado não ajudava — Patrick sabia sobre os espíritos sombrios da Academia, que eles habitavam alguns alunos e se alimentavam de outros. Ele *sabia* o perigo que ela enfrentaria, mas a mandou mesmo assim.

Era difícil perdoá-lo, mas durante os feriados desejou fazê-lo. Ele era sua conexão com o passado, o que tinha de mais parecido com uma família. Ela sentia falta dele, droga. O problema era que não sabia por onde começar depois de ter dito, no semestre passado, que nunca mais queria vê-lo. Era por isso que ela não tinha tido coragem de voltar para Cranlake Crescent na Páscoa: não sabia se suportaria ver Patrick. Então, quando Isabella estendeu seu convite para o feriado. Ela não perdeu a oportunidade.



Velejar pelo Mediterrâneo a bordo do iate de luxo do pai de Isabella — de um antigo porto exótico a outro — certamente não foi penitência alguma. Ainda assim, ver Isabella com sua família, tão próximos e amorosos, tinha tocado em um ponto vulnerável dela. Ela percebeu que precisava se reconciliar com a própria família. Precisava de Patrick. Cassie tirou o celular de seu bolso. Mordendo o lábio, procurou o nome dele.

Vá em frente — pensou. Nada como a breve mensagem de texto. Nada muito efusivo... Respirando fundo, pressionou algumas teclas.

Olá. Como vai?

Ela apertou *enviar* antes que pudesse pensar duas vezes, então enfiou o celular de volta em seu bolso. Depois do que pareceu uma eternidade, o celular vibrou e emitiu um bipe.

De: Patrick Malone

Cassie, feliz em ver sua msg. Vc tá bem? Saudades.

Cassie sorriu tristemente. Ela podia sentir que ele ainda estava um pouco cauteloso e não se surpreendeu, pois não deu motivos para que ele pensasse que ela entraria novamente em contato. Moveu os dedos rapidamente pelo teclado.

Tô com saudades de vcs. Desculpa ter sumido.

Outra breve pausa, então o celular vibrou novamente.

Eu entendo. Posso ver vc? Sem pressão, mas tenho uns dias de folga. Posso aparecer?

Ela não pode conter o sorrisinho enquanto respondia a mensagem.

Sim! Vou gostar. Me manda um e-mail com os detalhes. Bjs.

Meu Deus, seria bom fazer as pazes...

Ainda sorrindo, ela olhou para o deque, onde a mãe de Isabella estava se bronzeando, entretida em um livro. Embora não fossem sua família, os Carusos eram as pessoas mais gentis e generosas que ela conhecia. Pudera: Isabella tinha de ter puxado isso de alguém. Apesar da cautela necessária para se alimentar de Isabella — e de sentir muitíssimo em enganar os pais de sua amiga — Cassie se sentiu em casa desde o primeiro dia e iria sentir falta deles... E do mar... E dos longos dias ociosos... Até do próprio *Mistral Dancer*.

Ainda assim. *Istambul!*

Ela não sabia para onde olhar enquanto admirava a terra se aproximando: se para as lindas vilas, para os mosteiros e vilarejos da costa asiática, ou para o outro lado, para as suntuosas cúpulas e torres sob o céu azul europeu. Estava quase tentada a simplesmente mergulhar e nadar até a costa, de tão ansiosa por investigar a cidade histórica. E ela *podia* fazê-lo, pois não se afogaria; não com o poder do espírito que residia nela, não agora que ela finalmente tinha estabelecido um padrão de alimentação regular durante o feriado.

Graças a Isabella, o espírito de Cassie não tinha ficado faminto. Ela tinha parado de tentar negar as necessidades de Estelle, diferentemente do que aconteceu no início do semestre passado. Bem, tudo menos o maior pedido de Estelle: permitir que as partes divididas de seu espírito se reunissem dentro de si, como tinham feito momentaneamente durante aquela noite horrível do semestre passado...

Cassie espantou a lembrança de seus pensamentos. Não ia pensar sobre isso agora. As coisas tinham finalmente se ajustado; até mesmo Estelle parecia ter aceitado a recusa incisiva de permitir que fossem “completas” outra vez. Pelo menos por agora, ela parecia contente com o modo como as coisas estavam. Espiando Isabella, Cassie sentiu uma onda de gratidão e afeto. Onde ela estaria sem a generosa oferta de Isabella — de livre e espontânea vontade — de ser sua fonte de energia vital? Era insuportável pensar nisso.

E, ainda assim, ali estava Isabella, parecendo extremamente triste e perdida sem Jake. O romance apaixonado e passageiro dos dois tinha terminado por conta do consentimento de Isabella para que Cassie se alimentasse dela contra a vontade compreensivelmente inflexível de seu namorado. Como os três amigos tinham acabado desse jeito? Cassie pensou que iria desatar a chorar se não levantasse o astral. Respirou fundo.

— E aí... Topa fazer umas comprinhas? — ela perguntou, sorrindo para sua amiga.

Isabella sacudiu a cabeça, tirando o cabelo que o vento jogava em sua cara, com os cantos de sua boca subindo ligeiramente.

— Bom, tenho pensado um pouco nisso, devo admitir. Poderíamos ir logo ao Grande Bazar², não é? Pois temos de agir como turistas um pouquinho — seu sorriso ficou mais largo; ela estava se esforçando, Cassie percebeu e sentiu enorme afeição. — E depois... As butikues! As galerias! Os maravilhosos *designers*!

— As aulas de matemática... — Cassie apontou um dedo para ela e as duas riram.

— Ah, é, isso também, eu suponho — Isabella cruzou seu braço com o de Cassie. — Vamos tentar fazer com que seja bom, não vamos?

— Claro que sim. Vamos ter um semestre fantástico!

— Sim. Mesmo que tenha que ser sem *ele* — uma sombra de tristeza passou pelo rosto de Isabella outra vez. — Ah, Cassie me desculpe por estar sempre *oprimida*. Não consigo evitar.

— *Deprimida*! E está tudo bem, sério — ela deu uma cotovelada em Isabella, tentando animá-la mais uma vez. — Mas Jake está a salvo, isso é mais importante. Muito mais seguro do que estaria se voltasse para a escola, ainda

² Grande Bazar em Istambul é um dos maiores e mais antigos mercados cobertos do mundo, com mais de 58 ruas e mais de mil e duzentas lojas que atraem entre 250 mil e 400 mil visitantes diariamente (N.T.).

mais com aquele temperamento. Veja por este lado: ele tem menos chances de entrar numa fria em Nova York, não é? Isso dará a ele uma chance de refletir sobre toda essa ideia de vingar a irmã... E mais tempo para sentir sua falta, hein?

— Bom, *isso* é verdade — Isabella sorriu discretamente, mas sua expressão desmoronou novamente. — Se é que ele está pensando em mim. Mas estou preocupada, Cassie, ele ainda tem o punhal dos Escolhidos, temos certeza absoluta disso, não temos? E eu...

— Shhhi! — Cassie apertou mais o braço dela quando ficou nervosa ao avistar o pai de Isabella se aproximando.

— Meninas! Vocês conseguem ver a Academia? Bem ali!

O *señor* Caruso se aproximou e parou atrás delas, gesticulando com seu sempre presente charuto, o qual Cassie jamais o viu acender, em direção à elegante proa do *Dancer*. Dando uma última olhada para sua amiga, Cassie olhou para onde ele apontava.

Ela esperava ter sido avisada antes, mas tinha estado muito ocupada falando e cobiçando as duas costas de Istambul. Agora uma pequena ilha estava na frente deles, tão perto que parecia que podiam esticar os braços e tocá-la. O capitão já estava diminuindo a velocidade do *Dancer*, virando lentamente para a direita, parando alinhado a diversas outras embarcações que estavam ancoradas em águas cristalinas. Agora que estavam encostados na ilha, Cassie, pasma, pôde fixar os olhos na construção que abrigaria a Academia Darke.

Parecia antigo. Muito mais do que a Academia em Paris. Entalhes dourados refletiam o sol da manhã e os pináculos, as galerias e as colunas eram complexamente azulejadas por um mosaico azul e douradas, enfatizadas pelo vermelho sangue. Cassie conseguia ver enormes portas entalhadas emolduradas por um altivo arco dourado; tudo isso coroado por uma imensa e reluzente cúpula. Parecia ter sido construído para intimidar. O que tinha sido: palácio de um sultão? Até mesmo o *señor* Caruso pareceu impressionado. Ele

prende seu charuto apagado com os dentes e estreitou os olhos, encarando fixamente.

— Acho que terão um bom semestre aqui, senhoritas!

— E, Isabella, você vai estudar *bastante* matemática, não vai, *hija*? — Señora Caruso completou, piscando para Cassie ao ficar do lado de seu esposo. — Sentirei muita falta de vocês, meninas. Das duas.

Cassie sorriu de volta, um pouco mais impressionada do que de costume — tanto pela cordialidade quanto pela absoluta suntuosidade do casal. A mulher, com seus cabelos em tons de bronze-escuro, que pareciam tanto com os de Isabella; ele, com seu porte esbelto de jogador de pólo e olhos brilhantes.

Nossa! — ela pensou. *O deus dos genes realmente sorriu para Isabella!*

A beleza de Cassie tinha aumentado muito por ela ter se tornado uma Escolhida — um benefício do qual ela não podia reclamar. Talvez neste semestre ela descobrisse outros. Estava determinada a encontrar algo positivo em toda essa experiência...

Sua colega de quarto já estava abraçando seus pais enquanto a tripulação colocava sua bagagem de luxo e as duas malas fajutas de Cassie na lancha. A tristeza de Isabella por causa de Jake parecia ter sido momentaneamente esquecida devido à agitação e ao entusiasmo da chegada a escola.

Nova escola, novo começo — ela pensou novamente.

E, então, Cassie percebeu que estava finalmente querendo deixar sua marca na Academia Darke. Ainda mais entusiasmada quando Isabella e ela se despediram, ela distribuiu seus muitos “obrigada” com abraços por todos os lados. No que pareceu um piscar de olhos, os Caruso estavam acenando do iate e a lancha que levava as duas estava cortando por um caminho suave de água azul até o píer.

Essa ilha, esse imponente palácio antigo, era a escola delas: era tão diferente do que Cassie tinha vivido nos dois últimos semestres na Academia. Mesmo assim, enquanto ela e Isabella passavam pelos jardins fechados e pelos corredores com altas colunas, mais uma vez complexamente azulejadas e douradas, Cassie reconheceu elementos familiares. Surpreendentemente, ela percebeu que ficava feliz com isso.

Uma pequena fonte, escura e gelada, espirrava água sobre as orquídeas pretas. Um pouco a esquerda, uma estátua familiar de Aquiles trazia à tona as lembranças do inferno de Heitor. E havia também algumas figuras, que talvez Isabella não tivesse percebido, mas Cassie, com certeza, sim. Criaturas mitológicas contorcidas entalhadas em toda a volta do pilar; ou o símbolo em relevo das elaboradas linhas entremeado nas portas — que eram bem similares ao emblema interrompido dos Escolhidos no ombro dela.

Sim, muita coisa ainda era igual. E Cassie estava feliz em provar que sua relação com Isabella também não havia mudado desde que se conheceram, no dia em que chegou a escola, tanto tempo atrás. Apesar de tudo, Cassie confiava na amizade delas e que, com certeza, nada mudaria isso. Com certeza.

Cassie tremeu quando tentou imaginar como conseguiria viver sem sua melhor amiga. Isabella era uma âncora quando tudo a sua volta estava diferente. Jake tinha partido. Eles tinham sido “um por todos e todos por um”, mas o novo papel de Isabella na vida de Cassie foi um passo muito grande para ele, especialmente depois de descobrir o envolvimento dos Escolhidos na morte de sua irmã, no Camboja, há uns dois anos.

Mas não era culpa de Isabella nem de Cassie o rumo que as coisas tomaram. Se ele fosse um amigo verdadeiro, não as teria abandonado. Não teria deixado Isabella e a Academia Darke empenhado em vingar a morte de Jess à custa do relacionamento com a coitada da Isabella e de sua amizade com Cassie. Mesmo assim, elas não ouviram uma só palavra sobre desde então. Quem sabe o que ele andava fazendo agora?

A culpa contorcia o estômago de Cassie outra vez. Isabella esperou por tanto tempo até que Jake se apaixonasse, mas assim que isso aconteceu, Cassie tinha — deliberadamente ou não — conseguido ficar entre eles. Se estivesse em outra posição — Cassie vinha pensando há semanas —, será que teria sacrificado o amor em prol da amizade? Ela tinha quase certeza de que teria feito o mesmo. Quase.

Mesmo assim, ainda havia momentos em que seu coração, todo o seu *corpo*, doía por causa de Ranjit Singh. Não havia o que fazer. A própria vida amorosa de Cassie não era muito mais bem-sucedida que a de Isabella. Estava tudo acabado entre Cassie e Ranjit — e seu novo começo significava recomeçar sem ele. Estelle insistia que podiam viver sem ele; o espírito cruel que tinha possuído Cassie parcialmente era a favor de fazerem tudo a sua maneira. Afinal de contas, Ranjit tinha traído Cassie. Traído as duas...

Com toda certeza, Cassandra, minha querida! Nós devemos seguir em frente.

Um sobressalto congelou Cassie. Isabella parou bruscamente alguns passos depois e deu meia-volta, perplexa.

Olha só — Cassie pensou amargamente. Aí está você Estelle. De volta bem a tempo para encontrar seus antigos colegas, hein?

O espírito tinha ficado quieto durante as férias, aparentemente feliz e satisfeito com a fonte de alimento regular e cheia de vida. Ela podia apostar que a vaca velha iria reaparecer a tempo para o início do semestre.

Não, não, Cassandra! Esse não é um bom jeito de se referir à sua velha amiga, não é?

Cassie não pode evitar que um sorriso irônico aparecesse em seus lábios.

— Cassie? Tudo bem?

— Tudo, sim, Isabella. Desculpe — e andou até chegar ao lado de sua amiga.

— Estamos aqui. Veja! — Isabella apontou para a parede ao lado da pesada porta entalhada. Lá estava: a placa familiar.



Cassie soltou uma de suas malas detonadas e colocou a mão sobre a antiga porta de madeira. Então ergueu uma sobrancelha para Isabella.

— Vamos dar uma olhada? Ou vamos tomar um café e desencanar?

Isabella riu e girou a enorme maçaneta de ferro, escancarando a porta. Cassie ficou em silêncio por um instante, com o ar preso na garganta, enquanto Isabella largava sua mala e andava pelo quarto.

— Bem — Cassie finalmente suspirou —, a decoração interior está cada vez melhor...

Ela olhava por todo o quarto, cheio de móveis ornamentados em mogno, tapetes e carpetes coloridos, tapetes *kilim* próximos aos sofás. Exatamente de frente para uma janela arqueada, viu que as persianas abertas revelavam jardins exuberantes; mais adiante, a iluminada Ponte do Bósforo e a cidade em si.

Isabella já tinha se jogado em uma das camas com dossel, enrolando-se nos panos como se fosse um manto e deixando apenas os olhos de fora, cobrindo do nariz para baixo, como se fosse uma sedutora odalisca. Ainda investigando, Cassie a ignorou e abriu mais uma porta.

— Minha nossa! A pia do banheiro é de mármore puro — Cassie engasgou e fingiu tropeçar dramaticamente. — E a banheira também!

— E a privada?

— Não. A mesma cerâmica pobre de sempre.

— Que decepção — Isabella disse sorrindo levemente enquanto balançava as pesadas cortinas. — Pelo menos, a sensação aqui é diferente da de Nova York, hein? Não traz muitas lembranças do semestre passado. Eu gosto.

— Humm — Cassie pausou, tentando alegrar o momento. — E olha que você está acostumada com esse tipo de ambiente elaborado. Imagine o quanto *eu* gosto — de pé ao lado da janela, Cassie esticou os braços e inspirou a brisa perfumada e picante. — Você vai se sentir mais animada em breve, eu prometo. Já está até parecendo melhor — ela disse, olhando esperançosamente para sua amiga.

— Aham.

Ela percebeu que Isabella não ergueu o olhar e continuou a encarar as cortinas de seda que cobriam a cama.

— Bem que eu queria...

Que droga, Cassie, não força a barra!

Levantando um dos tapetes *kilim*, Cassie o jogou em sua colega de quarto, que chiou e teve que se mexer bastante para se livrar dele.

— Vamos, amiga — segurando Isabella quando ela conseguiu escapar do rolo de tecido, Cassie sorriu. — É difícil, mas *nós* nos divertiremos aqui. Você ainda tem a *mim*, certo?

Isabella limpou um olho e deu um sorriso forçado, mas melhor que nada.

— Sim, eu ainda tenho você. E você sabe melhor do que ninguém o quanto eu tento ficar numa boa, Cassie Bell...

Capítulo 2

Fazer compras. Ela devia ter adivinhado. Era mesmo um pouco turístico, pensou Cassie, mas pelo menos certa luz tinha voltado aos olhos de Isabella.

Sob o teto elegantemente arqueado e azulejado, o Grande Bazar era um alvoroço de barulhos e perfumes exóticos: fumaça de tabaco, nozes assadas, temperos... Ela tinha perdido a conta de quantas lojas vendiam jóias, tapetes e cerâmica Iznik. Os preços eram ultrajantes e Cassie não iria comprar nada, a não ser os pistaches que estavam beliscando enquanto caminhavam, mas Isabella estava se esforçando ao máximo para voltar ao normal e isso significava terapia de consumo.

Animando-se, Isabella entrou em uma loja e começou a barganhar por um tapete *kilim* especialmente bonito. Ela podia pagar o preço para turistas, claro, mas Cassie teve a sensação de que era pelo simples prazer de pechinchar, como faria normalmente. Nessa ocasião, a atenção de Isabella simplesmente não estava no que fazia. Depois de cinco minutos, o vendedor deu com os ombros e desistiu dela. Cassie estava começando a se sentir extremamente mal em ver Isabella deprimida.

Tudo por minha culpa — ela pensou. Tudo por minha culpa...

Parando no meio do tumulto para dar uma olhada sem compromisso em uma prateleira de cachecóis coloridos, Isabella enfiou o saquinho de pistache nas mãos de Cassie com um suspiro.

— Pode comer tudo. Não estou com fome.

— Isabella, você não comeu nada a manhã toda!

— Estou bem. Só não estou com fome — para assegurá-la, Isabella apertou seu braço e piscou. — E você sempre precisa se alimentar.

Dentro de sua cabeça, Cassie escutou um sinal de desaprovação.

Ela deve se manter forte por nós, minha querida. Ela é muito egoísta...

— Cale a boca, Estelle — disse com um sussurro.

Isabella olhou para ela alarmada e preocupada ao mesmo tempo, mas não teve tempo de questionar Cassie. Atrás dela grito agudo no meio dos berros e do falatório do mercado.

— Isabella! *Cassie!*

Cassie virou em direção à voz empolgada e viu uma mão acenando atrás de um grupo de turistas alemães. Um rosto familiar aparecia e desaparecia, pulando mais uma vez para tentar enxergar direito e Cassie sorriu.

— Ayesha, oi! Cormac!

A garota de Barbados e o menino irlandês driblavam a multidão, de mãos dadas, tentando não se soltar.

Ainda juntos, então — Cassie pensou.

Ela sentiu uma pontada inesperada de inveja: podia ser ela e Ranjit, se ele tivesse coragem de lutar por ela. Incomodada, ela espantou o pensamento. Isso não tinha a ver com Ranjit Singh. Novo começo...



— E aí, pessoal! Que bom ver vocês — ela aceitou um abraço de Cormac e então abraçou Ayesha, enquanto Cormac segurou Isabella e a abraçou ternamente. Ayesha abriu um sorriso maravilhoso e suas longas tranças caíam nos ombros.

— Que bom ver você também, Cassie. Está *linda*, amiga! Tem se alimentado adequadamente! — a garota de Barbados deu um passo para trás e ergueu um dedo fingindo dar uma bronca. — Já era hora!

— Hum... Sim. — Cassie sorriu estranhamente, tentando não cruzar seu olhar com o de Isabella.

Ayesha soltou a mão de Cormac para passar um braço pelo de Cassie e o outro pelo de Isabella.

— Vamos tomar um café, hein? Tem um grupinho sentado em um café perto da esquina — ela disse, acelerando seu ritmo doce por causa da empolgação.

— Um grupinho de Escolhidos, você quer dizer? — Cassie perguntou friamente.

Cormac riu.

— Claro, mas tenho certeza de que você os manterá sob controle. E, se você não o fizer, tenho certeza de que Isabella aqui o fará. Vamos, meninas!

Cassie, para sua surpresa, percebeu que não precisava de mais encorajamento. Nem todos da elite dos Escolhidos tinham a ver com ela, mas ficaria contente em rever algumas pessoas. E agora os compreendia melhor, agora entendia as motivações deles, a camaradagem e a fome sobrenatural que precisava ser suprida. Ela era, afinal, um deles; ou pelo menos, parte dela era.

Enquanto Ayesha as conduzia até o café, Cassie percebeu que estava ansiosa para ver alguns rostos familiares. Mikhail não estava lá, graças a Deus. Nem a insuportável Sara, que manteve a má Katerina e sua mãe informadas dos



passos de Cassie no semestre passado, quase matando Isabella, Jake e a ela mesma no meio do caminho.

Vassily e Yusuf estavam sentados juntos, fofocando e India e Hamid acenaram quando ela se aproximou. Em meio a muitos beijinhos à distância, fossem eles sinceros ou não, Cassie se viu relaxada, sorrindo. Não pôde evitar sentir o respeito recém-adquirido pelos cumprimentos deles — e ela estava genuinamente feliz de ver alguns deles, pensou. Ah, que ironia. Na verdade, considerando como tinha se sentido a princípio com os Escolhidos, ficou chocada ao ver quão confortável estava. Ela quase tinha sentido saudades deles.

Voluntariamente ou não, percebeu que era mais ou menos o lugar a que pertencia agora. Então, talvez Ranjit estivesse certo. Talvez, se ela tivesse aceitado a ideia de que parte dela pertencia aos Escolhidos, eles ainda estivessem juntos? Talvez...

Não. Cassie não queria pensar nele. Definitivamente, não agora. Então sacudiu a cabeça para espantar os pensamentos, depois sorriu e retribuiu o formal aperto de mão de Vassily. Pelo canto dos olhos, ela viu mais alguém se virar e ficar de pé. Lindo, extravagante, com um ar distintivamente vulgar...

— Richard. Oi.

Embora tivesse tentado soar um pouco reticente, o sorriso aparecera em seu rosto antes que ela pudesse contê-lo. Hesitante, quase como se estivesse com medo da reação dela, o garoto inglês sorriu de volta, mas sem muitos traços de sua habitual arrogância despretensiosa. Cassie suavizou rapidamente seu sorriso. Com ou sem nova postura, algumas coisas nunca mudam.

Apesar dos constantes pedidos de desculpas de Richard no semestre passado e de sua informação inestimável ter permitido que Cassie encontrasse Jake antes que ele fosse jogado no Solo Vivo, tinha algo que ela não conseguia superar. Foi Richard quem a enganou para que ela hospedasse o espírito de Estelle. Ela não estava certa de que poderia perdôá-lo algum dia por isso, não importando o quanto as coisas tinham mudado desde aquela noite fatídica.



Apertando os lábios quando se inclinou para cumprimentá-lo, Cassie evitou encostar as bochechas dele.

— Cassie — ele sorriu cuidadosamente. — Que bom te ver.

— Sim. Você também.

O rapaz cumprimentou Isabella carinhosamente, mas se manteve longe de Cassie quando todos se sentaram. Suas vozes se amontoavam, ansiosos em fofocar e trocar impressões sobre a nova Academia.

— O que acharam do pátio? Finalmente colocaram as estátuas do lado de fora!

— É mesmo... Mas vocês viram a estufa de vidro do Sir Alric? Ele tem de ter um lugar especial para aquelas malditas orquídeas, hein!

— Estou mais preocupado com a comida. Quero dizer, vai ter algo além de queijo e azeitona, não vai?

— Cormac, querido, você não pensa em nada além do seu estômago? — Ayeesha deu uma tapinha na barriga enxuta de seu namorado para brincar. — Continuando, aparentemente teremos uma enorme ênfase em história e arqueologia este ano. Aulas extras — ela virou os olhos exageradamente.

— Está falando sério? Ruínas antigas e escavações empoeiradas? Não, obrigado.

— Pode ser divertido!

— Ah, tá!

Mais de uma vez durante a confusão de vozes, Cassie se deu conta de que estava olhando para Richard. Para sua surpresa, ele parecia concentrado em animar Isabella; o jeito isolado e depressivo dela desapareceu conforme ele brincava e conversava. Olhando para ele, Cassie notou um sentimento de relutante admiração. Admiração pela consideração dele, só isso. Não afeição.

Ela disse para si mesma que não iria se encantar pelo charme dele novamente. Até agora, Richard vinha parecendo bem tímido perto dela, pois era assim que devia ser; ele *devia* se sentir estranho. OK, então ele estava sendo gentil com Isabella agora, mas isso não lhe custava nada. Doçura e charme eram as armas dele, até onde Cassie sabia. Foi ele quem tentou jogar dos dois lados, até mesmo bajulando a vilã Katerina e suas subordinadas quando lhe pareceu conveniente.

Mas era difícil manter o ressentimento borbulhando. Desde que vira a chama do espírito de Richard, Cassie tinha começado a entendê-lo um pouco melhor, apesar dos acontecimentos. O espírito dele parecia um dos mais fracos de todos os antigos e imortais espíritos Escolhidos que tinham se unido a hospedeiros humanos, então talvez fosse de se esperar que ele estivesse jogando cuidadosamente. Outra vez, ela olhou na direção dele. Outra vez, Richard manteve os olhos e o sorriso desviados, desconfiado do olhar dela.

Cassie sentiu sua raiva se suavizar em relação a ele. Por mais que tentasse, não estava tão brava com ele quanto pensava. Talvez estivesse errada; talvez devesse se permitir superar isso. Talvez ela quisesse isso.

— Quando vocês chegaram? — perguntou Cormac.

Cassie olhou para Isabella, que permaneceu em silêncio.

— Apenas esta manhã. Nós, hum... Viemos no iate do pai de Isabella.

— Legal! É um barco muito bonito — no entanto, Vassily estava sorrindo para *ela* e apenas olhou rapidamente para Isabella, o que a fez se sentir um pouco desconfortável.

Mais uma vez, ela olhou para Isabella, tentando inseri-la na conversa.

— Os pais de Isabella são inacreditáveis. Foi muito gentil da parte deles me receber. Acho que minha amiga aqui não lhes deu muita escolha.

Isabella deu uma risadinha e sorriu para Cassie, mas não acrescentou nada mais na conversa. Cassie suspirou.

— Ei, você é uma de nós agora, ou quase — disse Hamid rindo. — Precisa se acostumar a este estilo de vida.

— Sim, eu... — Cassie sorriu, olhando novamente para Isabella. — Ainda não cheguei lá, acho que não, mas tenho certeza de que Isabella pode dizer melhor.

Isabella sorriu e, finalmente, abriu a boca para responder, mas a conversa tinha seguido adiante de novo. Ayeesha colocou sua pequena xícara de café forte sobre a mesa dramaticamente, arregalando os olhos.

— Nossa... Isso me deixou com pique total. Vou ficar agitada o dia todo!

— E a noite toda, com um pouco de sorte — acrescentou Cormac.

— Hum, talvez você não devesse contar com sua sorte irlandesa, querido, ou Ayeesha pode muito bem se cansar de você — India interrompeu com um sorriso.

Os Escolhidos caíram na risada, até mesmo Ayeesha, embora tivesse apertado o braço de Cormac carinhosamente. Cassie viu que estava se entrosando, mas notou — incomodada — que as risadas de Isabella eram forçadas e indiferentes. Ela parecia estar começando a se sentir bem excluída.

Puxa, Cassie realmente queria que Isabella ficasse feliz outra vez. Se ela conseguisse superar o que tinha acontecido com Jake, então talvez tudo pudesse ficar bem; mas, neste momento, Cassie não conseguia ver isso acontecendo. Engraçado, quando Cassie chegou a Academia, Isabella insistiu tanto para que ela se sentisse feliz e, agora estavam as duas ali com os papéis invertidos. Porque ela estava realmente chegando lá, Cassie sorriu por dentro. Estava se sentindo mais confortável e começando a se sentir em casa. Como se pertencesse mesmo ao lugar.

Essa é a minha garota! Essa é a minha garota, Cassandra! Já era tempo de começarmos a nos estabelecer aqui...

Nem mesmo o comentário de Estelle podia derrubar seu humor. Cassie sorriu abertamente outra vez, um pouco fora de hora, recebendo um olhar questionador de Richard. E, quando ela se virou, ele estava focado em Isabella novamente, com o braço apoiado casualmente nas costas da cadeira dela.

— Bem, eu não sei vocês, mas eu adoro este lugar! — exclamou India. — Que lugar fantástico para passar meu último semestre! Acho que vou visitar a Hagia Sofia esta tarde. Quem se habilita?

— Bem que eu gostaria — disse Yusuf dando uma piscadinha, colocando seu chamativo pingente de dente de tubarão para dentro da camisa. — Vou encontrar uma pessoa.

— Que novidade! — pontuou Ayesha, provocando mais gargalhadas.

— Bom, eu não me lembro de ele ter tentado sair alguma vez comigo — disse Richard, fingindo estar magoado. — Será que eu sou um nada?

Yusuf riu secamente.

— Talvez ele apenas tenha um gosto melhor — acrescentou Cassie, embora não tivesse conseguido evitar que o sorriso em seu rosto suavizasse o golpe.

Richard encolheu os ombros e cutucou Isabella.

— Um pouco grosseira a sua amiga, não? — falou brincando, embora sem brilho nos olhos. Cassie tentou ignorar, o que não foi difícil quando ouviu India disparar outra.

— Falando em pessoas bonitas, Isabella... Quando aquele gostosão americano do Jake Johnson chega?

Que droga. India estava apenas tentando incluí-la — pensou Cassie enquanto seu coração se despedaçava. Mas, enquanto todos olhavam ansiosos para Isabella, a cor bronzeada da garota argentina empalideceu.

— Hum... Eu... Eu não sei... — Isabella olhou desesperadamente para Cassie, depois para seu relógio. Então, deu um pequeno sorriso. — Nossa, sou tão estúpida. Acabei me esquecendo. Estou esperando uma ligação da... Da minha mãe. É melhor eu voltar. Bom ver vocês, pessoal.

Ela se levantou tão depressa que quase derrubou a cadeira. Richard a segurou e a colocou no lugar. Vassily, Yusuf e Richard se levantaram estranha, mas educadamente, quando Isabella começou a se levantar e a pegar rapidamente sua bolsa e sua jaqueta. Cassie se levantou para acompanhá-la.

— Posso acompanhá-las, então? — perguntou Richard, mas Isabella já estava na porta do café.

— Não. Não, tudo bem. Fique. É apenas uma ligação. De verdade. Eu, bem, vou dizer que estamos arrumando nossas coisas. Tchau! — Isabella acenou brevemente e então passou apressada pela porta de saída.

— O quê? — Cassie ouviu India dizer. — Eu disse alguma coisa errada?

— Acho que você pisou com seus Louboutins³ no calo dela, querida — disse Richard. Cassie já estava do lado de fora da porta, apressando-se para alcançar sua colega de quarto.

— Espere, Isabella! Vou com você! — Cassie gritou, alcançando-a e cruzando seu braço com o dela, aliviada por não tê-la perdido no meio da multidão.

— Desculpa, Cassie — disse Isabella muito triste, com a voz embargada. — Você estava se divertindo. Não quis...

³ Refere-se aos sapatos criados pelo renomado designer Christian Louboutin (N.T.).

— Não seja ridícula. Tudo bem, eu estava ficando um pouco entediada mesmo — Cassie respondeu com um sorriso.

— Eu também.

Passos lentos se aproximaram delas e, então, Richard as alcançou.

— Pensei que vocês pudessem precisar de um homem grande e forte para protegê-las da aglomeração aqui de fora.

Cassie olhou para ele levemente surpresa, mas não conseguiu retribuir seu sorriso irônico.

— Sim — ela respondeu. — Sabe onde podemos encontrar um?

— Que fofo da sua parte, Richard. Sinto muito — Isabella suspirou, ignorando a discussãozinha entre eles e andando rapidamente.

— Pare de se desculpar, sua tonta — disse Richard alegremente, acompanhando-a com seus passos largos. — E, olha, bela Isabella... Sinto muito por Jake não ter voltado. Que “bundão”, hein? E não estou falando apenas daqueles glúteos torneados dele. Você é adorável demais para ele e eu sempre disse isso. Se estiver procurando alguém para consolar você... — ele se calou, erguendo as sobrancelhas sugestivamente.

Cassie esperava que talvez Isabella parasse para dar uma tapa nele, mas ela apenas deu uma risadinha e limpou o nariz.

— Hum, eu aviso você. Obrigada, Richard.

— Por nada — o garoto respondeu, embora seus olhos continuassem a piscar em direção a Cassie, como se estivessem esperando a reação dela. Cassie franziu as sobrancelhas. Por que ela se importaria que ele flertasse com Isabella? Afinal, ele só estava fazendo aquilo para que ela se sentisse melhor, não era?

Mesmo depois do Bazar, as ruas estavam quentes e barulhentas e o chamado para as rezas se sobrepunha ao falatório e ao barulho da cidade.

Richard manteve o ritmo da conversa enquanto iam em direção ao porto, apontando os pontos turísticos, mencionando um pouco de história, fazendo piadinhas sem graça. Quando chegaram à costa, Isabella estava animada o suficiente para acenar para o barqueiro e gritar com a voz firme.

Quando começaram a embarcar, Cassie segurou o braço de Richard, fazendo gestos para que ele ficasse e esperasse um pouco.

— Escuta, obrigada, Richard — ela começou. — De verdade. Eu fico grata. Ela precisava se animar — Cassie indicou Isabella com a cabeça.

— Sem problemas — ele limpou a garganta estranhamente. — Disse o que pensava, mesmo. Jake é um cretino.

— Ele tem motivos, Richard — Cassie o lembrou sombriamente.

— Eu sei. Sinto muito que a irmã dele tenha morri... Sido assassinada — ele se corrigiu. — Mas ele não tem de descontar em Isabella. Ela é louca por ele, coitadinha. Às vezes, é difícil esquecer alguém, não importa quantas coisas tenham acontecido — ele sussurrou a última frase, então Cassie não teve certeza de que tinha ouvido corretamente.

— Concordo com você sobre Jake — ela suspirou. — Mas reconheço que toda a situação entre os dois seja mais da metade por minha culpa; então, para mim, é um pouco difícil discutir isso com ela.

Olhando uma vez para Isabella, que estava conversando amigavelmente com o barqueiro que a tinha ajudado a subir, Richard baixou o tom de voz.

— E você, está bem, Cassie?

Aquela pergunta pareceu tão pesada que podia afundar o barco todo.

— Estou bem — ela disse duramente.

— Mesmo? Espero que sim, Cassie, de verdade — ele tirou uma mecha de cabelo do rosto. Seguindo os movimentos dele com os olhos, Cassie se irritou ao

perceber que achou o maneirismo atraente. — Porque, falando em culpa — ele continuou —, acho que tenho muito do que me sentir culpado.

Cassie respirou fundo. Ele estava falando, mas ela não podia deixar escapar o momento.

— Verdade. Mas, olha... Faz tempo que quero agradecer a você por aquilo também, Richard — sussurrou baixinho. — No último semestre? Por você me dizer onde encontrar Jake naquela noite, no Teatro de Marionetes? Nunca pensaria naquilo. Se não fosse por você, ele provavelmente seria morto antes de o encontrarmos.

— Sim, bem, há muitas coisas das quais me arrependo na vida — ele piscou.

— Sério. Sou grata por tudo o que disse sobre Jake. E é claro que Isabella também é.

— Mesmo vocês duas quase sendo mortas?

— Mas não fomos. Você fez uma coisa boa, Richard — e mais do que o maldito Ranjit Singh tinha conseguido, ela pensou amargamente.

— Devia muito a você, não é? — ele fez uma cara triste.

Cassie sorriu secamente.

— Acho que sim.

Muito sutilmente, Richard tocou o braço dela, então tirou a mão.

— E, olha, Cassie, sei que fui um estorvo no semestre passado, pedindo que me perdoasse o tempo todo, mas prometo que não vou mais encher você, Ok? Vou deixá-la em paz agora. Dou minha palavra.

— Richard, isso não é...

— Sim, eu sei. Minha palavra não vale muito.



O que estava tentando dizer — ela pensou, sorrindo com um toque de arrependimento. Mas ele já estava rindo e andando em direção ao barco, de onde Isabella acenava da popa.

Inferior — lançou Estelle. *Material inferior, minha querida. Ele não vai nos levar a lugar algum.*

Ignorando-a, Cassie pulou na lancha depois de Richard. Enquanto ele falava a vontade com o jovem barqueiro, trocando opiniões sobre alguma partida de futebol deprimente, Cassie ficou do lado de Isabella.

— Meu Deus, Cassie, eu exagerei? Eu só tenho de parar de pensar nele — Isabella anunciou bravamente, olhando o horizonte enquanto a brisa do mar embaraçava seu cabelo castanho.

Cassie hesitou.

— Bem, acho que talvez tenha razão. Embora compreenda você, amiga. De verdade.

Isabella parou e então falou novamente:

— E *você* precisa fazer o mesmo, sabe?

— Hein?

— Talvez esteja errada, Cassie. Mas, em algum lugar, bem lá no fundo você ainda não pensa em Ranjit? — Isabella observou-a com preocupação.

— Não.

As maçãs do rosto de Cassie enrubesceram enquanto Isabella erguia uma sobancelha.

— Ok. Bem, espero que não. Sério — disse Isabella, pegando os dedos de Cassie e apertando-os. — Porque... Seria superlegal, né? Ficarmos em uma das cidades mais empolgantes do mundo, *ambas* sofrendo por dois tontos que não



nos merecem? Não. Cassie, prometo que vou tentar sair dessa. Vou ser como você. Solteira e pronta para atacar.

Cassie caiu na gargalhada.

— Abalar!

Isabella sorriu.

— Erro proposital.

— Está mais para ato falho! — Cassie percebeu que estava gargalhando com sua colega de quarto. — Tontos que não nos merecem, é? Então caiu na lábia de Richard?

— Acho que você também caiu — Isabella deu uma de suas letais cotoveladas na costela.

Cassie perdeu o ar e riu.

— Até parece!

— Tá bom, Cassie Bell. Mesmo assim, talvez você devesse cair... — Isabella se virou com ar de superior e um sorrisinho irônico nos lábios.

Cassie apertou os olhos para ver a ilha conforme se aproximaram. Ela não pensava em Richard e com certeza não pensava em Ranjit. *Não*. Apenas para ficar nervosa, não, *furiosa* com ele. Além disso, não suportava pensar nele. Não devia e não conseguia lidar com a ideia de que ele a tivesse traído, de que fosse um covarde; não agora.

Uma risadinha interrompeu os pensamentos dela.

Está tudo bem, querida. Vou cuidar das coisas para nós duas!



Capítulo 3

— Sintam a argila, senhoras e senhores! *Sintam* o que ela quer ser! — o *Signor* Poldino estava antecipadamente alegre pelo verão, dando pulinhos animados.

Será que o homem nunca perdia a energia? — Cassie se perguntava.

A luz que entrava pela janela aberta da elegante sala refletia o verde dos jardins exuberantes e ela conseguia ver de relance pedaços de céu azul. Já que tinha de estar em uma sala de aula, esta era uma das melhores.

Cassie tinha consciência dos risos contidos atrás dela. A aula de esculturas não estava conseguindo conter a histeria coletiva por causa de seja lá o que fosse que Richard estava fazendo, mas o professor de artes não parecia ter notado. Ela, pelo menos, esforçou-se bastante para não se virar e encontrar o olhar de Richard. À sua direita, Cormac estava persistentemente formando um par de pernas desproporcionais e parecia estar levando isso excepcionalmente a sério, até que soltou uma risada pelo canto da boca.

— Mentira tem perna curta, Cassie.

— A-ha-ha — ela sussurrou sarcasticamente.

— Sabe do que minha argila tem vontade? — Isabella perguntou baixinho, examinando sua peça enquanto se aproximava de Cassie. — De se arrastar para debaixo da mesa e morrer. Olhe para isso. Esta *horrível*!

Realmente estava indefinidamente horroroso. Cassie ergueu os ombros. E respondeu:

— Sei lá. Achei que era uma paródia de Rodin! — ela começou a rir, mas logo parou. Era como se uma nuvem preta estivesse sobre a cabeça dela, fazendo com que se isolasse do resto da sala. E, do nada, seu bom humor desapareceu.

A sensação em seu peito era pesada e intensa e... De ansiedade. Algo a chamava, atraindo-a como um ímã. Cassie ergueu a cabeça e olhou para trás, embora soubesse exatamente quem iria ver.

Ranjit.

Uma corrente de desejo correu por todo o seu corpo e ela teve que suprimir um tremor involuntário de empolgação. De onde ele tinha vindo? Há quanto tempo estava lá?

Ela certamente não o tinha notado no início da aula e, para falar a verdade, não o tinha visto nem de longe pela Academia nos dois dias que antecederam a volta às aulas. Não que tivesse procurado, claro. Cassie pressupôs que ele estivesse afastado, sendo sinistro e misterioso ou cumprindo ordens de Sir Alric, o que era comum na escola.

Mas estava ali agora, alto e lindo, com seus olhos âmbar que penetravam na alma dela, sem que ela conseguisse desviar o olhar. Hesitante, ele apenas a cumprimentou discretamente com a cabeça. Havia algo indefinível em sua expressão: esperança, anseio e medo, tudo misturado em um silencioso apelo desesperado. Um apelo que obteve uma resposta de dentro dela:

Não! Não! Ranjit nos rejeitou, Cassandra! Não importa se o queremos, somos mais fortes sem ele. Somos fortes mais do que o suficiente, apenas nós duas, juntas!

Cassie engoliu em seco e se forçou para desviar o olhar e se concentrar em seu trabalho sem precisar de Estelle como incentivadora. Era óbvio que ela era forte o bastante. Não era nada além de uma pequena irritação, pois ele ainda fazia os nervos dela estalarem e seu coração bater violentamente contra sua caixa torácica.

Sim, minha querida! Mais do que fortes, somos melhores que ele! Você e eu! JUNTAS!

— Pelo amor de Deus! — Cassie disse em voz alta. Rostos surpresos a encararam e, ao ficar vermelha, ela complementou: — Não consigo deixar isso do jeito que quero.

— Sei como é — resmungou Isabella furiosamente, cutucando com o indicador o desastre que era sua escultura. Então olhou para cima e seguiu o olhar de Cassie, que observava mais uma vez o lindo rosto atrás dela. Isabella fechou a cara e tocou o braço de Cassie, lambuzando-o de argila. Depois disse, baixando o tom de voz: — Ah, Cassie, você está bem?

Cassie piscou. *Era tão óbvio?*

— Estou bem. Bem.

— Tem certeza?

— Sim! Pare com isso. Estou bem — falou, levantando a voz mais do que pretendia. Ela ruborizou quando mais alunos olharam e notou a expressão magoada de Isabella.

— Olha, me desculpe, Isabella — disse sussurrando. — É que... Você tem razão, é um pouco estranho. Falamos sobre isso depois, Ok?

Isabella confirmou com a cabeça e voltou para sua argila com um suspiro. Sentindo outro olhar, Cassie olhou rapidamente para Richard, que parecia muito sério, ainda que o olhar deles tivesse se cruzado. Então, ele piscou e olhou para baixo, sorrindo orgulhoso para sua criação.

Cassie seguiu seu olhar e, no instante seguinte, colocou a mão rapidamente na boca para conter uma explosão de riso. Ela conseguiu disfarçar por pouco tempo, fingindo uma crise de tosse e o *Signor* Poldino atravessou a sala para dar umas tapinhas em suas costas e se assegurar de que sua aluna favorita não passasse dessa para uma melhor. Enquanto o professor fazia uma tempestade em copo d'água, Cassie virou-se para Richard com um olhar fatal que o fez arregalar os olhos, inocentemente perplexo e, então, indicar sua sugestiva escultura com as mãos.

Pode parecer um belo par de glúteos firmes — os olhos inocentes dele pareciam dizer —, mas isso é apenas obra de sua mente poluída. Para provar, ele estapeou a escultura com as mãos, fechando os olhos brevemente. Depois os abriu, sorrindo escancaradamente.

— Você — ela fez com os lábios — é nojento!

Isso só fez o sorriso dele se alargar.

Contra sua vontade, Cassie não conseguia parar de pensar que estava feliz por Richard estar naquela sala de manhã. Ela não podia negar que ele a tinha reanimado e não tinha certeza de que teria aguentado a aula toda sem as brincadeiras obscenas dele. Não com os lindos e letais olhos de Ranjit perfurando suas costas. Assim que eles limparam tudo e a sala foi dispensada, Cassie saiu como um raio. Não queria dar mole e correr o risco de um pavoroso confronto com seu “ex”.

Seu *ex*. Sim, era tudo o que ele era. Cassie cerrou os dentes e se esquivou depressa pela multidão no corredor, ignorando o buraco de tristeza em seu estômago. A voz arrogante do espírito não estava ajudando muito; servia apenas para fazer Cassie se lembrar do quanto sua atração por ele tinha sido forte. Para Estelle e para si mesma.

Honestamente — ela pensou —, Estelle estava protestando demais.

Mas como poderia esperar que um espírito cruel se comportasse quando desprezado e rejeitado? Não era a toa que a vaca velha estava azeda. Não era à toa que ela queria triunfar sozinha com Cassie. Se pelo menos Estelle não a lembrasse constantemente dos atrativos dele...

Quem se importa com um rostinho bonito? Olhos hipnóticos? Ah! O toque da pele dele? Para quê serve isso? Nós pensamos que ele era nosso protetor, não é? Nosso eterno amante, nossa outra metade? Mas ele deixou você na mão, Cassandra! Ele traiu você! Traiu a nós duas.

Bem, supostamente foi para o nosso próprio bem, Estelle — Cassie pensou, embora mal pudesse acreditar que estivesse usando o argumento de Ranjit como justificativa. Aparentemente, só obedeceu as ordens de Sir Alric para me manter longe do Confinamento...

Ele é um covarde!

Isso ele certamente é — pensou Cassie com raiva. Ela precisava continuar se lembrando disso. Ranjit podia ter tentado, achado uma saída, mas desistiu. Estelle tinha razão. Ele a tinha deixado na mão.

Pelo resto do dia, Cassie conseguiu evitar Ranjit. Talvez porque estivesse muito atenta à presença dele; mas estava contente consigo mesma, por sair de perto do campo magnético dele toda vez que sentia aquela atração. Isabella parecia perceber que Cassie estava passando por um momento difícil, pois não saiu do lado dela o dia todo, segurando seu braço quando saíam apressadas de cada aula.

Claro — pensou Cassie — que sua amiga sabia como se sentia...

— Vai, me conta as fofocas — Cassie disse no intervalo entre as aulas de literatura inglesa e russa. — Aposto que já sabe de algo — além de fazer compras, uma boa fofoca sempre ajudava a animar Isabella. Talvez funcionasse para as duas.

Isabella se iluminou um pouco, parecendo contente em ter que desviar o pensamento de sua melancolia.

— Ok. Bem, Alice... — murmurou, apontando com a cabeça para o outro lado do pátio para a garota inglesa que tinha sido colega de quarto de Keiko. — parece que está com Yusuf, embora provavelmente não por muito tempo, sabendo como ele é.

— Não! — Cassie arregalou os olhos para Isabella. — Pensei que Yusuf só ficasse com garotas Escolhidas. Espero que esteja se comportando.

Isabella virou os olhos.

— Eu não acho que seja tão exigente. E é claro que não está, ele é completamente... Como se diz? Incorrigível.

— Não foi o que quis dizer — Cassie abriu bem os olhos para dar um toque em Isabella.

— Ah! Ah, sim. Bem, tenho certeza de que ele deve ser cuidadoso, mesmo que esteja... Você sabe... Querendo se *alimentar*. Ele é legal, mesmo. Muito mais legal do que Keiko.

— Bom, se for, é melhor que não deixe Sir Alric descobrir, por causa de suas preciosas regras. E, de qualquer forma, você dá muito na cara, Isabella! Você diz que Yusuf é *legal* só por causa dos olhos cor de chocolate belga dele...

Isabela levantou as sobrancelhas.

— Você também notou?

— Sim! O que você esperava? Ele é um dos Escolhidos. Ser bonito é parte do pacote — Cassie sorriu, embora com certa acidez.

Pensando bem, Isabella devia flertar um pouco, mesmo que fosse com o notório Yusuf. Desde que ficasse só nisso — pensou cautelosamente. Ainda assim, a argentina certamente se beneficiaria de um pouco de diversão.



Ela parecia menos obcecada por Jake, pois não o tinha mencionado desde, bem, a hora do almoço. Mas, quando ficava distraída, ainda carregava aquela tristeza profunda em seus olhos escuros.

— Como você tem passado, Isabella? Sei que é difícil voltar para as aulas e tal.

— Não se preocupe comigo. Estou bem. Mesmo — o sorriso dela era um pouco forçado e, Cassie sentia muito. Pobre Isabella. Cassie tinha de começar a procurar novas maneiras de animá-la; devia isso a sua amiga.

— Escuta, se você quer realmente saber o que aconteceu na garagem de barcos, por que não se aproxima e conversa um pouco? Ele está bem ali e fica sorrindo para você — Cassie apontou na direção de Yusuf.

— Ah, sei lá, eu...

— Não acredito que você esteja desprezando uma bela de uma fofoca! Vai lá. E, para ser honesta, não me importaria em saber o que aconteceu — mentiu Cassie. — Mas nunca teria coragem de perguntar. E ele vai acabar contando para você. Dá uma chance.

— Ele vai me dizer para *onde* ir. E como chegar lá mais rápido.

Cassie fez uma carinha de cachorro abandonado e Isabella deu um sorrisinho.

— Ok, tudo bem. Acho que não vai doer exercitar os músculos da sedução, ainda que estejam de repouso no momento — Isabella pareceu se recompor, com uma pequena amostra do antigo brilho de malícia em seus olhos. — Deixe-me ver o que consigo tirar dele.

— Vai lá, sua escandalosa — Cassie riu, inebriada pelo seu sucesso. Isabella nunca levaria “o galinha” do Yusuf a sério, mas receber um pouco de atenção dele seria fundamental para levantar sua confiança. — É bom você me contar

tudinho depois. Vou checar meus *e-mails*, ver se Patrick já me mandou os detalhes da viagem dele.

Cassie ficou olhando até ter certeza de que Isabella estava conversando com Yusuf, então deu meia-volta e subiu as escadas alegremente. Grande erro. Ao entrar no corredor que levava ao seu quarto, Cassie travou. Uma figura muito familiar estava se apoiando na porta. Seu coração deu um solavanco e ela quase tropeçou, o que a deixou ainda mais irritada. Como ele conseguia manter esse efeito arrebatador, mesmo agora?

— O que você está fazendo aqui?

Ranjit Singh se endireitou, esfregou o pescoço.

— Estava esperando você. Claro — arriscou um sorriso.

Cassie não retribuiu.

— Não vejo o porquê. Não temos nada a dizer um para o outro.

— Não aja assim, Cassie...

— Assim como? Estou fazendo o que me mandou, não é? Fazendo o que queria. Sendo uma boa garota — ela sentiu sua expressão mudar para uma cara de deboche. — Quero dizer, você deixou clara sua posição no semestre passado, não foi? Não podemos ser nada um do outro, não podemos ficar juntos. Não é apropriado, não é possível, não é *permitido* — ela sacudiu a cabeça com força, com medo de que fosse atacá-lo ou, pior, cair em lágrimas. — Não conseguimos nem apoiar um ao outro num momento de crise, não é? Ou pelo menos um de nós não conseguiu. Então, não há nada do que falar.

Ranjit abriu a boca, mas pareceu momentaneamente sem reação. Com um som de repulsa, ela tentou tirá-lo do caminho, mas ele segurou o braço dela com força.



— Não me toque! — ela gritou, embora algo dentro de si tivesse se empolgado com o toque dele. Ele a soltou como se a pele dela tivesse queimado sua mão.

— Não estou aqui para causar problemas.

— Então, por que está perdendo seu tempo? Não pode haver nenhuma outra razão — mesmo quando disse isso, Cassie pode sentir a proximidade dele, o modo como ansiava tocá-lo, o desejo quase irresistível de beijá-lo, agarrá-lo, *possuí-lo*.

— Você ainda sente — ele sussurrou.

Cassie abriu a boca para mentir, mas pensou melhor.

— Sim — disse furiosamente. — Mas não importa o que eu sinto, nunca importou. Acabou, Ranjit. Enfie isso na sua cabeça dura e no seu espírito também.

Girando a maçaneta de ferro, ela o empurrou para passar e tentou bater a porta na cara dele. A linda cara dele.

— Por favor, Cassie, me ouça! — seus olhos brilhavam com algo além de desespero quando ele segurou a porta. Empolgação? Era empolgação que ela tinha visto?

Ela hesitou, tremendo de raiva e de outra coisa que era menos bem-vinda. Então, soltou todo o ar de seus pulmões, preocupada com o que pudesse desencadear o poder misterioso e invisível que a cerimônia interrompida dos Escolhidos tinha deixado nela; poder que tinha causado tantos problemas no semestre anterior... Depois, falou calmamente:

— Diga, então. Seja lá o que tiver para dizer. E então... Dê o fora daqui.

Ranjit respirou fundo, descruzando os braços, mas prendendo a porta com um pé caso ela mudasse de ideia.



— Cassie, escute. Pensei e repensei nisso muitas e muitas vezes, sobre o que aconteceu no semestre passado. Não pensei em nada, além disso.

— Que bom — ela disse cruelmente. Ele ignorou.

— Nós significamos muito um para o outro, Cassie. Você é *tudo* para mim. Nunca senti nada igual antes e eu acho, eu sei que você sente o mesmo. Pensei que pudesse superar isso, mas não consegui. Nem quero mais! — ele ergueu uma mão quando Cassie começou a protestar. — *Por favor*, me ouça! Olha, eu odeio o que fiz no semestre passado. Você estava certa. Devia ter lutado por nós. Foi o maior erro da minha vida, Cassie, o maior erro *da minha vida*.

— Isso tudo é muito... — Cassie começou, mas Ranjit deu um passo para frente, como se fosse pará-la, apenas se controlando no último instante.

— Não me importa o que Sir Alric diz. E eu não dou a mínima para o Conselho dos Líderes também... — ele pausou.

— O que você está...

— Eu te amo. Eu te amo, Cassie.

Cassie congelou. Ok, o garoto sabia como chamar sua atenção.

— O quê?

— Ouça, eu amo você. Eu amo você desde o momento em que a vi pela primeira vez. E não é por causa dos nossos malditos espíritos — Cassie ouviu Estelle protestar ligeiramente, no fundo de seus pensamentos conturbados. Ranjit continuou: — O fato de sermos Escolhidos, ou parcialmente Escolhidos, é totalmente irrelevante. E não me interessa o que acontece entre nossos espíritos. Eu amo *você*.

Ela ficou absolutamente boquiaberta, mas enquanto os olhos dele penetravam na alma dela, Cassie não conseguia pensar em nada para dizer. Como poderia? Ele nunca disse nada *parecido* quando teve a chance. Nunca



disse nada disso quando podia. Quando teria feito a diferença, quando estavam juntos...

Ranjit se inclinou um pouco sobre ela, sorrindo ironicamente.

— Estou feliz de finalmente ter calado você.

Cassie sacudiu a cabeça com força. Tanto para organizar os pensamentos quanto para rejeitá-los.

— Ranjit, não — disse entre os dentes cerrados. — Não é legal. É tarde demais. Não podemos ficar juntos, *como você disse*. E agora você me diz que não se importa com Sir Alric, mas veja o que aconteceu. Assim que ele estalou os dedos, você me abandonou, me deixou sozinha, Ranjit! Você me deixou sozinha para encarar os Líderes e eu nunca senti tanto medo em minha vida.

Droga. Droga. Os olhos dela ardiam e ela não queria que isso acontecesse. Isso a deixou furiosa. Tão furiosa, na verdade, que de repente havia mais de uma lágrima em seus olhos. Sua visão estava ficando vermelha, vermelha... Não. Ela piscou para eliminar a fúria. Ele não a faria perder o controle. Nunca mais.

— Sei que deixei você na mão, Cassie. E, acredite, nunca parei de me atormentar por isso — a voz dele era tão linda, tão intensa. E seus olhos dourados estavam tingidos de vermelho também. Mas não de raiva; de paixão. — *Vou recompensar você pelo que fiz. Vou encontrar um jeito* — ele deu um passo para trás, cerrando os punhos. — Eu encontrei um jeito de ficarmos juntos.

— Ah, encontrou? Isso é uma reviravolta desde...

— Shhi! — disse, encostando um dedo nos lábios dela e o choque de seu toque a calou mais uma vez. Cassie deu um passo para trás, para uma distância mais segura.

— O que você quer, Ranjit?

— Quero que fiquemos juntos — sorriu, com olhos penetrantes. — Encontrei algo que deve resolver nossos problemas. Só preciso de um tempo.

Cassie deixou escapar uma risada.

— Claro. Sabia. Bem, Ranjit, só acreditarei vendo. E quando porcos voarem sobre o estreito de Bósforo.

Ele a ignorou.

— Ouça, Cassie. Vou deixar você sozinha agora... Só mais uma coisa: o punhal. Você está com ele?

— O...

— O punhal! Sei que você pegou de Keiko e eu...

— O quê? Não. Eu o deixei cair no Central Park depois... Depois da briga com Katerina e a mãe dela. Tenho certeza de que está com Jake agora — assim que aquilo saiu de sua boca, ela desejou não ter dito, mas cruzou os braços, desafiadora.

— Jake? — Ranjit fechou a cara e franziu a testa, então mordeu o lábio e confirmou com a cabeça para si mesmo.

— Sim, Jake. Por quê? — ela disse.

Ranjit sacudiu a cabeça. Olhando nos olhos de Cassie mais uma vez, sorriu largamente.

— Nada demais. Nós ficaremos juntos. Prometo a você.

Ele deu meia-volta.

Cassie não teve tempo de dizer uma palavra. A garganta dela estava apertada de raiva, ceticismo e um desejo insuportável e ela mal podia respirar. Só podia observá-lo andar, com as botas fazendo barulho nos azulejos, enquanto ele passava sob os arcos e desaparecia de vista.



Capítulo 4

— ESSE PRÉDIO É UM MONUMENTO ANTIGO!

Isabella gritou por causa da música que vinha da porta, tampando os ouvidos com a mão, mas Cassie a ignorou. Com certeza, o sistema de som estava no máximo, mas ela não se importava, porque tinha de tirar o maldito Ranjit Singh da cabeça.

— ESTA ALA TEM SEISCENTOS ANOS, SUA DESTRUIDORA DE MONUMENTOS!

— O QUE ISSO TEM A VER? — Cassie gritou de volta, incomodada.

— AS VIBRAÇÕES IRÃO ARRUINAR OSAZULEJOS EM MOSAICO! ABAIXA ISSO AÍ!

Isabella se irritou com o aparelho de som, fazendo uma cena dramática de luta com as ondas sonoras e clicou o botão “mudo”. A sensação do silêncio era reconfortante.

Cassie resmungou:

— Estraga-prazeres.

Resmungando de volta, Isabella inclinou a cabeça para o lado, coçando o ouvido como se estivesse desprendendo a música que tinha colado nele.



— E agora, você pode me dizer o que há de errado? Eu estava certa, não estava? Você está a fim de alguém!

— Acredite, não estou!

— Cassie Bell, ninguém toca esse tipo de música a menos que esteja cortando os pulsos por algum garoto, mesmo que sinta vontade de matá-lo! Sai dessa, garota! — Isabella se jogou na cama. Cassie suspirou.

— Ranjit *Idiota* Singh...

— Sei muito bem — disse Isabella recatadamente — que esse não é o nome do meio dele. Não importa o quanto você queira que seja.

Cassie suspirou.

— Ranjit, então. Ranjit!

— O que ele fez a você? Ou só precisa dele aqui para estapeá-lo? Devo buscá-lo?

— Não precisa — retrucou Cassie. — Vocês se desconstruíram por pouco, na verdade.

O queixo de Isabella caiu, depois voltou num sorriso.

— Ele veio ver você?

— Sim — Cassie disse brava. — Como se eu não tivesse nada melhor para fazer do que ouvir suas desculpas.

— Ah, Cassie — Isabella passou o braço pelo ombro dela e praticamente a sufocou. — Isso é *bom*! Significa que ele sente muito, significa que se arrepende do que fez!

— Do que não fez — Cassie a corrigiu amargamente.



— Sim, sim, eu sei. Mas ele *veio* ver você! Pelo menos está aqui, querendo estar com você, querendo recompensá-la. Diferente de... — a expressão dela entristeceu por um instante e Isabella olhou para Cassie com um olhar de súplica. — Você não pode dar uma chance a ele?

Não — pensou Cassie, embora com outra pontada de culpa pela tristeza de sua amiga. Ranjit era pior que Jake, muito pior. Jake tinha de lidar com o fato da morte de sua irmã ser responsabilidade dos Escolhidos, além do fato de sua namorada servir como fonte de alimento para um deles. As desculpas de Ranjit eram insignificantes se comparadas com as de Jake.

— De quantas chances ele precisa? — Cassie exclamou. — Pelo que sei, Isabella, ele saiu fora. Como é que posso confiar nele *um dia*? Diz para mim! Quando fui convocada pelos Líderes, foi... Eu fiquei em pânico! Ranjit prometeu estar lá e sabia o quanto isso era importante para mim. Mas *não apareceu*! — Cassie mordeu o lábio com força, sentindo a dor da traição novamente.

— Cassie... — Isabella a tranquilizou. — Você me disse que ele tinha motivos. Que Sir Alric votaria a favor de mandar você para o Confinamento caso ele aparecesse. Ranjit tinha de fazer o que Sir Alric mandou. Sabe disso.

Cassie sacudiu a cabeça decididamente.

— Não. Ele podia pelo menos ter me avisado. Podia ter achado um modo de contornar tudo isso. Tive bastante tempo para pensar sobre isso. Durante as férias inteiras, quando, a propósito, ele não se preocupou em entrar em contato comigo. Nem uma maldita mensagem de texto! — levou uma mão até o rosto, sentindo o perigoso calor em seus olhos outra vez, respirando profundamente para se acalmar. — Claro, Ranjit tinha motivos para fazer o que fez. Mas sempre se dá bem quando se esforça! Quando *quer*!

— Cassie, você não pode dizer que ele não queria...

— Bem, não deve ter querido tanto assim. Só que agora, do nada, ele aparentemente tem a solução mágica. Mas, é tarde demais.

— O quê? — disse Isabella, piscando com surpresa.

— Sim. Disse que vai encontrar um jeito de ficarmos juntos! Sim, claro. *Agora* ele decide que cometeu um erro, então agora pode achar uma solução. Que conveniente! Sabe do que mais? Não dá para *mim*, não mais. Ele teve a chance de lutar por esse relacionamento. Até onde sei, Ranjit só fala. Só conversa, nada de ação. E não aguento isso. Estou cheia dele.

Cassie parou, tomando fôlego. Ela estava incomodada por estar tão brava com Ranjit e seus planos ridículos e misteriosos. O que foi aquilo sobre o punhal? Estava na ponta da língua para contar para Isabella, mas algo a impedia, já que não queria trazer Jake a tona novamente, ainda mais relacionado ao estranho punhal dos Escolhidos.

Ah, para o inferno com o punhal e para o inferno com Ranjit — Cassie pensou. Ele estava ocupando espaço na cabeça dela outra vez e isso era a última coisa que ela queria.

Isabella apoiou o corpo com as mãos, observando Cassie refletidamente.

— Bem, talvez você tenha razão.

— Sei que tenho — Cassie respondeu estupidamente.

— Ok. Então é hora de seguir em frente!

— O que quer dizer? — Cassie olhou desconfiada para sua colega de quarto enquanto Isabella se levantava e começava a contar nos dedos.

— Yusuf? Não, ele é bonitinho, mas é um canalha, ordinário. Vassily? Hum, é bem legalzinho, Cassie. Tem um... Como vocês dizem? Um belo traseiro? Acho que é tudo por causa da ginástica olímpica. Ah, temos Perry Hutton...?

Cassie se jogou para frente, fingindo ter ânsia.

— Além do mais, eu realmente duvido que seja o tipo dele — ela disse enfaticamente.



— Isso é verdade — concordou Isabella, rindo — Ok. Perry não! Deixe-me ver: Bjorn Madsen? Michael Learning? Jiri, Daniel, Kristofer? Estou quase sem...

— Hum, quanto antes melhor — disse Cassie, sorrindo. — Dá um tempo!

— Espere aí. Já sei! — Isabella parou e lançou um olhar dissimulado. — Richard Halton-Jones!

Cassie jogou um travesseiro nela.

— Para com isso! De jeito *nenhum*!

— Não...? — Isabella mordeu o lábio e olhou para ela atentamente. — Pensei que estivesse gostando um pouquinho dele outra vez. Só um pouquinho? Ele costumava gostar muito de você. Lembra o quanto ele estava a fim de você no primeiro semestre?

— Está me zoando? Preciso lembrar no que deu isso? Fora de questão! Próximo?

— Hum. Ok. Eu ainda acho que você reclama um pouco demais... Tudo bem, mas estou empacada — sua colega de quarto fez um beicinho fofo.

— Bom! De qualquer forma, já chega de falarmos sobre mim. Quando você vai sair dessa e dar em cima de alguém?

Assim que viu a expressão nos olhos de sua amiga, Cassie se arrependeu. Isabella forçou um sorriso, mas mal conseguia curvar a boca do jeito certo.

— Você tem razão, Cassie. Não devia brincar com isso. Se eu não estou pronta, então talvez não seja justo pensar que você esteja.

— Não seja boba, amiga. Você só estava fazendo graça! Droga. Desculpa, Isabella, não devia ter dito nada.

Sua idiota — ela se repreendeu. Já é ruim o suficiente ser responsável pelo término do namoro dos dois agora tinha de tirar uma da cara da coitada? Era *diferente* o caso de Isabella.

Para começar, Cassie tinha superado Ranjit. Bem, sua parte racional tinha superado completamente. Ao passo que Isabella não estava nem *começando* a superar Jake. E Isabella não tinha separado Cassie e Ranjit; eles conseguiram isso sozinhos. O romance de Isabella e Jake, por outro lado, tinha sido sacrificado pela nova vida de Cassie entre os Escolhidos. Por causa das necessidades de Cassie. Pelo bem de Cassie. Ela não tinha o direito de comparar as situações; ela tinha *causado* a situação de Isabella.

— Sinto muito, muito mesmo. De verdade.

— Não, Cassie, tudo bem — disse Isabella, apertando a mão da amiga. Com um esforço visível, ela se iluminou e se ajoelhou ao lado do som. — Vamos colocar aquela música de novo? Exorcizar aqueles dois!

— Não é uma má ideia — respondeu Cassie.

— Ótimo! — Isabella se levantou e pulou em sua cama enquanto a música explodia no quarto mais uma vez.

— ECA, TROCA ISSO! ESSE CARA É *TERRÍVEL*! — gritou Cassie. — NÃO ESTOU NA PEGADA DA *DISCO MUSIC*!

Isabella segurou em seu braço e a puxou para cima, pulando na cama, com os braços para cima, forçando Cassie a se juntar ou a pular para fora da cama.

— AH, VOCÊ VAI FICAR!

Diabos, se não pode vencê-los... E Isabella estava certa. Por que tinham de ficar sofrendo por dois garotos irresponsáveis? De qualquer forma, era bom ver sua amiga sorrindo. Rindo, Cassie pulou e caiu com o bumbum e depois saltou de novo. Elas estavam gritando e rindo mais alto do que a música quando



Cassie ouviu outra voz. Parecia que nem mesmo um som ensurdecedor podia cobrir essa voz.

Sim, minha querida, ria! Não temos nada com o que nos entristecer! Vamos conquistar o mundo, Cassandra, apenas você e eu. Não precisamos dele, nós não precisamos de mais ninguém! Ria!



Capítulo 5

Ranjit tinha realmente deixado a cabeça dela um caos. Quase vinte e quatro horas depois e Cassie ainda estava se sentindo um pouco irritada com suas declarações. Mas tinha de voltar ao eixo, dedicar-se novamente ao Projeto “Nova Cassie, Nova Postura”.

Inclinando-se sobre a pia de mármore do banheiro, cheia até a borda com água gelada, molhou a cabeça. Respirando com dificuldade por causa do frio, forçou a mergulhar o rosto completamente. *Iria* tirá-lo da cabeça, mesmo se tivesse que lavá-lo de lá. Debaixo d'água, Cassie ouviu um toque de celular familiar e, resmungando, tirou a cabeça da pia com milhares de gotas d'água escorrendo.

— Alô? — perguntou com a voz aguda. O telefone estava escorregadio por causa das mãos molhadas e quase caiu, mas ela o segurou com firmeza e o colocou na orelha de novo.

— Cassie? Sou eu, Patrick.

— Patrick! Está aqui! — disse suspirando.

— Sim — ele falou, parecendo preocupado por um instante. Embora Cassie tivesse concordado com sua visita da outra vez que se falaram, podia ter

mudado de ideia. — Você se esqueceu de que meu voo era hoje? — perguntou, arriscando uma risadinha rápida.

— Não! Não, claro que não me esqueci — Cassie mentiu. *E aí estava mais um motivo para culpar Ranjit* — pensou emburrada. — Estava apenas, bem, lavando o cabelo.

— Ótimo. Bem, isso significa que pelo menos estará arrumada para ser vista, hein? Venha jantar comigo esta noite. Nos encontramos aqui no hotel?

— Não sei — deu uma risadinha forçada. — Hum. Quanto você está pensando em gastar?

— Estou pensando em gastar umas cinco libras, talvez.

— Uau, o salário de um ano todo, hein? — ela disse, dando uma gargalhada.

— Ahaha — Patrick respondeu sarcasticamente, mas ela pôde ouvir o sorriso dele depois que ele relaxou. — É muito bom ouvir sua voz Cassie. Mal posso esperar para ver você. Quero dizer, presumindo que diga “sim”, né?

Cassie deu uma risadinha.

— Vejo você às sete?



— Ei, Cassie! — Patrick abriu os braços e sorriu.

— Quem é você mesmo? — Cassie franziu a testa, depois sorriu e o abraçou intensamente. — Senti saudades. Só Deus sabe o porquê, já que não tenho a menor ideia de quem você seja, mas senti — surpresa ao perceber o quanto era bom finalmente ver Patrick outra vez, sentiu uma sensação de nervoso misturada com um alívio reconfortante.

O hotel era bem elegante e moderno e podia estar em qualquer parte do mundo. Era um pouco sem identidade, mas quem se importava? Patrick estava lá, com seus olhos azuis brilhantes e as linhas de expressão que se formavam quando sorria, como sempre. Dava para ver que tinha se esforçado para se arrumar, pois sua camisa azul tinha até colarinho, mas ele ainda parecia ser religiosamente contra passar roupas.

— Ouça — disse, concentrada de repente. — Antes de entrarmos, quero pedir, bem, desculpas por ter dado um gelo em você por uns tempos — seus olhos mostravam arrependimento.

— Meu Deus, não se desculpe. Foi culpa minha, Cassie — Patrick a abraçou novamente. — Não tinha a menor ideia de que... De que tudo isso aconteceria a você. Você sabe disso, não sabe?

Cassie andou ao lado dele até o restaurante, mantendo o braço entrelaçado ao dele.

— Eu sei. Mas, ainda assim, estava um pouco brava com você. Não pude evitar.

— Tudo bem. Você tinha razão em ficar brava — ele disse, esfregando sua testa como se estivesse cansado. — Eu sabia sobre a Academia, mas me prometeram que jamais um bolsista se tornaria um Escolhido. Nunca tinha acontecido antes. Era uma regra tão rígida que jamais podia ter imaginado...

— Hum. Bolsistas não devem ser Escolhidos. Mas eles geralmente são a “comida”. Você não pensou que eu pudesse acabar servindo de fonte vital?

— Sim, talvez — cheio de remorso, esfregou o rosto com a mão. — Mas tive uma experiência tão boa com meu colega de quarto quando estava na Academia. Erik foi honesto, direto, sem me decepcionar. Ficava feliz em ajudá-lo e ele nunca abusou da minha confiança. Acho que era ingênuo; acho que pensei que fosse sempre assim.

— Sim — Cassie deixou o *maître* puxar uma cadeira e se sentou de frente para Patrick, observando as mãos dele alisarem nervosamente a toalha branca de linho.

— Pensei que valesse a pena — continuou. — Pensei nisso por causa da vantagem educacional que você teria considerando seu *background*...

— Eu sei, honestamente. E sabe do que mais? — disse, erguendo uma sobancelha. — Agradeço pelo que fez. Tem sido uma experiência maravilhosa. Quero dizer, *tudo*: a fome insaciável por energia vital, o espírito que está sempre aqui para conversar comigo, as lutas sobrenaturais... — Cassie sorriu para ele. — Tem sido fabuloso.

Patrick permaneceu sério enquanto a olhava nos olhos, até que percebeu um tremorzinho nos olhos dela.

— Ah. Aí está um pouco do sarcasmo de Cassie Bell, não é mesmo?

— Sim — disse arrependida. — E, tem sido... Diferente. Mas, por mais estranho que seja, não tem sido horrível. Estou me acostumando com tudo isso.

Ele se inclinou para frente, tocou a mão dela.

— Tem certeza, Cassie? Tem certeza de que está bem?

— Certeza. Mesmo. Estou seguindo em frente, Patrick. Novo começo. Sou uma Escolhida... — *ou meio-Escolhida*, adicionou silenciosamente para si mesma. — E vou viver com isso. Não é tão ruim. Estou controlando a fome, não é difícil, e Isabella é compreensiva da mesma forma como, tenho certeza, você era com Erik.

— Você tem sorte de ter uma colega de quarto tão legal — ele olhou por cima do cardápio. — Fiquei tão feliz quando soube disso, Cassie. Faz toda a diferença. Acho que Isabella é uma verdadeira rocha, não é?

— Não sei o que faria sem ela — disse Cassie sinceramente, depois deitou o cardápio e desenhou figuras sobre ele com o dedo. — Aposto que Erik gostava de você também. Você... Você ainda sente falta dele?

— O tempo todo — Patrick sorriu com o canto da boca. — Erik era uma pessoa incrível. Mesmo depois de anos, é difícil acreditar que tenha falecido.

Cassie apertou suas mãos e olhou diretamente para ele.

— O que aconteceu com ele? Quando perguntei sobre isso no semestre passado, Sir Alric não quis entrar em detalhes.

Patrick respirou fundo e se recostou na cadeira.

— Faz quase vinte anos. No nosso último semestre, a Academia estava na Cidade do México e tínhamos varias aulas especiais e excursões para estudar arqueologia. Era um pouco parecido com Istambul, na verdade. Então, Erik estava trabalhando em um projeto com Sir Alric e tinham partido para Yucatan por uma semana. Lembro o quão empolgado Erik estava, o quanto estava contente por Sir Alric tê-lo chamado dentre todos os alunos Escolhidos, por confiar nele. Além disso, estava fascinado pelo projeto, seja lá qual fosse.

— Você nunca descobriu?

— Sir Alric voltou sozinho no terceiro dia. Sabia que tinha acontecido alguma coisa, mas ninguém dizia nada. Nada até que me chamou em seu escritório e me deu a notícia de que Erik tinha sido morto em um deslizamento de terra.

— Meu Deus — Cassie tocou a mão dele. — Você deve ter ficado arrasado.

— Sim. Quero dizer, era tão jovem, do inteligente, tão cheio de promessas e potencial. Era bonito, claro. Afinal, era um Escolhido. Acho que eu tinha uma quedinha por ele. Ainda assim, Erik tinha uma vida de felicidade e sucesso pela frente — Patrick olhava fixamente para a toalha de mesa. — E tudo se acabou, bem assim. Surreal — o silencio que se instalou não era desconfortável. Pareceu

bem apropriado. Finalmente, Patrick olhou para cima e acenou com a cabeça para o garçom. — Sempre me perguntei o que procuravam lá, em Yucatan — disse, encolhendo os ombros. — Mas Sir Alric nunca disse. Acho que ficou irrelevante depois que Erik morreu. Agora... — endireitou-se, tentando parecer mais animado e sorriu para o garçom. — Está pronta para pedir, Cassie?

Assim que escolheram — Cassie com alguma dificuldade, já que queria umas cinco coisas do cardápio —, Patrick sacudiu a cabeça e sorriu mais positivamente.

— Não vamos mais falar de coisas tristes, hein? Quero saber o que você tem feito neste semestre. Algum garoto legal? Seja lá o que tenha acontecido com Ran...

— Ah, não vamos falar sobre ele — ela interrompeu, com um sorriso ligeiramente tenso.

— Ah — Patrick fez que sim com a cabeça. — Muito bem! Vou escolher assuntos mais banais. Como é o prédio da Academia? Nunca viemos para cá enquanto eu era aluno.

Cassie sorriu, aliviada por não ter sido pressionada sobre assuntos românticos.

— Na verdade, é bastante espetacular. Certamente muito distante de Cranlake.

— Não duvido! Bom, conte-me sobre isso e, no meio, conte algumas fofocas dos professores. Alguns deles não mudam desde a minha época, sabia?

— Sei, os com teia de aranha nas sobrancelhas deve ser familiar para você — ela tirou um sarro.

— Ei! Não sou tão velho assim!

Quando Patrick começou a listar alguns dos professores que teve quando estava na Academia, Cassie suspirava contente. Uma coisa estava em ordem finalmente. Dando risadinhas por causa dos comentários irreverentes dele, Cassie percebeu com grande alívio o quanto tinha sentido sua falta. Graças a Deus tinha mandado a mensagem de texto. Era disso que precisava: de uma conexão com sua antiga vida. E não se esqueceria disso, ou dele, apenas por causa de seu recomeço. Patrick era família.

Agora, tudo o que precisava era expulsar Ranjit de seus pensamentos para sempre e estaria arranjada.



Capítulo 6

O longo fim de semana que Patrick passou em Istambul pareceu ter voado; antes que Cassie pudesse se dar conta, estavam se despedindo no aeroporto. Por melhor que tenha sido revê-lo, a menina estava estranhamente empolgada em mergulhar completamente em sua vida na Academia.

Enquanto andava pelo pátio, as gotinhas de água que espirravam da fonte a refrescavam do calor de verão. Ela parou, segurando seus livros, sorrindo e olhando para cima, para a estátua de Leda e seu cisne sob o céu aberto e notou que se afeiçoava cada vez mais pela pobre garota, seduzida por aquele pássaro lindo e selvagem. Cassie sabia exatamente como Leda se sentia...

Não mesmo — disse para si mesma com firmeza.

Leda devia ter dado o fora nesse cisne. Ou melhor, devia ter torcido seu pescoço magrelo. Com certeza, Cassie gostaria de torcer o de Ranjit. Engraçado que, mesmo depois das declarações grandiosas dele, ela não tinha visto nem sua sombra nos últimos dias. Sua recém-anunciada devoção obviamente não interferia em seu velho hábito de perder metade das aulas. Talvez tivesse partido como Indiana Jones, buscando a solução para todos os seus problemas. Ah, tá.

— Cassie!

Ela se virou e ficou surpresa pelo sentimento genuíno de alegria que sentiu quando viu quem vinha em sua direção. O sorrisinho insolente de Richard era contagioso e Cassie não pode deixar de retribuí-lo enquanto ele andava vagarosamente pelo pátio. Ao aproximar-se, foi beijá-la na bochecha e ficou surpreso com a permissão dela.

— Parece que você teve um momento difícil lá dentro — Cassie brincou, apontando a sala de Herr Stolz.

— Credo, nem me fale — disse, fazendo uma ceninha ao afouçar o colarinho. — Hoje, a aula de matemática foi agradável como o purgatório, Bell, não sei como consegue.

Cassie arqueou uma sobrancelha.

— Não seria tão terrível se você tivesse feito o preparatório, querido.

— Concordo. Talvez tivesse impedido Stolz de tirar seu suspensório num piscar de olhos. De qualquer forma, já chega sobre a chateação diária — disse, olhando para as brilhantes figuras de mármore. — E essas estátuas, hein? Não acha que seria mais apropriado Lo estar aqui, no lugar de Leda? Não sei se conhece a história, mas o safadinho do Zeus tem muito a dizer sobre Istambul...

— Acontece que conheço, sim — Cassie o interrompeu, sorrindo presunçosamente. — O velho safado do Zeus seduziu Lo, mas sua mulher ficou sabendo, então ele transformou a garota em uma vaca para escondê-la. Mas a Senhora Zeus não era fácil de enganar e mandou uma abelha para picar a novilha no traseiro. Lo pulou e correu pelo estreito o mais rápido que seu casco permitiu. Daí o nome Bósforo, que significa “passagem da vaca”. Hah!

Richard tirou o cabelo dos olhos, encabulado.

— Certo, você obviamente *faz* sua lição de casa! Linda e inteligente também.

Cassie ruborizou inesperadamente com o elogio dele.



— Bem, hum, eu retruquei porque quero ser eu a fazer comentários sinistros sobre divindades pagãs este ano — brincou, refazendo-se. Ele deu uma risadinha e Cassie notou suas covinhas. Será que já tinha notado isso antes?

Continue falando — Cassie pensou.

— Bom, você não acha que há certa obsessão pelos deuses por aqui? Tenho certeza de que é isso que deixa os Escolhidos tão...

— Metidos? — terminou Richard.

Ela riu; não conseguiu evitar.

— Sim.

Pensando na brincadeira desavergonhada de Isabella, Cassie o analisou outra vez enquanto ele remexia distraidamente as raízes de uma orquídea negra na pedra da piscina. Não tinha como negar, Richard *era* extremamente bonito, um sedutor e tinha aqueles olhos verdes e aquela boca *sexy*...

Mas, não. Seria uma loucura se apaixonar por alguém tão excêntrico. E, às vezes, Cassie não tinha certeza se sua atitude de “qualquer coisa vale” o favorecia. Quem sabe gostasse mais de garotos? E se as garotas fossem apenas uma mudança de cenário? Um feriado ocasional? Não que ela estivesse pensando em ser seu fim de semana. Não, de verdade... Excêntrico! Duvidoso, inconstante, frívolo... Mas, outra vez, tinha aquelas maçãs do rosto, tão definidas quanto os músculos de seu braço... Ah, para com isso, Cassie!

Richard olhou por baixo de seus cílios escuros.

— Ei, Cassie? — hesitou. — Estou agradecido, sabe.

— Pelo quê?

— Por você ter me perdoado.

— Bem, eu não disse que perdoei — Cassie levantou a sobrancelha. — É que, com Isabella ainda um pouco para baixo, se eu não falar com você, posso acabar perdendo um pouco da fofoca da escola.

Ele riu, sem graça.

— Então me deixe compartilhar algumas. O que vai fazer na sua tarde livre de hoje? Quer ir para *Beyoglu*⁴? Conheço um...

— Café pequeno e perfeito? — completou, imitando-o friamente, lembrando as palavras fatais dele em seu primeiro semestre na Academia. — Aham. Não, obrigada. Além disso, estava pensando em fazer um passeio cultural. A Mesquita Azul, talvez.

Parecendo magoado, disse:

— Ei, eu posso fazer algo cultural, Srta. Bell. Poderia mostrar a você o... Bem... — ao som de pegadas estalando no azulejo, ele olhou por cima do ombro dela e disparou um olhar nervoso. Retornando sua atenção, Richard piscou. — Acho que está na hora do meu chocolate quente. Mas vejo você mais tarde, Cassie.

Encarando-o, perplexa, ela olhou para trás.

Sir Alric Darke.

Ainda era o mesmo: alto, imponente, um sorriso diabólico e um brilho assustadoramente inteligente e poderoso em seus olhos cor de grafite. Mas Cassie não tinha medo, apesar de ele estar vindo em direção deles. Darke cumprimentou com a cabeça, parecendo achar ligeiramente engraçado o desaparecimento de Richard.

— Boa tarde, Cassie.

⁴ Beyoglu é um distrito da província de Istambul, região de Mármara da Turquia. As áreas mais animadas de Istambul, à noite, encontram-se neste distrito (N.T.).



Bem, o que ela esperava? Teria que enfrentá-lo mais cedo ou mais tarde e até poderia ser agora. Não que tivesse medo dele, não mais.

— Oi, Sir Alric.

— Bom ver que você está de volta.

Cassie riu internamente. O comentário parecia carregado de significado extra desde a votação do Conselho dos Líderes no semestre passado. Sir Alric continuou:

— O que está achando de Istambul?

Saco, ele tinha a clara intenção de parar para conversar. Engolindo uma resposta sarcástica, Cassie sorriu discretamente.

— É muito bonita. O que vi até agora.

— Fico feliz. Espero que todos vocês vejam muito mais. Que tirem o máximo proveito.

— Por que eu talvez não viesse para cá? — o comentário escapou antes que ela pudesse segurar sua língua.

Sir Alric a estudou por uns segundos; tempo suficiente para fazê-la se sentir desconfortável.

— Exatamente.

Cassie devia agradecê-lo — pensou quando desviou o olhar para a estátua.

Sem a intervenção dele, estaria com sérios problemas, por ter descarregado com toda a força seus poderes incomuns nas garotas Escolhidas, acima de qualquer suspeita, no Carnegie Hall. Este era o momento para dizer: *Obrigada por me defender diante do Conselho, Sir Alric. Obrigada por ter fé em mim. Obrigada por me salvar do Confinamento.*

Mas não conseguiu; simplesmente não conseguiu. O preço que Ranjit e ela pagaram foi alto demais. Eles não eram compatíveis, segundo Sir Alric. Não podiam ficar juntos; seus espíritos eram muito perigosos, muito voláteis. Ele não a teria salvado se o tivessem desobedecido. Não, Cassie teria ido para o Confinamento, presa indefinidamente. A ajuda era condicionada a obediência deles.

Desgraçado.

Sim — disse Estelle ferozmente. Sim, ele é.

Exceto que provavelmente esteja certo, Estelle. Perder Ranjit foi melhor. Nós duas sabemos disso...

Um sorriso interno do espírito e o silêncio estratégico. Estelle não disse mais nada. Quebrando o estranho silêncio, Sir Alric disse:

— Cassie, venha comigo um instante.

Ela não tinha outra escolha a não ser segui-lo. Foi conduzida pelo pátio e por caminhos isolados entre as plantas e não parou até que tivessem chegado a outro pátio, menor e pavimentado, atravessando um arco cheio de videiras. Alguns raios de sol refletiam nas janelas de uma estufa, repleta de orquídeas negras em vasos. Sir Alric passou por elas e foi até uma sala opulenta, que era indubitavelmente seu escritório neste semestre. Era bem mais escuro lá dentro, e as luzes dos abajures tremeluziam, fazendo as sombras saltarem. Será que sempre tinha de deixar seu escritório tão intimidador? Não era a primeira vez que achava Sir Alric completamente manipulador.

Cassie reconheceu a mesa habitual, o abajur, a prateleira, o globo antigo. Em uma prateleira alta estava uma linda urna entalhada que brilhava com a pouca luz do sol que entrava pela janela. Lembrou-se do semestre anterior também. Depois, cumprimentou com a cabeça a secretária de Sir Alric, que se retirou discretamente para a antessala.



— Esta não é a entrada usual deste escritório — ele disse, para começar. — Como regra, gostaria que você usasse os corredores.

— Como regra, eu o farei — disse, encolhendo os ombros. — Legal. Já está se sentindo em casa, então. Mas é um pouco diferente de Nova York, não é?

— Sem dúvida. Gosto de uma mudança no cenário — Sir Alric sorriu, ignorando seu tom frio. — Gosto de mudanças em geral. Há muitas em você, Cassie, se não estou enganado. Você parece mais feliz. Certamente muito melhor do que no último semestre.

— Sim... — respondeu.

— Você está se adaptando — Sir Alric afirmou. — A sua condição, quero dizer. E devo dizer que combina com você.

— Obrigada — murmurou.

— Então acho que você vai se socializar um pouco mais com os outros alunos neste semestre? — a voz dele era suave, mas não escondia sua seriedade. — É bom para os Escolhidos que fiquem unidos e nunca é saudável que rivalidades cresçam. Hostis, no mínimo. Inimizades, por assim dizer?

— Sim. Por assim dizer.

Mais uma vez, ele ignorou o sarcasmo.

— Seu espírito é poderoso, Cassie; você sabe disso.

— Como se Estelle me deixasse esquecer...

— E seu poder, em particular, requer responsabilidade.

— Ah, que bom — desta vez, conseguiu sorrir. — Agora sou a Mulher-Aranha.

Sir Alric sorriu com o canto da boca.

— Não serei o único a monitorar seu progresso, Cassie. Por favor, tente se lembrar disso. Você está aqui porque persuadi o Conselho dizendo que podia se controlar. Tenho certeza de que não irá me decepcionar — disse, tocando a pétala negra aveludada de uma orquídea sobre sua mesa. — Você é como minhas plantas aqui: perigosamente única. Sua iniciação foi interrompida por causa disso. Sou extremamente cuidadoso quando lido com estas orquídeas, Srta. Bell, pretendo ser cuidadoso da mesma forma com você e seu espírito turbulento. Foi o que prometi aos Líderes, como deve se lembrar.

— Acho que tenho alguma lembrança, sim.

Ao erguer uma sobancelha, olhou-a diretamente nos olhos.

— E, independentemente de meus alunos aprovarem-nas ou não, mantenho minhas promessas.

Cassie não pôde deixar de notar o aviso na expressão dele. Mais uma vez, demonstrou sua superioridade.

— Sim. Ok.

— Muito bom — ele disse, sorrindo outra vez como se tivessem tido uma conversa perfeitamente normal entre aluno e professor. Darke assentiu com a cabeça e sentou-se levantando uma pasta.

Era um sinal de dispensa. A secretária reapareceu e segurou a porta para a antessala. Nada de caminhar pela linda estufa desta vez. Acenando com a cabeça, Cassie respirou e andou devagar pelos corredores ricamente trabalhados em madeira, organizando seus pensamentos.

Droga. Darke sempre sabia como estragar um bom dia. Percebendo que suas mãos estavam um pouco trêmulas, segurou os livros com mais força enquanto atravessava o pátio.

— Ei — sentiu uma mão leve em seu ombro. — Já está encrocada, Cassie Bell?

— Hein?

Ayesha sorriu e indicou com o dedão a sala de Sir Alric.

— Vi que foi convocada.

Cassie deu um sorrisinho.

— Não é bem assim. Pode-se dizer que só levei um cartão amarelo.

— Não deixe que isso chateie você. Darke pode ser um pé no saco, todos sabem disso, mas é só porque se preocupa.

— Ah, geralmente ele age como um avozinho fofo — Cassie girou os olhos, mas caiu na risada. Ayesha também.

— Ouça, tomaremos uns drinques no quarto dos Escolhidos na quinta-feira, às sete horas, para celebrar o início do semestre. Vamos? — Ayesha arqueou a sobrancelha esperançosamente.

— Ah! Eu... Não sei...

— Não quer se unir a nós? Cassie! O que nos *poderíamos* ter feito para ofendê-la? — falou, fazendo um beicinho de brincadeira. — Na verdade, não responda! Apenas venha assim mesmo — ela riu. — Vamos recompensá-la. Cormac faz um senhor *Mojito*.

— Ah, nisso eu acredito — Cassie mordeu o lábio. — Mas não sei...

— Ei, olhe — Ayesha disse gentilmente. — Todos os problemas que você teve no semestre passado? De não se alimentar direito, perdendo o controle de si mesma? Nada disso teria acontecido se estivéssemos lá com você. Todos os Escolhidos devem tomar conta uns dos outros e não o fizemos.

Cassie se perguntou secretamente se Sir Alric tinha colocado Ayesha a par da conversa.

— Não foi culpa de vocês... — começou.



— Bem, não completamente, Cassie. Mas, ainda assim, precisamos recompensá-la pelo que não fizemos — Ayeesha deu um sorriso beatífico. — E alguns de nós realmente gostamos de você, apesar de todos os seus esforços.

Isso fez Cassie gargalhar.

— Ok, você venceu! Mas não farei parte de comitês, Ok? Ninguém vai me fazer comandar o amigo secreto de Natal.

— Certo. Mas esperamos que asse bolos e tricote bichos de pelúcia — Ayeesha piscou. — É sério. Não tem de se envolver mais do que gostaria. Queremos ser seus amigos, é tudo. Não significa que temos de fazer as mesmas coisas. E isso vai tirar Sir Alric do seu pé.

Cassie inspirou profundamente.

— Isso só pode ser bom, eu acho! Ok, estarei lá.

— Ótimo.

— E, Ayeesha...? Obrigada.

Com um último sorriso feliz, Ayeesha pendurou sua mochila no ombro e saiu. Cassie a viu partir, sem vontade de se mover até organizar seus pensamentos, suavizados pelo eco da água corrente da fonte.

As coisas estavam de volta ao eixo neste semestre. A malvada Katerina estava fora de cena; Ranjit também, pelo que constava e Jake não estava ali, o que era duro para Isabella, mas certamente deixava a vida mais calma no geral, sem sua sede de vingança... Todo o cenário era bem menos estressante.

Então, Cassie faria um esforço conjunto para se adequar. Qual era o objetivo de lutar contra? Qual era o objetivo de resistir a Estelle, rejeitando sua existência enquanto parte dos Escolhidos? Não havia como voltar atrás; todos tinham dito isso. Podia lutar até que caísse morta de tédio e exaustão ou poderia se esforçar.



Essa é minha garota, Cassandra — a voz de Estelle era suave e, pela primeira vez ela não se ressentiu disso. Essa é minha garota.

Capítulo 7

Cassie respirou fundo enquanto olhava atenciosamente os rostos ávidos dos alunos à sua volta. Ela amava viagens de campo, especialmente ali. Não que a Academia em si não fosse um lugar impressionantemente bonito para estudar e trabalhar, mas velejar pela cidade de Istambul, ver suas grandes jóias arquitetônicas de perto, era uma emoção. Além disso, talvez Cassie fosse um pouco como Sir Alric nesse aspecto, já que realmente gostava de uma mudança de cenário. Era como ter espaço para respirar, para pensar.

Os sons da cidade ficavam — de alguma forma — abafados na área do mosteiro da incrível Hagia Sophia por causa dos respingos das fontes de água. De pé no gramado com o resto da sala, Cassie olhava fixamente para suas imponentes torres e cúpulas, ouvindo apenas parcialmente enquanto Sr. Haswell apontava os azulejos de cerâmica Iznik e a beleza delicada de sua estrutura. Ela sentia o sol quente em sua nuca e, naquele momento, não estava tomando notas, apenas segurava seu caderno e se deleitava com a atmosfera.

Completamente relaxada, não estava esperando seu pescoço pinicar com aquele instinto agora familiar. Ao franzir a testa, coçou a nuca e se virou. De onde ele tinha vindo? Ela tinha certeza absoluta de que Ranjit não estava no barco com o resto deles. Mas devia estar, porque agora lá estava, prendendo seu olhar ao dela por um breve momento antes de se virar.

Legal da parte dele aparecer em uma aula — Cassie pensou sarcasticamente.

E ele a estava observando por um tempo; o formigamento em sua pele confirmava isso. No entanto, agora se misturava com o resto da sala enquanto se enfileiravam para entrar no prédio com a atenção aparentemente focada no altivo espaço interno.

A luz debaixo da grande cúpula tinha uma qualidade quase mística, como se a cúpula estivesse flutuando pelo ar. Ranjit olhava para cima, parecendo espantado, então olhou de relance para Cassie do outro lado da enorme câmara e começou a sorrir misteriosamente. Cassie apenas conseguiu evitar sorrir em resposta porque ele parecia... Bem. Muito bem. Não tão arrumadinho e polido como de costume; na verdade, estava com um visual completamente desleixado e seu maxilar estava escurecido por causa da barba por fazer. Mas isso só o deixou ainda mais lindo. Ela respirou, forçando-se a andar e ignorá-lo.

Ranjit não tentou segui-la, o que a deixou feliz. Quando a classe se dividiu em grupos menores, com tarefas as quais ela mal tinha ouvido direito, Cassie o viu se afastar da multidão e ir para outro lado sozinho. Enquanto isso, tirou um pedaço de papel de seu bolso, que desdobrou e examinou atentamente enquanto caminhava.

Ah, Cassie estava furiosa consigo mesma. Mesmo quando deixou discretamente o prédio principal atrás dele, estava furiosa. Qual era o problema dela em deixá-lo sozinho? Inferno, estava curiosa para saber o que ele estava armando, só isso. Curiosa? Fascinada. Ele não tinha nada que sair daquele jeito, agindo de forma misteriosa e...

Ranjit parou, inesperadamente, do lado das ruínas de uma antiga basílica. Cassie parou também, esquivando-se na sombra de uma parede e franziu a testa enquanto o observava. O rapaz estava estudando as ornamentações da pedra entalhada como se estivesse vendo o Santo Graal ou algo assim. Olhou ao seu redor, checando se ninguém estava por perto, então, abruptamente, tirou o celular do bolso com pressa e começou a bater fotos rapidamente.

Bizarro. Cassie se afastou de repente para evitar ser vista e porque não queria saber seja lá o que Ranjit estivesse fazendo. Também não queria que ele soubesse que estava sendo observado; andando a passos largos agora, parecia insensível, comparando ostensivamente a parede do antigo mosteiro com as fotos no guia de viagem. Cassie sacudiu a cabeça e deu meia-volta. Ranjit e seus joguinhos não eram interessantes. Pelo menos, não deveriam ser. Ela devia encontrar Isabella. O que não devia fazer — não, não e não — era atravessar a rua e investigar o que ele estava fotografando...

Ah, não conseguiu evitar.

Nada a ver com Ranjit — insistia em pensamento —, apenas uma curiosidade natural.

E, você sabe, talvez fosse algo interessante e histórico. Talvez algo que ela devesse ver. Ou algo que pudesse esclarecer um pouco o que ele estava fazendo no outro dia. Ou talvez algo que valesse a pena pôr em seu projeto?

Ah, Cassie, pare de se enganar.

Como parecia, era um desvio inútil. Talvez Ranjit apenas tivesse um fetiche por pedras entalhadas, porque não havia nada mais de interessante na basílica: padrões lindos e elaborados entalhados na pedra, mas desgastados, formando borrões e, se alguma vez significaram algo, já estava há muito tempo esquecidos. Cassie franziu a testa e sacudiu a cabeça, irritada, pois deveria saber, especialmente por causa das baboseiras que ele vinha falando ultimamente, que não valia a pena tentar entender o que Ranjit estava fazendo. Agora era realmente a hora de encontrar Isabella.

Não era difícil. Quando a encontrou novamente na frente do enorme edifício, sua amiga estava do lado de fora da enorme porta de entrada conversando com Sr. Haswell.

— Ei, Isabella, aí está você. Vamos checar as escrituras nas paredes? Temos as traduções? — Cassie ficou quieta quando notou outra pessoa alta, bem

familiar, a poucos metros de distância. Quando seus olhares se cruzaram, Sir Alric pareceu quase tão surpreso quanto ela em vê-lo lá. Respirando fundo, o coração dela ficou apertado conforme ele andava em direção a elas. Cassie forçou um sorriso.

— Sir Alric. Oi.

Ele retribuiu com um sorriso um pouco amarelo; na verdade, parecia ligeiramente nervoso.

— Cassie. Sr. Haswell — acenou com a cabeça para Isabella também, ainda parecendo um pouco desconfortável. — Não sabia que sua aula de história seria aqui hoje.

— Sim, foi uma decisão repentina — explicou Sr. Haswell, parecendo um pouco preocupado por talvez ter deixado escapar algum protocolo da escola. No entanto, Cassie não pode deixar de sorrir para o professor, de repente gostando ainda mais dele por ter pegado Sir Alric de surpresa, e perguntou:

— E você, Sir Alric? Fazendo alguma pesquisa?

— Não. Não, eu estava apenas visitando o lugar. Não venho a Istambul há algum tempo — sorriu discretamente para todos eles. — Vocês devem aproveitar esta visita ao máximo, meninas. Viram todos os mosaicos?

— Até agora, apenas o mosaico do Portão Imperial... — começou Isabella.

— Há muitos outros. Por que não procuram pelo mosaico do Imperador Alexandre? É difícil de localizar, mas vale a pena ver. No segundo andar — olhou para Cassie e Isabella com expectativa, que olharam uma para outra. Foram dispensadas, outra vez.



— E não se esqueçam do *mihrab*⁵, na abóbada — gritou Sr. Haswell depois que as meninas adentraram o prédio novamente. — Quero um estudo sobre o passado religioso do museu.

— Você já se sentiu como uma criança no primário? — murmurou Cassie enquanto saíam obedientemente.

Isabella deu uma risadinha.

— Sir Alric não parecia muito feliz em encontrar uma turma aqui. Provavelmente queria uma tarde de tranquilidade.

Sim — pensou Cassie, olhando por cima dos ombros para ver se Sir Alric tinha deixado Sr. Haswell e estava a caminho dos mausoléus.

Talvez fosse tudo o que ele quisesse. Um pouco de paz? Por algum motivo, Cassie achava que não, mas não se importou. Seja lá o que estivesse acontecendo com Sir Alric e com Ranjit, ela não se envolveria. Não mais. Até onde conseguisse, levaria o semestre na Academia Darke como uma aluna normal.

Não se subestime, minha querida. Somos qualquer coisa, menos normais.

Cassie sorriu ironicamente. Estelle estava certa. Só que, como estava completamente farta de segredos e mentiras, não iria deixar sua curiosidade levar a melhor. Deixaria isso para outra pessoa...

⁵ *Mihrab* é um termo que designa um nicho em forma de abside numa mesquita. Tem como função indicar a direção da cidade de Meca, para qual os muçulmanos se orientam quando realizam as cinco orações diárias. De uma forma geral, cada mesquita possui apenas um *mihrab*, que é frequentemente o ponto mais ricamente decorado (com motivos epigráficos ou vegetais). O *mihrab* pode ser feito em mármore, azulejo, pedra ou madeira (N.T.).



Capítulo 8

— Graças a Deus acabou — Isabella se jogou de costas na cama. — Nunca vi primeira semana pior que essa. Quantas aulas de matemática uma garota pode suportar? E quanto à química?! Chelnikov me *odeia*!

— Não odeia, não — Cassie largou uma pilha de livros em sua escrivaninha. — É que ele meio que gosta de seu material de laboratório intacto, mas não *odeia* você...

— Foi um acidente! — insistiu Isabella, tirando o cabelo do rosto e se sentando direito. — Ai, vamos esquecer toda a catástrofe. Alice sugeriu que saíssemos e conhecêssemos toda a Istambul? Podemos saber de todas as fofocas sobre Yusuf pelo outro lado, né?

— Estou dentro! — Cassie disse, rindo. Pelo menos, Isabella estava propondo fazer algo divertido. Mas então a expressão de Cassie desmoronou. Ela tinha esquecido...

— Que droga. Sinto muito, não posso. Desculpe, Isabella. Eu já prometi para Ayeesha.

— Prometeu o quê? — Isabella estranhou.



Cassie sentiu suas maçãs do rosto queimarem.

— Que iria ao quarto comum hoje à noite. Tomar uns drinques. Algum tipo de celebração dos Escolhidos pelo início do semestre — a voz dela titubeou.

Isabella pausou por um instante, incapaz de esconder sua decepção.

— Ah, certo.

— Ora, Isabella. São apenas alguns drinques. Não é como se fossem me engolir viva — Cassie mordeu o lábio. — Ouça, talvez eu possa encontrar vocês mais tarde. Ou... Imagino que possa cancelar?

Isabella sorriu, embora tenha parecido um pouco forçado.

— Não, Cassie, não. Isso é importante para você. Você tem de se socializar, conhecê-los melhor. Sério, não se preocupe. Está tudo bem.

Cassie se sentiu pior agora, quando Isabella estava querendo ser gentil com ela.

— Eu não sei...

— Você deve ir tomar seus drinques. Sério. Conto tudo sobre o restaurante depois — disse, com um sorriso astuto para Cassie. — Mas é bem bonito, aparentemente. Com vista para a cidade e para o mar, pelo que ouvi...

— Não — resmungou Cassie. — Eu preferia ir com vocês, honestamente.

— Da próxima vez, então — Isabella saltou e começou a inspecionar seu guarda-roupa. — Agora, deixe-me ver. Tenho de me vestir bem para um lugar tão especial. Talvez um *Hussein Chalayan*?

— Para! — Cassie se jogou na cama, desejando do fundo do coração nunca ter aceitado o convite de Ayesha e, que ao invés disso, fosse sair com sua melhor amiga e Alice. Então pulou quando sentiu seu telefone vibrar.

Cassie o tirou com pressa do bolso da calça jeans e espiou o nome no *display*. Chocada, lançou um rápido olhar para Isabella. A garota ainda estava em um transe de indecisão, segurando um vestido contra o corpo e franzindo a testa para o espelho.

Ranjit Singh, dizia o *display*.

— E agora, o que é que você quer? — Cassie sussurrou para o telefone. Respirou fundo de forma instável e depois, deliberadamente, colocou o telefone de volta no bolso. De jeito nenhum. Não quando já estava se sentindo tão mal por desapontar Isabella. Não quando estava tão nervosa por sua visita ao quarto comum, que era bem o tipo de ocasião na qual Ranjit a deixaria na mão. E deixou o telefone continuar vibrando; depois, deu um suspiro de alívio quando finalmente parou.



Você aguentou incrivelmente bem — disse a si mesma mais tarde.

Mostrou um controle impressionante, considerando tudo. Uma hora inteira se passou antes que finalmente cedesse e respondesse ao insistente bipe da mensagem de voz. Mesmo assim, só depois de Estelle insistir para que ela estivesse preparada, caso Ranjit tivesse planejado algo para o momento dos drinques.

Fechando a porta do quarto, parada no corredor, Cassie fechou os olhos e suspirou. Claro que tinha de ouvir. Acabar com isso. Senão jamais relaxaria para seu iminente suplício no quarto comum... Abrindo o celular antes que pudesse mudar de ideia, discou o número com força e colocou o telefone na orelha.

— Cassie — a voz de Ranjit parecia sem fôlego na mensagem de voz, desesperada. — *Sei que não vai responder, mas me escute. Por favor* — uma respiração entrecortada.

Há mais do que nervoso na voz — ela pensou, franzindo a testa. Havia uma grande empolgação reprimida.

— *Encontre comigo as sete, Ok? No meu quarto. Sem pressão, prometo. Eu sei... Escute, sei que não confia mais em mim. É justo. Eu decepcionei você, mas quero recompensá-la por isso, de verdade* — uma risada estranha. — *Deus, é tanta sorte que estejamos em Istambul este ano! Acredite em mim, Cassie, posso consertar isso. VOU consertar isso. Estou quase lá. Logo poderei... Curar velhas feridas, se você quiser* — uma pausa, então outra risada alta e irônica. — *Ou, devo dizer, “quebrar velhos laços”!*

Ranjit hesitou novamente, como se quisesse dizer mais e ela apertou mais o telefone contra a orelha; apertou tanto que doía. Mas não havia mais nada. Depois de uns segundos, a linha caiu.

Curar velhas feridas? O que isso significava? Além de uma besteira melodramática para levá-la ao quarto dele — pensou com raiva. *Quebrar velhos laços? Cretino!*

Então, Cassie pensou em Estelle, sobre se espírito partido, a parte que permanecia para fora e estremeceu... Ela não sabia o que tinha mais poder, a raiva que sentia ou a curiosidade insuportável. Bem, não, isso não era verdade. Claro que a curiosidade não venceria. Ranjit sabia disso, não sabia? O que, pensou enquanto corria para o quarto dele no corredor de cima, a deixava ainda mais irritada.

Não tenho certeza de que seja uma boa ideia, Cassandra...

Cassie ignorou a interjeição de Estelle. Checou o relógio enquanto hesitava na porta do quarto dele. Dois minutos depois das sete. Não o suficiente para deixá-lo esperando, mas teria que dar, porque tinha outras coisas para fazer, lugares para estar e não iria perder tempo por causa de Ranjit.

A batida na porta deve ter soado como se quisesse arreventá-la. A porta se abriu. Não era Ranjit, ela percebeu, dando um passo para trás de surpresa. Torvald, seu colega de quarto. Cassie não estava esperando por isso. Obviamente nem Torvald, que parecia um pouco confuso.

— Cassie? E aí? Como vai?

— Oi. Ranjit está? Recebi um recado dele.

— Não... — disse Torvald. — Na verdade, não sei onde ele está. Mas, você sabe, não é como se eu o monitorasse eletronicamente — completou, sorrindo friamente. — Talvez você tenha se enganado.

Cassie estava confusa.

— Mas ele me pediu para encontrá-lo aqui.

Torvald enrugou a sobrancelha.

— Ouça, Cassie. Não é da minha conta, mas você não está mais o enrolando, né?

Cassie piscou duro, chocada e irritada pela ironia da afirmação dele. Depois, respirou fundo e respondeu:

— O quê?

— Bem, é que Ranjit não tem sido mais o mesmo desde que vocês terminaram. Está ainda mais sério — rolando os olhos completou —, se é que isso é possível...

Cassie reagiu.

— Ele me pediu para encontrá-lo.

— Ah, é? Bem, ele não está aqui. Honestamente, não tenho ideia para onde ele foi — Torvald deu com os ombros.

A garota hesitou e sacudiu a cabeça.

— Eu não o entendo — disse sussurrando.

— Se serve de alguma coisa, Ranjit tem estado *bem* esquisito desde que você deu o fora nele. Eu também não o entendo, ultimamente.

Ele me deu o fora! Cassie queria gritar, mas não havia motivo. Não era culpa de Torvald.

— Bem, apenas diga para ele que não fiquei esperando, tá?

— Ok, sem problemas.

A menina se afastou e deu meia-volta, engolindo sua raiva por um segundo.

— Diga... Que estarei no quarto comum se ele quiser conversar



Capítulo 9

Que raiva Cassie tinha dos joguinhos estúpidos de Ranjit! Mas, pelo menos, a irritação distraía seus nervos enquanto se aproximava do quarto comum. Do lado de fora, as luzes brilhavam em castiçais de metal trabalhado presos à parede e a porta maciça parecia muito ameaçadora. Cassie ergueu o punho e bateu na escura madeira entalhada.

Pode ter sido um pouco violento — pensou, engolindo em seco quando a porta abriu e revelou os rostos dos Escolhidos, voltados para ela com expressões que variavam de curiosidade à leve surpresa e hostilidade extrema. Evitando os olhares, pôde notar que o quarto era opulento, rico, com vidros coloridos, arcos dourados e caros *kilims* e a luz era suave e oscilante. As janelas estavam abertas para os jardins; dava para sentir o cheiro da brisa salgada misturada ao perfume noturno dos gerânios.

— Cassie!

Graças a Deus um rosto amigo. Ayeesha correu e a abraçou carinhosamente.

— Estou tão feliz que tenha vindo. *Estamos* muito felizes! — o olhar de Ayeesha para vários de seus companheiros tinha um ar desafiador. — Entre, tome um drinque. Você já conhece todo mundo agora, eu acho. Ou, não... Venha conhecer Saski. Ela é do terceiro ano, eu não sei se já a conheceu...

Cassie sorriu de forma simpática para Saski, mas a garota não parecia nada além de triunfantemente empolgada com sua nova condição. Cassie dispersou a visão enquanto conversavam, focando no espírito que se abrigava no peito da menina. Uma áurea levemente poderosa com um elemento de malícia, ou talvez apenas de travessura.

Cassie deixou sua atenção recair sobre cada membro dos Escolhidos enquanto relaxava e conversava. Eram ainda como ela se lembrava deles. Os fortes e os fracos; os maus e os genuinamente bons. Os espíritos geralmente se agrupavam conforme o caráter e os mais tímidos gravitavam pela proteção dos mais poderosos. Um dos mais fortes deles, no entanto, ainda não estava à vista. Isso a deixou mais curiosa. Ranjit podia ser reservado, mas mesmo que não tivesse conseguido manter seu compromisso com ela, Cassie tinha a leve impressão de que ele iria tentar impor sua presença na festa de início do semestre; marcar seu território, por assim dizer.

— Ranjit passou por aqui? — perguntou casualmente para Ayeesha.

— Não — Ayeesha piscou, e foi aí que caiu a ficha. — Não, ainda não. Mas acho que deve vir mais tarde.

Cassie ergueu os ombros.

— Sei lá.

— Ah! Ah, entendi. Então, vocês não... Não tinha certeza se...

— Não, não estamos.

O queixo de Ayeesha caiu.

— Sinto muito, Cassie. De verdade. Você e ele eram...

— Sim — Cassie interrompeu. — Mas acabou. Completamente — e não dava para passar nem mais um segundo surtando por causa das idiotices de Ranjit.

Ayeesha hesitou e então sorriu, desculpando-se.

— OK. Desculpe. Olha, por que você não vem conversar com Yusuf e India? São sempre interessantes.

Cassie não estava certa de que concordava. Os dois alunos Escolhidos mais velhos pareciam um pouco distantes. Yusuf claramente se achava demais e tinha em India uma alma gêmea predadora. Estavam muito ocupados discutindo suas últimas conquistas românticas para incluir Cassie na conversa, mas eram muito engraçados ao mesmo tempo e pelo menos não eram visivelmente hostis como Mikhail e Sara.

Ela podia sentir *aqueles* olhares abrindo um buraco no meio de suas costas, embora fosse compreensível vindo da garota inglesa, por causa da surra que Cassie tinha dado nela no semestre anterior, quando sua “habilidade” incomum tinha mostrado a face pela primeira vez.

Ainda assim, Cassie não estava pensando sobre o passado e definitivamente não estava planejando gastar mais tempo pensando em coisas como Sara, ou até mesmo no maldito Ranjit Singh. Não. Estava se divertindo... Curtindo ser solteira. E pronta para agitar, como diria Isabella.

Então, só Deus sabia o porquê não conseguia tirar os olhos da porta de madeira. Deus sabia o porquê ficava ansiosa para que a porta se abrisse, para que uma figura linda e familiar aparecesse e sorrisse e fosse até ela e *pedisse desculpas*, que droga! Qual era a dele? Cassie nunca tinha tomado um bolo em um encontro que não tivesse marcado antes e isso não era exatamente lisonjeiro.

Falando nele...

Quando a porta finalmente se abriu, não era a pessoa que esperava, mas pelo menos era alguém bem-vindo. Richard. Se alguém nessa *soirée* fosse fazê-la se sentir melhor, provavelmente seria ele, pensou com apenas uma pontinha de má vontade. Enquanto o rapaz vinha em sua direção, elegantemente desviando

dos outros Escolhidos, milagrosamente com um copo em cada mão, ela foi tomada por um enorme senso de gratidão.

— Ei, Cassie — ele disse com um sorriso apreciativo. — Curtindo a festa? Gostaria que eu tirasse as facas das suas costas para que pudesse se sentar?

Rindo, Cassie tomou o drinque que Richard ofereceu.

— Saúde, amigo. Acho que posso lidar com eles.

— Não tenho dúvidas, Srta. Bell — disse, olhando sobre os ombros dela. — Sara e seu bando estão furiosos. É fantástico — falou, inclinando-se para chegar um pouco mais perto. — Claro que poderíamos dar a eles mais do que falar...

— Você tem mesmo que parar com isso. Pode iludir uma garota, você sabe. — Cassie tentou um sorriso sarcástico, mas se viu dando um passo para trás, ainda um pouco alarmada pela atração que sentia. E pela forma como a camiseta justa revelava os músculos do peitoral dele...

— É mesmo? — Richard perguntou inocentemente, ou seria esperançosamente? Cassie se ruborizou um pouco.

— Bem, para ser honesta, não pensei que fosse realmente seu tipo. Tinha a impressão de que você talvez, bem, jogasse mais no outro time?

Ele riu.

— Ah, tenho uma teoria para isso, na verdade: antes da minha introdução ao nosso querido grupinho aqui, eu era totalmente hétero. Acredito que seja meu espírito inoportuno que goste de brincar do outro lado. Asseguro a você que estou mais para o seu time. Ou gostaria de estar — completou, erguendo uma sobrancelha.

Cassie ficou boquiaberta por um momento e então não pôde evitar e caiu na gargalhada.

— Você não está falando sério.

— Estou, sim.

— Isso não é um pouco... *Inconveniente?*

— Ah, não sei. Sempre pensei em mim como alguém diversificado mesmo; então, por que não? O melhor dos dois mundos... É assim que encaro — um sorriso malicioso se espalhou em seus lábios.

— Meu Deus, bem que eu me perguntava — Cassie riu novamente, sacudindo a cabeça. — Você é um garoto de duas faces.

— E as duas são extremamente atraentes. Agora vamos, garota. Vamos nos divertir.

E foi tudo bem. Mais do que bem, na verdade. No fim, ela se divertiu muito. Quem conseguia evitar com Richard ao lado? Além disso, se Ranjit *tivesse* aparecido, o que teria dito a ele?

Ainda assim, de volta ao quarto, Cassie teve uma noite agitada com pouco sono e quase tudo por causa dele. Quem deixa a ex-namorada esperando se estava supostamente sofrendo por ela, de acordo com o colega de quarto? Se foi *ele* quem sugeriu o encontro? Foi melhor mesmo. Só teriam brigado. Sim, teriam uma daquelas brigas animais de furar os tímpanos e, se tivessem se encontrado no quarto comum, a briga teria sido na frente dos Escolhidos. Cassie não podia suportar isso.

Ainda assim...

Teria sido reconfortante vê-lo, mesmo de longe, mas Ranjit esteve absolutamente ausente em todas as aulas do dia seguinte. Nem sinal dele, mas Cassie se recusava a se preocupar. Não que ele nunca tivesse matado aula antes; afinal, tinha o hábito constante disso. O garoto era sua própria lei.

Ainda assim...

Última aula do dia e o calor na sala era sufocante apesar dos ventiladores girando gentilmente no teto. A voz de Madame Lefevre, sonora, porém tediosa, não estava ajudando e Cassie não conseguia se concentrar. Uma pomba havia pousado no parapeito da janela ao lado da persiana de treliça e pelo menos seu arrulho era consolador. Então tentou focar-se no pássaro, mas seus olhos continuavam a vagar pelos jardins frondosos. Será que ele estava lá?

Cassie ficou aliviada quando o dia interminável acabou e feliz também pela noite agradável. Ao voltar para o quarto e jogar a mochila sobre a cama, quase pulou quando Isabella colocou a cabeça na porta do banheiro e a chamou entusiasmadamente.

— Cassie! Oi! Como foi sua tarde?

Cassie olhou duas vezes e então sorriu.

— Oi! Você está de bom humor — um bom humor não convencional para Isabella nos últimos tempos...

Isabella pareceu um pouco evasiva por um instante, mas depois sorriu. Voltando para o banheiro, reapareceu segurando uma garrafa que parecia ter sido esculpida em cristal. O líquido âmbar dentro dela tinha um brilho quase nuclear.

— Xampu novo. Tão caro e eu nem sei se vai ficar bom no meu cabelo, mas me deixa *muito*, muito feliz.

— Só a etiqueta com o preço já deixa você feliz? — Cassie levantou uma sobrancelha; no entanto, estava ridiculamente contente por sua amiga voltar a brilhar.

— Você sabe que nada me deixa mais feliz do que gastar minha herança ajudando a economia, Cassie — Isabella piscou. — Ouça, o que acha de sairmos este fim de semana? Não passamos muito tempo juntas direito neste semestre. Podia ser como nos velhos tempos, não? Como nos velhos tempos... — ela sussurrou a última sentença para si mesma, mas pareceu parar quando



percebeu o olhar perplexo de Cassie. O que tinha causado isso? — Que tal? — continuou.

— Isabella, isso é ótimo — Cassie sentiu um alívio, apesar da origem desse repentino bom humor. Não via sua amiga tão feliz desde... Bem, desde o semestre anterior.

— É, não é? — Isabella concordou, fazendo “sim” com a cabeça alegremente.

Cassie retribuiu o sorriso entusiasmado de sua amiga, embora não conseguisse espantar a ideia de que algo estivesse um pouco estranho. Primeiro Ranjit e agora Isabella agindo estranhamente.

Tudo em um dia de trabalho na Academia Darke — pensou rindo para si mesma. Bom, e daí? Tudo o que importava era que Isabella estava alegre outra vez, quase de volta ao seu estado normal e Cassie não iria questionar muito a respeito. Desde que Isabella estivesse achando seu caminho de volta, Cassie não se importava, pois tinha sentido muito a falta dela, demais para balançar o barco agora...



Capítulo 10

Isabella jogou a mochila na carteira e se sentou, enquanto Cassie olhava em sua volta na aula de história. Parecia ter mais burburinho do que de costume, mais comentários furtivos sussurrados e uma empolgação reprimida. Até mesmo entre os Escolhidos, no seu local de sempre no fundo da sala, havia uma chama de energia tensa.

Sr. Haswell estava pedindo silêncio, pedindo que se sentassem, mas Cassie era uma Escolhida, não era? Nunca se impunha, ainda mais perto dos professores, mas talvez agora fosse a hora de começar; então foi direto até o fundo da sala e se inclinou para conversar com Ayesha.

— Ele não voltou mais — dizia Lara, a garota sentada ao lado de Ayesha.
— Ninguém sabe o que aconteceu.

Cassie a interrompeu.

— Não há motivo para pânico, né? Ranjit já ficou fora antes.

Lara piscou e sacudiu a cabeça.

— Do que você está falando?



— Não é nada sério — sussurrou Cassie. — Por que está todo mundo agitado por causa disso?

— Não é Ranjit — explicou Ayesha. — Todos nós sabemos como *ele* é; mata aula o tempo todo. É Yusuf.

Por um momento, Cassie sentiu como se tivesse caído num mundo paralelo.

— O quê?

— Yusuf Ahmed — disse Lara pacientemente, como se houvesse outro Yusuf na escola. — Não voltou para a Academia ontem à noite. Nem sinal dele hoje de manhã. As pessoas estão começando a se perguntar.

Cassie riu.

— Estão preocupados com *Yusuf*? Ele provavelmente dormiu na cama de uma mocinha e agora está sendo despejado pelo pai irado da garota.

Ayesha não riu.

— Acho que não. Eles encontraram a carteira dele perto das docas do Sultanahmet. Seu cartão de crédito, seu dinheiro, tudo sumiu.

Cassie não sabia o que dizer, e Sr. Haswell estava ficando bastante impaciente agora. Depois de voltar para frente da sala, sentou-se ao lado de Isabella.

Yusuf tinha perdido a carteira. E daí? Podia tê-la deixado cair. Pouco provável, mas mais provável do que ter sido atacado por um assaltante. Era um Escolhido, pelo amor de Deus! O ladrão é quem sairia perdendo. Ou talvez a tenha perdido em outro lugar. Um ladrão a encontrou, esvaziou e jogou fora. Era a única explicação.

Não é problema nosso, querida!



Tem razão — Cassie pensou. Não tinha nada a ver com isso. E provavelmente não era nada. Yusuf sabia tomar conta de si mesmo.

Mesmo assim, não conseguia parar de pensar... Não tinha sinal de Ranjit há dois dias e agora Yusuf tinha desaparecido também? Era uma coincidência um pouco estranha. Será que a ausência deles estava relacionada? Essa ideia ficou pesando na cabeça dela, apesar dos esforços em espantá-la.

Torvald: será que tinha ouvido alguma coisa? Se pudesse falar com ele, então talvez pudesse matar a charada de uma vez por todas; especialmente porque tinha prometido a si mesma não se preocupar mais com Ranjit. E não estava preocupada, estava? Apenas queria esclarecer as coisas.

Depois da aula, Cassie correu para alcançar Torvald, mas Sr. Haswell a segurou com uma pergunta sobre a lição de casa. Quando conseguiu se liberar, já tinha perdido Torvald e não fazia ideia de qual era a próxima aula dele.

Ah, deixa isso para lá. O que eu poderia fazer mesmo?

E em todo caso, não queria que Torvald contasse para Ranjit que o tinha procurado desesperadamente, que estava preocupada. Havia uma boa chance de Ranjit estar tentando deixá-la ansiosa, fazendo um joguinho idiota e manipulador. Cassie deixaria isso para trás e, com certeza, não seria condescendente.

Muito bem, minha querida. Ignore-o!

Gospodin Chelnikov estava menos inclinado a aceitar a fofoca do que Sr. Haswell. Enquanto os alunos se enfileiravam para o laboratório de química, o russo batia palmas, seus olhos azuis estavam tão frios e ameaçadores que até mesmo os Escolhidos se sentaram sem muita confusão.

— Silêncio, todos vocês. Sei que há rumores circulando sobre Yusuf Ahmed. É natural que todos estejam preocupados, mas Sir Alric me pediu que falasse sobre isso, já que está começando a importunar as aulas de hoje.

— Como vocês explicam... — interrompeu alguém na frente da sala.

— Ele não está desaparecido há mais de vinte e quatro horas — retrucou Chelnikov. — A escola já notificou as autoridades de que um aluno saiu e não voltou ontem à noite. É a única medida que precisa ser tomada agora. Yusuf tem uma natureza aventureira, então é bem possível que a noite dele tenha sido assim.

Algumas risadinhas pela classe e Chelnikov quase deixou um sorriso se abrir.

— Mas, senhor, e a carteira dele?

— Talvez a tenha perdido em circunstâncias que se sinta constrangido em admitir. Agora, toda a especulação vai *acabar*, pelo menos durante minha aula. Entenderam?

O professor estava certo — pensou Cassie enquanto tentava prestar atenção no livro. Yusuf era aventureiro. Ranjit, no entanto, ela tinha certeza agora, estava apenas tentando deixá-la preocupada ou magoada. Depois de ter sido dispensado na outra noite, talvez pensasse que, se a assustasse um pouco, ela voltaria atrás. Que perceberia num passe de mágica o quanto sentia falta dele e concordaria em seguir com seu plano... Ah, quem sabe? Cassie realmente não sabia o que pensar.

Isabella, no entanto, não estava tão incerta quando saíram juntas da sala.

— Isso é insano — disse firmemente. — Dois alunos desaparecidos do nada? Alguma coisa está errada. A escola devia fazer algo.

— O que fariam? Olha, você ouviu Gospodin Chelnikov. Yusuf nem desapareceu há tanto tempo assim. E é do tipo que se arrisca, mas vai voltar. Ranjit também.

— Estou um pouco surpresa por você estar sendo tão complacente — disse Isabella. — Especialmente sendo Ranjit um dos desaparecidos. Quero dizer, não está nem um pouco preocupada? Se fosse eu...

Cassie suspirou de nervoso.

— Olha, Ranjit nem é mais meu namorado. Não cabe a mim ir atrás dele! Claro que estou preocupada, mas não há muito que eu possa fazer, há? Tenho certeza de que ele vai aparecer e então só vou me sentir mais idiota.

— Ok, Cassie, tudo bem. Não vamos brigar por causa disso — Isabella cruzou seu braço com o dela. — Por que não vamos a algum lugar na ilha principal? Fazer algo para distrair nossas mentes?

— Bem, engraçado você mencionar isso, na verdade. Ayeesha e alguns outros estavam falando em ir para Beyoglu — Cassie limpou a garganta, com vergonha novamente. — Sabe, dar uma volta no Cukurcuma, fazer umas compras. Vamos com eles? Eu disse mais ou menos que iria...

— Ah, como *poderia* resistir a sair com os Escolhidos? Eu poderia carregar as sacolas deles...

Cassie ergueu a sobrancelha com o tom irritadiço de sua colega de quarto.

— Você falou igual a...

— Hein?

Jake — pensou Cassie, completando a frase em sua cabeça. Até mesmo com o humor de Isabella melhor não seria apropriado mencioná-lo, principalmente se estivesse tentando persuadir sua amiga a ir junto com os Escolhidos para a ilha. Ao invés disso, Cassie sorriu.

— Ah, vai, não seja boba. Nós é que provavelmente teremos que nos dividir para carregar as suas! Mas, ouça, sério, Isabella, não vou se você não gostar da ideia.

— Nesse caso... — Isabella pausou, então riu. — Não, tudo bem, vamos lá!

Nem tudo saiu exatamente como planejado, Cassie tinha de admitir para si mesma, enquanto seis deles negociavam nas ruas chiques e lotadas de gente de Cukurcuma. Tudo começou bem, enquanto exploravam as lojas de móveis elegantes, modernas, com portas de vidro que se apoiavam em construções históricas em pedras coloridas e ela tinha gostado de ver os móveis lindos e vívidos em pilhas enormes nas lojas de antiguidades junto a bacias de mármore *vintage* e tapetes complexamente trançados. Mas estava começando a ficar cada vez mais aparente que Isabella se sentia um pouco de fora quando Cassie tentava se integrar um pouco mais aos Escolhidos.

— Que tal esta penteadeira, meninas? — perguntou Índia enquanto admirava uma cômoda lindamente entalhada em uma pequena loja, em uma das ruas de pedra.

— Parece apropriada — respondeu Isabella, pouco se esforçando para guardar seu comentário para si. Cassie olhou para ela, advertindo-a.

— Sim, parece bom — disse, ignorando sua amiga.

Índia cerrou os dentes, visivelmente incomodada com a indireta de Isabella, e se voltou para as garotas Escolhidas.

— Vou pedir para enviarem para minha casa, então, o que acham? — e saiu em direção ao dono da loja com o cartão de crédito na mão.

Cassie ficou com vergonha. Alguns comentários levemente sarcásticos de Isabella estavam começando a se transformar em confronto direto e ela se sentia um pouco no meio. As outras meninas não estavam sendo tão inclusivas quanto poderiam, para ser honesta. E a tensão estava criando um clima pesado no passeio. Cassie tinha começado a se arrepender de ter convidado Isabella. Mas só de pensar isso fazia com que sentisse uma pontada de culpa. Depois de tudo o que Isabella tinha feito por ela... Depois de tudo o que Isabella tinha sacrificado...

Porém, pelo menos Isabella não estava se sentindo tão triste agora. Havia uma intensidade e uma faísca em sua depressão que eram estranhamente reconfortantes — mais parecidas com a velha e animada Isabella, mesmo que um pouco irritante. Sua atitude lembrava a Cassie cada vez mais o quão confiante e vivaz a menina argentina era antes, em tempos mais felizes, quando um certo alguém era o foco de quase todas as suas energias. Na verdade, se não a conhecesse bem, Cassie pensaria que Jake estava em contato com sua colega de quarto...

Mas é claro que não. Cassie saberia assim que o fizesse. Isabella a teria acordado às duas da manhã, pulando de alegria e deixando sua cabeça atordoada. Ainda assim, um clima era sempre um clima e Cassie podia ter cortado o clima entre elas numa boa, mas tinha de fazer amizade com os Escolhidos — e Isabella sabia disso. Além do mais, alguns deles eram pessoas bem legais, como Ayesha. Cassie os respeitava, gostava deles e não tinha mesmo muita escolha. Com certeza, Isabella podia entender isso, não podia?

Cassie nem podia fazer terapia de compras para se distrair como as outras garotas ricas da Academia faziam. Enquanto suspiravam e davam risadinhas por causa de outra bolsa minúscula e espetacular e Isabella fazia comentários críticos sobre seus gostos, Cassie tentava focar-se apenas no que estava ao seu redor. Alguma coisa além do clima tenso entre as meninas a deixou incomodada, mas não sabia ao certo dizer o que era. Um movimento, uma sensação estranha...

Estelle — pensou —, você está sentindo isso?

Sim, minha querida — veio a resposta ansiosa, mas a “conversa” de Cassie foi interrompida por mais uma disputa entre as meninas e se convenceu de que não poderia ser nada tão sério, ou Estelle a teria alertado antes. De qualquer forma, era bobagem, porque essa parte da cidade era deslumbrante.

As ruas se entrelaçavam entre as casas antigas com suas persianas pintadas e janelas com parapeitos transbordando gerânios. Apesar disso, tudo o que



Cassie conseguia pensar era que os pontos vermelhos pareciam muito com respingos de sangue. Quando uma pétala caiu na rua, ela se esquivou.

E então sentiu. Um observador. Virou-se, estreitando os olhos.

Sem chances. Estava imaginando coisas; seus nervos estavam à flor da pele, só isso. Estava no limite por causa de Isabella e... Ah, tudo mais. Quem a estaria seguindo em Cukurcuma? Não podia ser...? Com uma mistura de esperança e irritação, esperou para sentir a pontada familiar, mas não tinha certeza. Estava mesmo sentindo? Ou estava no limite, imaginando coisas? Estelle permanecia inutilmente calada. Talvez não fosse Ranjit, pensou irritada por sentir-se desapontada.

Mas então quem?

Cassie forçou-se a se interessar pela discussão sobre os últimos vestidos, consciente de que estava feliz demais e ridiculamente entusiasmada em engajar Isabella e as garotas Escolhidas em uma conversa única e amistosa. E tentando esquecer aquele sentimento também. Aquela coceirinha indefinida no meio das costas. Em silêncio por um instante e se afastando do bando de meninas, ela se virou sutilmente para espiar sobre os ombros. Outra vez, ninguém estava lá.

Mas, não. Tinha certeza de que estava certa da primeira vez. A força do olhar fixo era quase tangível. Não havia como — com seus sentidos aguçados de Escolhida — estar enganada. Dava até para dizer de onde estava vindo. De trás, pela direita. Cassie levantou a cabeça para procurar janelas com persianas, mas o sol estava em seus olhos e a pessoa estava a favor do vento, seja lá quem fosse. Seu corpo todo ficou imóvel.

Alguém está nos observando...

Estamos imaginando coisas — Cassie insistiu, sem convencer Estelle ou a si própria, sacudindo a cabeça impetuosamente. Não conseguia ver ninguém.

E, bem depois disso, perguntou-se por que ainda insistia em não acreditar em seus próprios instintos.



Capítulo 11

Culpa, minha velha amiga — pensou Cassie. *Aí está você de novo. Em parte, por causa do mau humor de Isabella* — disse a si mesma.

Se Isabella não tivesse começado a ficar tão emburrada com o fato de Cassie fazer o que *tinha* de fazer, ela talvez nem tivesse ficado tanto tempo com os Escolhidos. Acontece que percebeu que estava gostando da companhia deles cada vez mais nos últimos dias, apesar disso fazê-la se sentir duplamente mal por Isabella.

Reunindo forças enquanto os alunos saíam depois de o sinal tocar, Cassie decidiu fazer um esforço para sair com sua colega de quarto depois da aula de artes.

— Isabella — disse Cassie, virando-se para sua amiga. — Quer tomar um lanche?

Isabella sorriu breve e distraidamente.

— Sim, um segundo — respondeu virando-se quando Alice deu uma tapinha em seu ombro e começaram a conversar.

— Cassie! — chamou Cormac. — Vai para o quarto comum?



— Na verdade — Ayesha interrompeu —, acho que deveríamos ir até o refeitório hoje. O *chef* daquele restaurante incrível, Rami, é o convidado de hoje e seu *hunkar begendi*⁶ é o meu favorito!

— Ah, com certeza! — disse Cormac, passando a mão no estômago enquanto pegava a mão de sua namorada.

— Cassie? — Ayesha disse esperando por uma resposta.

— Ah, um minuto. Vou esperar por Isabella — Cassie olhou para o fundo da sala, onde Isabella ainda conversava com Alice.

— Ah, sim. Tudo bem.

Cassie ficou olhando os dois se juntarem a outros alunos Escolhidos e descerem pelo corredor, então suspirou. Na maioria dos dias, depois das aulas — nas quais vinha se esforçando muito, já que quase não conseguia pensar em mais nada — Cassie saía com os Escolhidos e quase se sentiu arrependida por ter dito que iria em seguida.

O quarto comum, por exemplo, começava a trazer a sensação de refugio: fechado, secreto, seguro. Os pequenos luxos que oferecia não faziam mal algum também. Claro que ainda havia pessoas que a odiavam lá, mas era surpreendente como era fácil ignorá-los. Eles nem a incomodavam mais; viu que podia ignorar os olhares e ficar numa bolha de superioridade que deixava metade deles loucos. Cassie sabia que ela e, mais importante, seu espírito eram iguais a qualquer um deles e melhor do que a maioria. Não tinha com que se preocupar. E, claro, ela gostava de muitos deles.

Quando Isabella finalmente encerrou a conversa com Alice e voltou sua atenção para Cassie, as duas ficaram num estranho silêncio enquanto iam até o refeitório. Cassie franziu a testa ao pensar que não seria fácil conversar com sua amiga e limpou a garganta.

⁶ Prato turco que tem berinjela como principal ingrediente (N.T.).



— Então, sobre o que Alice estava falando?

— Ah, mais problemas com garotos — disse Isabella, com um sorriso daqueles que carregam um segredinho e que fez Cassie se sentir estranhamente excluída.

— Ah, tá. Como sempre — não conseguiu deixar o desdém de lado. Parecia que Isabella estava mais interessada no que estava acontecendo com Alice nesse momento do que com sua suposta melhor amiga. Por sorte, o humor intempestivo de Cassie melhorou quando chegaram ao refeitório e ela viu uma mesa cheia de Escolhidos acenando para que se juntasse a eles.

— Olha ali o pessoal — disse com um aceno e começou a se dirigir automaticamente até eles.

— Hum... — Isabella começou, hesitante.

— Qual o problema?

Isabella deu uma olhada para outra mesa, onde Alice e outra menina estavam sentadas.

— É que... Bom, se você vai se sentar com Ayesha e os outros, então talvez eu pudesse ver se Alice está bem?

— Ah, tá. Sim, se você prefere... — Cassie disse, tentando não parecer magoada. O que estava acontecendo com Isabella ultimamente? Embora tentasse ao máximo incluí-la, ela não ajudava.

— Bem, sim. Mas vejo você mais tarde, tá?

— Sim, nos vemos mais tarde — Cassie tentou forçar um sorriso e um aceno alegre, ignorando a estranha sensação de que andavam em direções opostas para estarem com suas amigas. Bom, não nasceram grudadas, não é?

— Oi, gente — disse Cassie quando chegava perto da mesa dos Escolhidos, mas não conseguiu injetar muito ânimo ao seu tom de voz.

— Cassie! Pegue uma bandeja. Sério, este *chef* é fantástico — disse Ayeesha, empolgada.

— Então, não estou com muita fome — respondeu, fervendo por dentro de irritação.

Ah, mas ficaremos, minha querida. Você sabe que sou totalmente a favor de conquistarmos nosso lugar no grupo, mas devemos ser cuidadosas em mantermos feliz nossa fonte vital...

Cassie franziu a sobrancelha ao ouvir a interjeição de Estelle. Já estava incomodada o suficiente com os acontecimentos do dia sem os pitacos de Estelle. Tudo o que tinha feito era se esfolar para manter todo mundo feliz, *principalmente* Isabella. Mas tinha de colocar outros limites, concentrar-se em sua própria felicidade. Se isso significasse andar com os Escolhidos, então Isabella teria que entender.

Ok, tinha o lance do Jake e da Jéssica. Ok, então Isabella ainda se sentia fiel a Jake e sua busca insana por justiça; ou sua definição disso. Mas até parecia que Ayeesha ou India tivessem tido algo a ver com o assassinato da irmã dele. Das meninas que tinham feito isso de fato, uma estava morta e a outra, expulsa e marcada para o resto da vida. Katerina e Keiko não representavam os Escolhidos como um todo, pelo amor de Deus. Os Escolhidos eram muito mais do que duas pessoas podres como elas.

Cassie estava apenas concluindo seu rompante interno quando uma sombra cresceu sobre a mesa do pequeno grupo.

— Senhoritas.

— Sir Alric — India arqueou uma sobrancelha pela surpresa. — Não é sempre que o vemos por aqui — sorriu hesitantemente, olhando para os garotos brincando animadamente de luta na ponta da mesa.

Ele fez “sim” com a cabeça.

— Pensei que pudesse provar um pouco da comida, já que temos um convidado na cozinha hoje.

— Sim, de fato. Deliciosa — Ayesha não conseguiu disfarçar que estava perplexa e Cassie concordava completamente. E não gostava do modo como Sir Alric a encarava, cheio de perguntas queimando por trás dos olhos dele.

— Como estão as aulas?

Pergunta engraçada para a hora do almoço — pensou Cassie, embora India e Ayesha parecessem ansiosas em usar essa rara oportunidade para impressionar o evasivo diretor. Se pelo menos as conversas entre eles não acontecessem tão frequentemente...

Ela o observava atentamente enquanto as meninas ao seu redor disparavam respostas entusiasmadas. Ele estreitou os olhos para vê-la mais uma vez, embora estivesse se dirigindo as três meninas ostensivamente.

— Vejo que o senhor Singh ainda não está nos agraciando com sua presença.

— Talvez um dos meninos saiba onde ele esteja. Melhor do que nós, provavelmente — disse India, olhando para Cormac e os amigos dele.

— Duvido. De qualquer forma, os garotos não são tão sensíveis às coisas como vocês, estou certo? Pensei que alguma de vocês pudesse ter um pressentimento sobre onde o rapaz tem estado ultimamente.

Cassie não pode deixar de notar que ele estava mais uma vez olhando quase que exclusivamente para ela e sentiu um desconforto crescente. Será que estava sendo acusada de algo?

— Você sabe tão bem quanto eu, quanto nós, que Ranjit tem suas próprias regras. Não é tão estranho que esteja matando aulas, sempre matou. Não é culpa nossa. Ele entra e sai como bem entende. Dá o bolo nas pessoas quando quer também — Cassie adicionou amargamente.

Até mesmo algumas garotas Escolhidas pareceram chocadas pela forma como se dirigiu a Sir Alrie, que nem se importou.

— Bem, vou ficar de olhos abertos — Sir Alric disse suavemente. — Não há dúvidas de que nosso reservado amigo aparecerá mais cedo ou mais tarde — seu olhar intenso penetrou em Cassie. — Mas, se vocês o virem de repente, digam-no que eu gostaria de ter uma palavrinha com ele.

Assim que o diretor se foi, Cassie deu umas desculpas, despediu-se das outras meninas e foi para o quarto. Ele tinha conseguido irritá-la e, pior, tinha despertado outra vez as ansiedades dela. Além de tudo, estava cada vez mais alarmada com o estado de sua relação com Isabella. Pelo menos, gostaria de ter sua amiga por perto para desabafar.

Para seu alívio, parecia que Isabella tinha se sentido mal sobre o almoço também, pois cumprimentou a amiga com um largo e pesaroso sorriso enquanto Cassie fechava a porta e se jogava na cama.

— Então... O que aconteceu hoje foi um pouco estranho. Sinto muito, Cassie. Acho que precisamos nos adaptar aos novos estilos de vida uma da outra agora. Vamos seguir em frente, não é?

Cassie suspirou.

— Definitivamente.

— Bom, para fechar a refeição com chave de ouro, que tal uma noite de garotas no quarto? Trouxe uma garrafa de champanhe escondida... E vou buscar caviar e salmão defumado. *Blinis!* Podemos fazer um piquenique. Ouvir um pouco de música. Vou contar a você toda a fofoca dos não Escolhidos. Que tal? — os olhos dela estavam brilhando pela travessura, mas havia uma ansiedade por trás.

— Estou dentro — Cassie sentiu seu humor melhorar. — *Blinis* são meus favoritos! Podemos conseguir aqui?

— Sempre posso conseguir qualquer coisa — Isabella apertou o braço dela.
— Isso será muito divertido! Só você, eu e minha *nécessaire* de maquiagem.

O coração de Cassie partiu e não apenas por deixar seu rosto a mercê de Isabella.

— Espera, mas você não quis dizer hoje, certo?

— Sim, hoje à noite! Nada como o momento presente, Cassie Bell — Isabella riu e começou a olhar seus contatos do celular. — Vou ligar para o hotel preferido do papai aqui e ver se podem gastar alguns ingredientes com a filha de seu cliente preferido.

— Ah, Isabella, me desculpe — Cassie mal conseguia arranjar palavras para falar. — Eu disse que iria a uma... Uma festa dos Escolhidos hoje à noite.

— De *novo*? — Isabella não conseguiu disfarçar sua decepção. — Onde...?

— Numa outra ilha. Entre este lado e o lado asiático. Sinto muitíssimo, Isabella. Vamos deixar para a próxima. Tudo bem?

— Claro — havia uma frieza no tom de Isabella.

— Quero dizer, eu convidaria você, mas...

— É apenas para Escolhidos.

Cassie engoliu em seco, sentindo-se mal.

— Eles deixaram bem claro. Ou obviamente a teria convidado assim que soube.

— Eu compreendo. Em algumas situações, os Escolhidos aceitam o resto de nós, em outras... Bem. Eu compreendo. Espero que se divirta.

Cassie não suportou ouvir o tom seco na voz de sua amiga.

— Isabella, vai. Tenho certeza de que há coisas que você deseja fazer sem que eu encha o seu saco por uma noite. Daí teremos tempo para planejar nossa noite devidamente, fazer com que seja bem especial...

— Ah, tá — respondeu de forma bastante brusca e, para o espanto de Cassie, o rosto de sua amiga se iluminou, como se algo tivesse passado pela cabeça dela bem naquele momento. — O que estou dizendo? Você está certa. Olha, não peça desculpas, Cassie. *Eu* sinto muito! Isso foi muito indelicado da minha parte. Você deve ir e se divertir.

— Sério? — Cassie piscou em choque.

— Sério! Tudo bem, eu posso... Posso usar esse tempo para mim. Honestamente, de verdade! Vá e divirta-se.

— Se tem certeza...

— Claro que sim. Além disso, uma festa significa que ainda posso cuidar da sua maquiagem, não? — Isabella sorriu endiabrada. — Vamos deixá-la linda!

Falando nisso Cassie quase não ousava perguntar:

— Isabella, eu...

— O quê? Ah, sei o que é. Conheço este olhar — o sorriso de Isabella ficou um pouco mais forçado.

— Você sabe que eu não pediria. É só que...

— Não, Cassie, claro, tudo bem. Claro que precisa se alimentar. Não se preocupe, sério. Eu insisto. Eu disse, quero deixar você linda.

— Obrigada, Isabella. Eu agradeço.

Isabella respirou fundo e se iluminou novamente.

— Além disso, depois você *terá* que se submeter a uma transformação. Tem de dar o troco, Ok?

— Sim. O troco — Cassie resmungou, fazendo “sim” com a cabeça, porém desconfortável com o que dizia. Ela devia um pouco de controle de volta a Isabella depois de tudo o que a tinha feito passar, era verdade — Isabella... — Cassie abraçou sua amiga. — Você é uma estrela. Incorrigível, uma estrela.

Capítulo 12

A ilha tinha uma atmosfera diferente da Academia. Parecia de alguma forma mais descontraída, menos formal; mas tinha a mesma beleza e o mesmo aroma noturno e o pequeno palácio — Cassie deu uma risadinha interna com o conceito — compartilhava a mesma arquitetura esplêndida e decoração complexa.

Cassie estava ao lado de uma pedra balaustrada, com uma mão sobre a madeira quente e dourada de um arco e coquetel de champanhe na outra. Do outro lado do canal de Bósforo, azul-acinzentado pelo pôr do sol, ela podia ver torres e abóbadas iluminadas se destacarem no céu índigo e os gritos dos muezims eram perfeitamente audíveis no ar da noite. O encanto e a solidão faziam o coração dela doer no peito como o espírito partido de Estelle. Às vezes, era difícil distinguir o que era o quê.

Atrás dela havia um rebuliço de conversa, eventuais grunhidos, gargalhadas e a pulsação grave da música. Era uma boa festa, mas estava um calor sufocante na sala, com aquele teto magnífico em forma de arco e seus ricos tecidos escuros. Cassie tinha tirado os sapatos de salto de Isabella e estava curtindo o toque do tapete turco caro e macio no meio de seus dedos. Desejava que pudesse comprar um, mas, então, onde o colocaria? Na sala de TV em Cranlake Crescent? Sorrindo, deu mais um gole em seu coquetel, que sentiu subir direto para a cabeça.

Bem, de volta à luta...

Mas nem se importou em calçar novamente os *Manolos*. Cassie gostava da sensação dos pés descalços e não sentia necessidade de ficar mais alta. Os alunos Escolhidos estavam tratando-a com respeito agora; até mesmo os que não iam muito com a cara dela. As pessoas a cumprimentavam alegremente e a incluíam nas conversas. Todos eram ricos, elegantes e, quase todos, refinados. Ainda assim, os olhos deles pareciam atraídos por ela, como que por um imã, quando ela passava; e em mais de um daqueles olhares havia respeito e até um pouco de medo. Cassie gostava de ser uma Escolhida, o que percebeu com um choque de alegria...

Uma voz aguda interrompeu seu devaneio.

— Ah, vejam, se não é a fofa da Cassie outra vez? Belo vestido. Onde acha que ela conseguiu? *Primark*? Ou simplesmente “passou a mão”?

Cassie hesitou. Aposto que é Sara tentando estragar a noite. Dando meia-volta, olhou bem para o rosto da aluna do Liceu que estava no bar ao lado de Mikhail, para quem aparentemente direcionava seus comentários. O rosto de Sara se transformou com repugnância pela reação de Cassie, mas mesmo assim a menina recuou um pouquinho, lembrando-se, sem dúvidas, de como Cassie lidou com ela em um bar similar no Carnegie Hall em fevereiro...

Honestamente, a garota estava péssima. Será que tinha mesmo imaginado que Cassie ainda se importava com o que pensava? Ainda assim, era divertido ver o medo cruzar o seu rosto, seguido de ódio.

— Sozinha, Cassandra? — disse Mikhail, aproximando-se levemente de Sara, embora Cassie não soubesse se estava apoiando a garota inglesa ou buscando proteção ao formar uma dupla. — Sem par? Ah, é mesmo. Ranjit deu uma de Harry Houdini e desapareceu. Pobrezinha. Talvez nosso príncipe esteja atrás de um sabor mais sofisticado, já que botou o pé na favela no semestre passado — disse, arqueando uma sobrancelha explicitamente para Sara.

Cassie abriu os lábios para mostrar os dentes. A luz do quarto estava de repente um pouco avermelhada.

— Quer sair da barra da saia da Sara e repetir o que disse, Mikhail?

— Como ousa, sua pobretona? Quem você pensa...

— Gostaria de descobrir exatamente quem eu sou? — a vermelhidão tomou conta de seus olhos. Droga, ela não queria ter deixado que a afetassem. Se aquele imbecil não tivesse mencionado o nome de Ranjit...

— Cassie! Ei! — um braço escorregou pela cintura dela, surpreendendo-a o bastante para diminuir um pouco o vermelho dos olhos.

— Oh, Richard — disse Sara. — Vai se rebaixar?

— Bem, nós sabemos que ele não é muito exigente — completou Mikhail, maliciosamente.

— Você que o diga, Mickey, meu rapaz — Richard olhou seriamente para os olhos de Cassie, então olhou de volta para os dois com um sorriso inocente. — A Srta. Bell aqui não está um arraso? Vocês devem ser cuidadosos, pode ser perigoso até mesmo olhar para ela de um jeito torto.

Sara deu um passo involuntário para trás. Parecia furiosa consigo mesma, mas não escondeu seu nervosismo instintivo. Richard deixou para lá; tinha conseguido sua pequena vitória.

— Por favor, dance comigo, Cassie. Você é a garota mais bonita daqui. Não tem para ninguém.

Cassie sorriu. Não estava apenas contente com a diversão. Richard estava excepcionalmente bonito em seu *smoking*. E os olhos dele estavam iluminados por sua safadeza, o que inevitavelmente o deixava ainda mais atraente.

— Obrigada, Richard. Eu adoraria.

Ela não esperou para ver a fúria nos rostos de Sara e Mikhail, mas se virou e deixou Richard conduzi-la até onde as pessoas estavam dançando.

— Hum, um pouco romântica esta, não é? — disse com indiferença enquanto envolvia o pescoço dele em seus braços.

— Não sou eu quem está escolhendo as músicas — ele murmurou. — Você parecia precisar de uma fuga, uma fuga pacífica. E está mesmo fantástica, eu não estava brincando, então pensei que pudesse aproveitar a oportunidade que surgiu.

Cassie ergueu a cabeça para olhar para ele, esperando pelo brilho costumeiro de malícia em seus olhos, mas ele não estava lá. Em vez disso, o rapaz parecia quase melancólico. Um pouco afastado, olhou para o vestido vermelho de Isabella.

— É emprestado.

— E daí?

— E qualquer uma ficaria fantástica depois da ajuda de Isabella — isso era ridículo; ela se sentiu bastante envergonhada. — Você só está sendo charmoso mais uma vez.

— Não posso evitar. Está no sangue.

Falando em sangue, dava para sentir o dele. Dava para sentir o sangue pulsando nas veias dele, o impacto do coração contra seu peito. Isso poderia tê-la deixado nervosa, mas Cassie percebeu que gostava. Quase involuntariamente, aconchegou-se bem próxima a ele. Depois de ficar ligeiramente tenso de surpresa, Richard relaxou e a segurou bem perto.

— Droga — disse baixinho no ouvido dela quando a música mudou. — Eu odeio essa música.

— Que bom. Eu também — disse ao se afastar.

— Rápida demais para mim. Eu tropeçaria.

Cassie riu.

— Extremamente improvável — gritou, por causa do volume e da batida da música. — Acho que vou dar uma saída para tomar um ar, estou cozinhando — hesitante, disse: — Quer ir comigo?

Do lado de fora, pegando novos drinques para os dois, Richard se apoiou na sacada, ao lado dela, e lhe entregou um copo. Nervosamente, derrubou o drink em suas mãos. Mais uma vez, ela notou o quão forte as mãos dele pareciam, as juntas proeminentes, os tendões saltados. Bonitas mãos. Atraentes.

— Então... — Richard parecia procurar por assuntos seguros. — O que está acontecendo com Ranjit? — mas errou. — Eu, hum, não o tenho visto muito ultimamente. Vocês estão...

— Não — Cassie interrompeu. — Nós não estamos. Sabe do que mais? Não vamos falar sobre isso esta noite.

— Quer dizer que você também não sabe dele? Não o tem visto? — ele pausou. — Deve estar preocupada.

— Não — ela mentiu. O céu estava preto agora e as estrelas brilhavam sobre o mar e a cidade. E ela não queria pensar em Ranjit, não agora. Estelle ficava reclamando baixinho e irritantemente, no fundo do seu cérebro, um resmungo pela inferioridade do parceiro. Se ao menos pudesse calar a boca... O que ela tinha a ver com isso? Cassie nem pensava em Richard como um “parceiro”, pensava?

Mas, ainda assim, estava curtindo a proximidade dele, mais do que gostaria de admitir. O braço dele estava tocando o dela, e ela não queria se afastar. Na verdade, queria chegar mais perto. Quando pensou nisso, sentiu sua respiração acelerar. Estranho. Mas notou que era difícil recuperar o fôlego, porque o coração estava batendo irregularmente dentro de sua caixa torácica.

Surpresa, Cassie virou a cabeça e viu que ele a olhava com uma expressão que sugeria que sentia algo também. O mesmo choque, a mesma intensidade. Sem conseguir desviar seus olhos dos dele, Cassie respirou fundo e...

— Ei, vocês! Parem de se esconder!

Os dois se viraram ao mesmo tempo, quebrando o contato entre seus corpos. Richard falou um palavrão bem baixinho, com um sorrisinho nos lábios.

— Ayesha! E aí? — Cassie disfarçou sua confusão com um sorriso. — Onde esta Cormac? Está bem louco?

Ayesha riu e deu uma tapinha no braço de Cassie alegremente.

— Está, está bem. Estamos planejando uma ida até a cidade, dar uma olhada nas baladas. Para uma pesquisa sociológica.

— Parece legal, eu acho — Richard olhou para Cassie, erguendo a sobancelha.

— Mikhail disse que iria, infelizmente, mas vou garantir que se comporte — disse Ayesha, olhando furiosamente na direção do arrogante rapaz russo, que não notou, por estar enroscado com Saski. — Eu vi Sara e ele tentando provocar você mais cedo. Agiu muito bem, aliás. Já dei um sermão pelo modo como têm se comportado.

— Aposto que sim! — Cassie riu e sacudiu a cabeça. — Nada a ver com isso, mas, quer saber? Acho que vou encerrar minha noite.

— Mesmo? — disse Richard, com uma pontinha de decepção.

— Mesmo — tocou a mão dele e sorriu. — Nada pessoal, de verdade. Não é por sua causa e certamente não é por causa de Mikhail. É Isabella. Estou me sentindo um pouco culpada por tê-la deixado. Ela, compreensivelmente, tem achado as coisas um pouco difíceis ultimamente e não quero ficar fora por

horas. Se for para casa e fofocar um pouco, espero que ela me perdoe por não estarmos tão próximas neste semestre. E eu *devo* uma a ela por este vestido.

— Bem pensado — Richard se inclinou para frente e a beijou na bochecha, demorando os seus lábios um pouco mais do que o necessário, fazendo a pele dela se arrepiar.

Solteira e pronta para se apaixonar, Cassandra... Ainda irá tentar negar?

Cassie ficou vermelha, ignorando Estelle enquanto Richard continuava.

— Vejo você amanhã, talvez?

— Hum, claro. Vá lá, divirta-se. Até mais. Ah, mas, Ayeesha? — ela pausou.
— Não o deixe causar problemas, Ok?

Ayeesha soltou uma risada curta e irônica, nada feminina, então passou o braço pelo de Richard e o levou. Cassie assistiu a cena nostalgicamente e sacudiu a cabeça. Teria sido divertido; talvez divertido demais. Mas, para falar a verdade, ela estava feliz com a pausa. Precisava pensar bem e bastante sobre algumas coisas.

— Ei, querida, estou em casa!

Cassie entrou toda feliz no quarto que compartilhava. Tinha sentido falta de Isabella; uma noite fora não era o mesmo sem a argentina de cabelos esvoaçantes e cérebro ágil. As duas tinham que chegar a um consenso. A amizade de Isabella era a coisa mais valiosa do mundo para ela, pelo amor de Deus! Por uma fração de segundo, Isabella pareceu não tê-la ouvido. Estava em sua escrivaninha no canto oposto do quarto, descabelada e com a cabeça inclinada.

— Foi muito bom ver você — disse baixinho para seu *laptop*.

Estava distraída conversando pelo computador e levantou a cabeça, parecendo sentir a presença de Cassie mais do que ouvi-la. Então girou a cabeça rapidamente e encerrou a conversa. Um clique no mouse fechou a janela.

— Oi! — havia um tom avermelhado nas bochechas de Isabella.

— Ei! — jogando-se na cama mais próxima de sua amiga, perguntou sorrindo: — Com quem estava falando?

— Minha mãe. Ela mandou “oi” — o tom de vermelho se acentuou.

— Ah, e seu pai também?

— Não. Quero dizer, sim. Tenho certeza de que ele manda lembranças também — Isabella fechou o *laptop* apressadamente.

— Não, era só que eu, eu pensei ter ouvido... — uma voz masculina? Uma estranhamente familiar. Cassie sacudiu a cabeça. Podia ter audição de Escolhida, mas estava um pouco tontinha. Podia estar enganada. Talvez... Mas não era da conta dela. O mais importante era voltar a ser como antes com Isabella e não interrogá-la. — Tenho fofocas para *você*! — Cassie deu um sorriso enorme.

— Legal! — Isabella bateu palmas, relaxando sua expressão. — Essa é a única razão pela qual deixei você ir para a festa! Agora, antes de começar, espere cinco minutos. Eu guardei aquela garrafa de champanhe...



Capítulo 13

— Ai, ai, ai, ai — Cassie rolou para esconder o rosto, puxando um travesseiro para cobrir a cabeça e tampar a luz da manhã. O lamento distante do muezim e o leve arrulho de uma pomba ecoavam dolorosamente em sua cabeça. — Nunca mais — resmungou, com o rosto enfiado no colchão.

Longos minutos se passaram até conseguir se sentir confortável com a luz do novo dia. Piscando ainda grogue ao olhar para a outra cama, viu que sua colega de quarto ainda estava dormindo e roncando. O sono dos justos, pensou, rolando os olhos de inveja. Ai, caramba, até isso doía...

Tropeçando até o chuveiro, Cassie abriu a água quente com toda pressão, o que a fez se sentir melhor. A pomba marrom-rosada estava na janela do banheiro agora, gorjeando até não poder mais, mas parecia mais relaxante do que doloroso dessa vez. Fechando os olhos alegremente, deixou a ducha quente levar sua dor de cabeça embora.

Então, de repente, um grito perfurou a tranquilidade de sua mente. Um grito desesperado e muito assustador. A pomba voou de susto. Cassie fechou a torneira e ficou de pé por um instante, confusa, com o coração batendo contra o peito por causa do choque. Então, pegou uma toalha e correu de volta para o quarto.

Que alívio! Não era Isabella. A garota argentina ainda roncava em paz, com o rosto meio coberto pelo emaranhado de cabelos castanhos. Cassie pulou em um pé e depois no outro, se secando rapidamente e se perguntando se tinha imaginado o grito.

Mas daí aconteceu de novo, dilacerando o silêncio matinal. Veio de fora, do corredor, mas ecoava pelas persianas abertas do pátio. Pegando um jeans e uma camiseta qualquer, Cassie abriu a porta e correu em direção ao grito.

Quando encontrou sua origem, os gritos histéricos haviam se transformado em soluços de lamento. Agrupados ao redor da garota que chorava estavam outros alunos, todos vestidos de qualquer maneira e com diversos graus de espanto. A garota estava agachada no chão, mas de repente ficou de pé, debatendo-se e os afastando. Cassie correu em sua direção instintivamente, segurando os braços dela.

— Chiu! Fique calma. O que foi? Qual é o problema? Ei!

A garota se debateu por uns segundos, mas pareceu reconhecer Cassie quase ao mesmo tempo em que Cassie a reconheceu. Deus, era Saski! A nova aluna Escolhida do terceiro ano. Cassie deu um passo para trás, olhando-a fixamente, mas ainda segurando com força os braços da menina. A mesma que tinha visto pela última vez dando risadinhas nos braços de Mikhail, em direção ao píer para “pesquisar” alguns bares com ele.

— Fique quieta — sussurrou para a garota em prantos. — Fique calma! — voltando-se para o bando de curiosos, notou que não havia mais nenhum Escolhido. Ah, por isso as espreitavam com tamanha curiosidade. Respirando fundo, Cassie estufou o peito e relutantemente impôs sua autoridade de Escolhida.

— Ok, fim do *show*. Vamos, saiam daqui. Não percebem que a menina está chateada? — olhando para os mais relutantes, disse: — Sério, isso não tem nada a ver com vocês. Nós vamos resolver — os outros pareceram entender o que Cassie quis dizer com “nós”, mesmo que ela própria não tivesse certeza do que

os Escolhidos pudessem fazer a respeito de seja lá o que fosse que chateava tanto Saski. Ainda assim, era o suficiente mandá-los sair.

A multidão se dispersou, resmungando, de volta para seus quartos. Ignorando os comentários maldosos sussurrados a respeito dela, Cassie ajudou a garota histérica a se levantar e a conduziu até uma sala. Pelo menos, isso tinha acabado com sua ressaca.

— O que houve, pelo amor de Deus? *Ei!* Fique calma, Saski, vou tentar ajudar você!

A garota respirou com força algumas vezes, fungando e esfregando os olhos, e finalmente a tremedeira de seu corpo diminuiu o suficiente para que dissesse algo possível de se entender.

— M-Mikhail!

— Mikhail? — Cassie estreitou os olhos. — O que tem? O que ele fez?

— *Nada!* Nunca mais fará nada! Ah, meu Deus. Meu Deus. Ele está *morto!*

A respiração de Cassie entalou na garganta. Seus braços apertaram mais a garota. Seu coração batia violentamente.

— O quê? Não seja boba. Você teve um pesadelo...

— *Não!* Ele está morto. Está morto! — a voz da menina não era mais do que um suspiro agora, enquanto ela respirava com dificuldade, sugando todo o ar de seus pulmões. Cassie passou a mão na cabeça de Saski, tentando acalmá-la e ela finalmente conseguiu murmurar: — Fui encontrá-lo em seu quarto hoje pela manhã. Mas, assim que cheguei lá, alguns p-policiais chegaram e... O colega de quarto d-dele está com Sir Alric agora.

Saski perdeu outra vez a razão e as lágrimas voltaram a cair com toda força. Cassie percebeu os professores se juntando, o silencioso porteiro Marat ao

fundo e a garota foi finalmente tirada de perto dela e levada por Madame Lefevre, que sabia abraçar e confortar de modo muito mais eficiente.

Cassie se voltou para Chelnikov, chocada.

— É verdade? Mikhail está morto?

O olhar azul-acinzentado do professor de ciências não mudou.

— Você terá que conversar com Sir Alric sobre isso. Não temos liberdade para discutir o assunto. Agora, Srta. Bell, sugiro que retorne para seu quarto.

Cassie tomou fôlego para discutir, mas resistiu; não havia mais o que dizer. Qual seria o objetivo de tentar impor a autoridade dos Escolhidos a essa altura? Aquiescendo, fez o que o professor tinha mandado, com a cabeça girando. Assim que entrou em seu quarto, encostou na porta e soltou um suspiro abalado. Isabella estava acordada e exigia saber o motivo de tanta comoção.

— Ele o *quê*? — a voz de sua colega de quarto estremeceu.

— Morto — disse Cassie, engolindo com dificuldade. — Pelo que Saski disse.

— Isso é ridículo. Não. É insano.

Cassie sacudiu a cabeça e coçou o nariz.

— Aparentemente, não. Alguns professores pareciam saber disso. Isso é... Isso é inacreditável.

— É *mais* que inacreditável. Saski não explicou mais nada, Cassie?

— Não conseguia, está histérica. — Cassie sentia que estava quase lá também. Se Mikhail estava morto e Yusuf estava sumido, Ranjit... Então Ranjit... Não... — ela sussurrou, apenas para si mesma. — Não, ele está bem. Sempre está.

Nenhuma das duas se preocupou com a maquiagem. Desceram até o refeitório para o café da manhã em dez minutos, juntas com o que parecia todo o resto da escola, falando alto de ansiedade e espanto.

— É a maldição. É isso.

— Terei que ligar para meus pais, porque vão se descabelar se souberem.

— As aulas foram canceladas. *Como sempre*. Finalmente algum tempo para fazer um pouco de compras...

— *Torquil!*

— Credo, você soube...?

— Nunca gostei dele, mas, que horror! Coitada da Saski.

— Maldição, estou dizendo. A maldição da Academia Darke.

Cassie tentou ignorar toda a especulação enquanto ela e Isabella andavam e se sentavam com Alice.

— Vocês souberam do que aconteceu? — Isabella perguntou, segurando na mão de Alice, reconfortando-a. Alice parecia mais abalada do que os outros, porque passou por isso quando sua própria colega de quarto Escolhida morreu misteriosamente, em circunstâncias desagradáveis, não muito tempo atrás. Por sorte, não sabia que Keiko tinha morrido nas mãos de Cassie, defendendo-se da garota japonesa que tentava *esfaqueá-la* até a morte... Cassie estremeceu, tentando não pensar sobre isso caso a culpa quisesse atormentá-la.

— Sim. Bem, apenas o básico. Não nos contaram nada demais.

Sentindo uma mão em seu ombro, Cassie se virou: India. A garota Escolhida parecia dócil e quase assustada. Depois de se levantar, deixou India levá-la para o lado, tentando ignorar o olhar fixo de Isabella. Ela precisava de toda informação possível; qualquer coisa poderia ajudar. Ajudar a encontrá-lo.

— Encontraram-no às cinco da manhã — India murmurou, depois que se sentaram em um banco no pátio —, no Chifre Dourado, perto do porto. Deus sabe como chegou lá. Nós nos separamos dele em Beyoglu, mas não estávamos preocupados. Estávamos mais preocupados em levar Saski para casa, que estava bêbada demais para ficar de pé. Nunca pensamos que Mikhail...

— Não — disse Cassie. — Não iria. Ele era um... Um de nós. Deus, o que aconteceu?

— Ninguém sabe. Estão sendo extremamente discretos com os detalhes.

Aposto que sim — pensou emburrada.

Afinal, tinha sido o mesmo com Keiko. Cassie teve uma repentina e vívida imagem mental de Marat, na escuridão, bem debaixo dela, cobrindo os restos secos de Keiko com um lençol branco. E, antes disso, não tinham encoberto o terrível assassinato de Jess? Por que Sir Alric estaria molhando as mãos dos policiais de Istambul neste momento?

Alguém apareceu por trás das duas, inclinando o corpo para frente entre elas, apertando as mãos ansiosamente. Antonio, um Escolhido do quinto ano. Embora não o conhecesse bem, ele era relativamente amigável.

— Reunião de emergência depois do café da manhã, Cassie, India. Podem ir? É importante.

— Certamente que é — Cassie lançou um olhar irônico, então olhou para India. — Claro, estarei lá.

— Eu também — completou India.

— Bom. No quarto comum, às dez horas. Vejo vocês lá — Antônio se levantou e saiu em direção a outros dois membros dos Escolhidos, parecendo apreensivo e breve. Deve ter falado com todos eles, pois, quando Cassie chegou ao quarto comum, estavam todos lá. Ninguém parecia estar faltando, exceto Mikhail, claro.

E Yusuf, pensou, estremecendo com o incômodo.

E Ranjit...

Cassie sentiu uma presença amigável atrás dela e nem precisou se virar para saber que era Richard. Suspirou. Apesar das circunstâncias, não pôde deixar de sentir uma pontinha de alívio com a presença dele ali.

— Oi — ela murmurou.

— Cassie — ele disse, com a voz séria.

— O que aconteceu depois que saí, Richard? — perguntou, olhando para ele. — Você viu alguma coisa?

— Não — ao tocar em seu braço, ele a deixou arrepiada. — Eu saí cedo. Não tinha graça sem você lá — Richard mordeu o lábio, erguendo suavemente a sobrancelha.

Cassie sorriu. O rebuliço na sala morreu quando um dos Escolhidos mais velhos, Vassily, bateu um garfo de prata no copo.

— Estão todos aqui?

Ayeesha olhou ao redor da sala, contando.

— Sim.

— Certo. Podemos afirmar com segurança que temos dois membros dos Escolhidos desaparecidos e, agora, um morto.

Murmúrios de consentimento e preocupação surgiram.

— Acho que concordamos sobre uma coisa: estamos vulneráveis. E isso não é algo ao qual estejamos acostumados — Vassily respirou fundo. — Isso tem de parar.

— Mas como? — alguém interrompeu do fundo.

Essa única questão trazia mais problemas. Cada um, obviamente, tinha sua própria teoria, suas próprias respostas e, o medo os tinha deixado volúveis. Todos começaram a falar.

Cassie permaneceu em silêncio, ouvindo atentamente as sugestões e os argumentos deixando as perguntas gritadas baterem em seus ouvidos. Manteve a boca fechada; em parte, porque não pareciam estar chegando a lugar algum, mas principalmente porque um nome continuava a aparecer em uma frequência alarmante.

— Que tal, Cassie? — uma voz disse mais uma vez.

Ayeesha falou:

— Eu concordo. Cassie, não há dúvidas de que você lida melhor com Darke do que a maioria de nós; ele tem uma... Preocupação especial com você. Talvez seja disso que precisamos, hein?

Os olhares rapidamente se firmaram em Cassie, com nervosismo e respeito.

— Bem, e ela tem um interesse especial em... Vocês sabem quem — alguém sussurrou para algumas pessoas, que davam risadinhas.

— Sim. Acho que Cassie poderia nos representar — outro alguém disse.

— Ah, esperem um minuto — essa foi a vez da desdenhosa Sara. — Vocês não estão me dizendo que esta *bolsista maluca* irá nos representar? Não em meu nome, isso eu garanto.

— Ah, cala a boca, Sara — retrucou India.

— Cassie é a encarregada mais óbvia — disse Cormac. — Sir Alric gosta dela.

— Sir Alric está perdendo a razão.

— Isso é uma idiotice — gritou um aluno do outro lado da sala. — Com Ranjit fora daqui, ela é a mais poderosa de nós, sem contestação. É a melhor candidata.

Vassily bateu novamente no copo.

— A candidata indicada tem algo a dizer sobre isso?

Todos os olhares se voltaram para ela. Cassie respirou fundo.

— Vocês querem que eu fale com Sir Alric? Tudo bem, falarei com ele. Mas terão que me dizer o que querem que eu diga.

— Então, está disposta? — Vassily ergueu uma sobrancelha e então olhou ao redor da sala. — Alguma objeção? — assim que Sara abriu sua boca outra vez, adicionou: — Alguma objeção *racional*?

Sara se calou novamente, parecendo perversa, como alguns outros em volta dela, mas a maioria dos Escolhidos concordava com a cabeça, aprovando a indicação.

Sim, minha querida! Temos todos eles nas palmas de nossas mãos agora! Você é a escolhida deles!

— Obrigada, Cassie — Vassily dizia enquanto Cassie apertava o maxilar — Não é nada complicado. Como estávamos dizendo... Mikail está morto. Ranjit e Yusuf, desaparecidos. Os três não tinham nada em comum, além de seu gênero e o fato de serem Escolhidos. Então, a menos que haja alguma assassina feminista e louca solta por aí, acho bastante óbvio qual seja a conexão.

— E vocês querem que eu pergunte o que, exatamente? — insistiu Cassie.

Vassily pausou, olhando para alguns outros.

— O que Sir Alric sabe.

— O que *não* sabe — completou Antônio.

— Quando ficou sabendo — essa foi India. — E por que ainda não sabemos de nada. Por que estamos sendo mantidos... — fez uma pausa e sorriu sombriamente. — Na escuridão.

Vassily se voltou para Cassie.

— Você pegou a ideia.

Ela concordou com a cabeça. Desde a notícia sobre a morte de Mikhail, suas vagas preocupações com Ranjit tinham crescido para algo dez vezes mais assustador. Estivesse ou não encerrado o assunto entre eles, tinha de fazer algo de concreto e precisava fazê-lo *agora*.

— Espero que não fique emotiva com tudo isso — disparou Sara.

— Cassie é uma encarregada oficial dos Escolhidos — disse Vassily, deixando claro que não suportava Sara. — Acho que podemos confiar que não ficará *emotiva* — e olhou de forma rude para Cassie, que confirmou com a cabeça.

— Agora escolheremos quem irá acompanhá-la — disse, sentando novamente em sua cadeira. — Vamos fazer isso da maneira correta. Oficialmente. E então Sir Alric Darke irá nos contar o que sabe.

Capítulo 14

— Cassandra Bell — Sir Alric se levantou de maneira bem formal quando sua secretária abriu a porta para a delegação. Um sorriso de satisfação contraiu os lábios dele. Ao entrar na sala, olhou pela última vez para seus “assistentes”. Ayesha estava solene, mas Richard fez sinal com a cabeça para reafirmá-la quando Sir Alric os dispensou e fechou a porta. — Então, Cassie. Nada mais, nada menos do que a delegação oficial dos Escolhidos. Em dois semestres.

— Não ligo muito para isso. Não neste momento.

Depois, varreu a sala com os olhos. Havia algo de estranho ali desde a última vez. A começar pelo próprio Sir Alric, que parecia quase desleixado; bem, pelo menos para os padrões dele. O cabelo dele estava marcado de tanto passar seus longos dedos e sua gravata estava ligeiramente solta. Mal dava para ter certeza de que havia se barbeado. Quanto à sala, papéis, pastas e livros estavam espalhados. Cassie franziu a testa. E havia algo de diferente, alguma coisa faltando, mas não conseguia dizer o que ao certo, mas algo... O diretor deve ter notado a curiosidade dela, porque ficou bem evasivo e descontente de repente.

— Está um pouco bagunçado aqui; parece que guardei um arquivo no lugar errado. Vamos para a estufa?

Como sempre, não era realmente um pedido, então ela o seguiu. Ele nem olhou de relance para suas orquídeas quando passou por elas; isso sim era incomum. Cada vez mais curioso...

— Então... — Sir Alric ficou de pé, apoiado contra uma das paredes de vidro, ao lado de videiras rastejantes, e cruzou os braços. — Por favor, sinta-se à vontade para apresentar seu pedido.

Cassie limpou a garganta, pensando que devia seguir com as formalidades.

— Eu, *nós*, os Escolhidos, gostaríamos de ficar a par de quaisquer informações que tenha sobre a morte de Mikhail. Sobre o desaparecimento de Yusuf e... E de Ranjit — e respirou fundo, com raiva por ter titubeado ao dizer o nome dele. — Porque os Escolhidos acreditam que não deve haver mais cortinas de fumaça. Isso está nos afetando diretamente e temos o direito de saber — quando terminou, estava um pouco surpresa consigo mesma por quão severa conseguiu soar.

Sir Alric não respondeu imediatamente. Apenas concordava com a cabeça devagar, deliberadamente; e então colocou um fio de cabelo de volta ao lugar, antes de cruzar os braços de novo e finalmente olhá-la nos olhos.

— Eu garanto a você, Cassie, que a situação é incomum no sentido de que parece existir uma conexão entre esses desaparecimentos. Mas, assim como você disse para mim, Ranjit Singh costuma seguir um calendário próprio — fez uma pausa. — E, assim como já pedi a você, quero ficar sabendo se ele entrar em contato.

— O que o faria pensar que ele entraria em contato comigo?

— Vamos, Cassie. Sem joguinhos.

A garota se arrepiou. Ali estava Darke bem literalmente em teto de vidro e ia atirar pedras nela?

— Você parece muito certo de que tudo está bem com Ranjit.

— Nada é certo — respondeu, com olhos tempestuosos, severos. — Mas nós dois sabemos que, de todos, você é a pessoa mais provável que ele contate. É importante que qualquer coisa relacionada a esse assunto seja imediatamente trazida até mim — disse, arqueando uma sobrancelha em aviso.

Cassie apertou os dentes antes de respirar e falar novamente. Sua voz estava baixa, já que tinha de controlar o calor começando atrás de seus olhos.

— Se esta tentando sugerir que estou escondendo algo de você, está redondamente enganado. Não houve nenhum encontro secreto, nenhuma reunião clandestina, então você pode parar de sugerir que...

— Nem mesmo com um tal Sr. Johnson?

Cassie congelou.

— O quê?

— Você tem estado em contato com Jake Johnson?

A pergunta surgiu do nada, pegando Cassie completamente de surpresa. Foi um instante antes que pudesse tomar fôlego para responder. Mesmo assim, não foi muito bem-sucedida.

— Hein? — disse, sacudindo a cabeça, frustrada, então pulando ao ouvir a voz de Estelle ecoar dentro de sua cabeça.

O garoto americano! Nunca devíamos tê-lo deixado sair de nossas vistas!

Sir Alric uniu as sobrancelhas, observando-a muito atentamente. Cassie se recompôs antes de falar outra vez:

— Não vejo Jake desde o semestre passado. Por que o veria? Ele me odeia. Não me mandaria cartões-postais, obviamente.

— É mesmo?

— É mesmo. Não tenho motivo algum para mentir. Não sei dele. E Jake definitivamente tem motivos para me odiar, como o senhor bem sabe. Duvido que o veja de novo... — em um murmúrio, completou: — E vou passar o resto da vida recompensando Isabella por isso.

O olhar de Sir Alric permaneceu implacável, mas ele confirmou com a cabeça devagar.

— Então você não sabe que Jake voou para Istambul alguns dias atrás.

Cassie nunca pensou que ficaria tão chocada. Não conseguia pensar em uma só coisa para dizer, além de, mais uma vez:

— O quê?

— Ele está em Istambul.

— *Onde?*

Darke contraiu os ombros elegantemente.

— Não sei onde exatamente. Não conseguimos encontrá-lo. Ninguém o viu, e agora está escondido. Tenho esperado que apareça e até então não vi motivos para... Contar para ninguém — então parou e ergueu uma sobrancelha. — Por que você acha que Jake viria para cá, Cassie?

— Eu... Não sei. Acho que ainda... Ainda quer esclarecer a morte de Jéssica, claro — tentava parecer calma, mas percebeu que estava tremendo. — Isso é bem natural.

— Sim — Sir Alric confirmou com a cabeça. — É realmente bastante natural.

Cassie engoliu em seco.

— Você não acredita em mim?

— Sim, acredito. Acho que está claro que não sabe dele. E não acho que precise se preocupar com Jake em particular, já que ele não conseguiria ferir um membro dos Escolhidos.

O suor que contornava a linha de seu couro cabeludo devia ser óbvia. Cassie estava certa de que dava para perceber que não podia falar, pois não confiava em sua voz.

O punhal! O punhal sobrenatural e estranhamente poderoso.

Jake o possuía. Aquilo podia machucar os Escolhidos. Ela tinha visto acontecer. Lembrava-se do que tinha sobrado de Keiko: restos secos no formato da japonesa sobre um chão de mármore em Paris.

Depois de limpar a garganta, disse:

— Você ainda não me contou sobre Mikhail. E... Os outros dois. O que sabe?

Outra vez, Darke ergueu os ombros gentilmente.

— É porque sei muito pouco. Possivelmente, menos do que você.

Mantendo o olhar atento, ela disse:

— Se você diz... — tentava ocultar sua suspeita. Sir Alric a ignorou.

— Agora, uma palavra sobre seu novo... *Status*.

Cassie levantou o rosto.

— Prossiga.

— Estou contente que tenha chegado tão longe entre os Escolhidos em tão pouco tempo. No entanto, não fique complacente. Como bem sabe, você é especial, até mesmo para um membro dos Escolhidos — gentilmente, tocou a pétala negra de uma de suas muitas orquídeas enfaticamente. — Como lhe disse antes, você é única, mas isso significa que outros estarão observando. E as

pessoas podem chegar a conclusões precipitadas sobre... Situações únicas. Compreende?

— Está tentando dizer que alguém poderia me acusar de ter algo a ver com isso?

Sir Alric lançou um olhar severo.

— Estou dizendo que deveria levar a sério o que disse ao Conselho no semestre passado.

Não havia muito o que dizer a respeito. Então concordou e voltou ao escritório dele com toda a dignidade que conseguiu reunir. A secretária abriu a porta e a deixou fechar com um *clique* suave atrás dela. E, até que estivesse de volta aos corredores da Academia, Cassie sentiu seus olhos de granito perfurando sua espinha.

Capítulo 15

— Nada. Não me disse *nada* — Cassie ainda borbulhava de raiva, sentindo-se confusa e os outros Escolhidos não pareciam muito otimistas também.

— Sabia que essa garota seria inútil — murmurou Sara para uma menina a seu lado.

Os outros a ignoraram e Cassie também, que nunca tinha visto a elite dos Escolhidos tão inquieta, tão incerta de si mesma, tão... *Assustada*.

— Tem alguém querendo nos pegar? — Cormac finalmente disse o que todos estavam pensando.

— Parece que sim, não é? — disse Vassily. — E parece que não podemos contar com ajuda de Sir Alric.

Cassie fechou a boca, decidindo não dizer mais nada; já tinha feito seu papel, os outros que continuassem dali, pois tinha outras coisas com que se preocupar.

Como Jake Johnson estar em Istambul... Será que Isabella sabia? E, se sabia, por que esconderia isso de Cassie? Por que esconderia? A menos que Isabella soubesse de algo. A menos que Jake tivesse algo a ver com...

Meu Deus...

Cassie se sentiu mal. Se pudesse, teria saído correndo daquela sala direto para o banheiro, mas isso chamaria muita atenção e atrairia muitas perguntas. Tinha de haver uma explicação. Mas como poderia esperar que Isabella lhe desse explicações sobre algo tão delicado quanto isso? As duas estavam cada vez mais distantes desde que colocaram os pés para fora do *Mistral Dancer*.

Mas ainda eram *amigas*, não eram? Seriam amigas para sempre. Ou, pelo menos, era isso que Cassie pensava. Tudo em que conseguia pensar era no quanto precisava consertar a relação delas. Sabia que não tinha sido nem de perto a melhor amiga de Isabella: deixando-a de lado pela companhia dos Escolhidos, tratando-a como uma cidadã de segunda classe. E, ainda que o tivesse feito, também era culpa de Isabella, por ficar um pouco ressentida com o novo *status* de Cassie e manter-se tão distante dos outros Escolhidos...

Sua cabeça rodava. Também não sabia com certeza se sua colega de quarto *sabia* sobre Jake. E, se não soubesse... Bem, Cassie não seria a pessoa a contar. Mas não conseguia parar de se lembrar do momento em que voltou para o quarto. Uma voz masculina no *chat* on-line. Isabella estava tão absorta que nem a tinha ouvido entrar, a expressão no rosto da argentina quando finalmente a viu e a recente mudança em seu humor...

Uma voz disse o nome dela. Retornado, voltando ao presente, ela viu que os Escolhidos estavam todos de pé, falando baixinho, saindo em pequenos grupos.

— Cassie — chamou Richard outra vez.

— Perdão — disse, sacudindo a cabeça. — Estava longe.

— Percebi. Não é para menos. Gostaria que pudéssemos sair para um drinque. Esse é o problema de estarmos presos nesta maldita ilha, não é?

Cassie esfregou a testa, rindo um pouco.

— Não tinha pensado dessa forma, mas está totalmente certo. Suponho que seja de propósito.

— Sim. Estava pensando nisso. Que desgraçado — Richard riu, depois ficou sério. — Darke deixou você em apuros, não foi?

— Não é bem assim. Sir Alric foi perfeitamente educado e gentil, como sempre. Mas completamente inútil. E estou, hum... Confusa — suspirou. — E preocupada.

Richard enrugou a testa de preocupação.

— Bem, olhe, tem meia garrafa de vinho da festa. Por que não a pegamos e a levamos para a praia?

— Não acho...

— Escute, Cassie — disse, baixando o tom de voz enquanto saíam do quarto comum até a porta. Foram os últimos a sair. — Se for por causa da noite passada, sinto muito. Quero dizer, não quero que pense... Eu prometi que não causaria problemas a você. E não queria. Você... Parece estar precisando de alguém para conversar.

A garota sacudiu a cabeça com força.

— Não. Não é isso. De verdade.

— Tem certeza? — perguntou tão incerto que Cassie pôs uma mão sobre o braço dele e sorriu.

— Absoluta. E, na verdade, *gostaria* de caminhar na praia, mas acho que tenho de esfriar a cabeça, e não deixá-la ainda mais confusa — respondeu, evitando sorrir ao ver a expressão de leve desapontamento de Richard. — Acha que pode se contentar com uma *Coca-Cola* gelada?

— Seu desejo... — exclamou sorrindo e reabriu a porta do quarto comum, depois de uma reverência. — É uma ordem.

Os dois não caminharam. Cassie estava tão cansada que tudo o que conseguia fazer era sentar-se em uma pedra e beber com vontade da garrafa de *Coca-Cola* que Richard pegou do quarto comum. Ondas pequenas batiam ociosamente sobre a areia, com reflexos fluorescentes por causa do brilho das estrelas. Dava para sentir o cheiro das flores dos jardins, da fumaça e das chaminés da cidade e a gentil e sempre presente brisa do Bósforo. Algo pequeno fez barulho no matinho na beira da praia: um gato, talvez. Torres iluminadas e abóbadas brilhavam na linha tênue da cidade do outro lado da água brilhante.

Cassie precisava disso. Um pouco de paz, apenas por um momento, alguma coisa que exigisse pouco dela. E tomou o refrigerante novamente. Richard deitou-se ao lado dela, estirado sobre a pedra, com as mãos cruzadas sobre o estômago, olhando para o céu. Parecia estar indo longe para evitar tocá-la. Então, era engraçado que se sentisse mais confortável na presença dele do que tinha se sentido na de qualquer outra pessoa, pelo que parecia ser muito tempo.

Cassie pensou que os dois sempre se deram mais ou menos bem, até mesmo quando não gostava muito dele. Não era apenas o charme, era outra coisa... A vulnerabilidade dele, talvez? Ou apenas seu absoluto magnetismo animal, que também devia ter algo a ver com isso. Fechando os olhos, a menina sorriu para si mesma na escuridão.

Durante o último ano, apaixonou-se por Richard e foi decepcionada. Apaixonou-se por ele de novo, e então foi traída da forma mais horrenda possível, quando foi levada contra a vontade para ser iniciada na cerimônia dos Escolhidos. E, depois de tudo isso, o rapaz tinha, de alguma forma, conseguido se redimir mais uma vez, além de ser uma pessoa extremamente fácil de se conviver, o que também era algo que Cassie apreciava ultimamente, já que sua vida ficava cada vez mais complicada. Estar com Richard não era como sentir constante paixão, medo e desejo de estar... Junto da companhia de alguém. Ou falta desse alguém. Era, de certo modo, seguro. Confortável. Mas não sem *frisson*. Muito, muito legal, na verdade.

Cassie estava quase adormecendo agora. Quase tinha conseguido esvaziar sua mente de todas as crescentes preocupações, apenas por um momento. As ondas espumantes avançavam e recuavam sobre a areia, num ritmo hipnótico. Não havia nada que pudesse fazer sobre tudo aquilo neste momento. Quanto a Jake, o que estaria fazendo em Istambul, o que Isabella poderia estar escondendo, onde Ranjit poderia estar ou... Ou o que poderia ter acontecido com ele?

— Cassie?

— Hummm? — respondeu, perguntando-se preguiçosamente se Richard iria dar em cima dela; e decidiu, depois de pensar, que não se importava muito se ele o fizesse.

Mas o garoto não o fez. Apenas se sentou, apertou as mãos com força, como se estivesse rezando e disse:

— Tem uma coisa que quero lhe dizer.

Cassie apoiou a garrafa de *Coca-Cola* em um montinho de areia, equilibrando-a até que ficasse parada. Virando-se, olhou no rosto dele. Ainda estava focado no céu.

— Isso parece um mau sinal.

Richard encolheu os ombros de leve, de um jeito um pouco engraçado.

— É certamente importante.

Mordendo o lábio superior, sentia seu coração de repente bater mais rápido.

— Richard. É sobre Mikhail ou... Ou Ranjit? Os desaparecimentos?

— Ah, não. Embora os supersticiosos idiotas da Academia pensem ser tudo parte da mesma maldição.

— Não há uma maldição — ela zombou. — São apenas as pessoas loucas deste lugar, é só isso.

— Não poderia concordar mais. Ainda assim...

— Continue. Você queria me dizer alguma coisa — Cassie prestou bastante atenção no rosto dele. Queria ver cada expressão, reconhecer cada sinal de mentira ou traição, mas também percebeu que gostava de ficar olhando. Bem, Richard era um Escolhido. Claro que tinha um rosto bonito. No entanto, não gostava de ficar olhando para a cara da Sara, que também era uma Escolhida, por longos períodos.

— É sobre a Academia — disse, interrompendo os pensamentos dela. — Antes de você chegar. Sobre o que aconteceu. Sabe? Tudo aquilo, bem, o problema com Jess. Foi um momento muito difícil para a escola. Um pouco como agora, na verdade.

— Continue — Cassie prendeu a respiração, ainda observando-o, com a pulsação rápida e forte em sua garganta.

— Tem algo que quero... Não — Richard virou a cabeça para encará-la. — Tem algo que *preciso* contar para você.

O olhar dele, agora que tinha encontrado o dela, estava incrivelmente intenso. Por um breve instante, Cassie ficou com medo de continuar olhando, receando saber o que ele tinha para lhe contar. Era totalmente verdade; dava para ver isso no olhar agonizante dele. Então ela desviou o olhar para além da pedra, além da beira do mar negro e do tronco que rolava nas ondas, expulso e engolido de volta.

— É sobre o que aconteceu no Camboja.

— Richard...

— Por favor. Deixe-me contar o que aconteceu. Preciso lhe contar.

— Richard? — Cassie ficou de pé rapidamente, deu um passo para frente e parou. Estava paralisada, mas não pelo que estava ouvindo. A garota sentiu cada músculo de seu corpo tenso enquanto olhava o tronco, rolando na maré suave, que subia com a pequena onda e depois era arrastado de volta pela maré. Rolava e se mexia.

Troncos não se mexem. Não era um tronco.

Cassie deu um grito sufocado e pulou da pedra. Então ouviu Richard correr também, sem gritar por ela, pois devia ter visto a mesma coisa. Quando chegou na beirada da água, ele estava bem ao lado dela.

— Meu Deus — Richard suspirou.

Juntos, ficaram olhando para a coisa, engolida mais uma vez para o fundo pela maré. Um braço solto, uma cabeça irreconhecível e pernas largadas.

Um corpo.



Capítulo 16

Cassie se atirou na água, seguida por Richard, os dois se empenhando descontroladamente na escuridão. Era como se as ondas caçassem deles, suaves como eram. Com um gritinho, Cassie agarrou o que poderia ser os restos de uma manga, ou talvez pele, mas soltou quando viu o corpo ser sugado novamente pela corrente.

Frustrada, suspirou furiosamente quando Richard passou um braço em torno dela e a puxou.

— Vamos chamar alguém! — o garoto gritou, já segurando o telefone com a mão que estava livre. — Vamos pedir ajuda.

— Dane-se a ajuda! — ela gritou. — É tarde demais para *ajuda*!

Dito isso, libertou-se dele e cerrou os punhos. Não podia ser ele, *não podia*. Não quando se lembrava tão bem de sua vivacidade, de seus corpos estalando de desejo. *Não podia ser Ranjit*. Lembrando-se do Carnegie Hall, reunindo todas as suas forças, Cassie concentrou-se em um ponto entre si mesma e o cadáver.

Richard, assistindo à cena, afastou-se cautelosamente, com o telefone ao ouvido. Ignorando-o, sentiu o poder do espírito se estender para além dela, como tinha acontecido anteriormente. Fácil! Alcançou o corpo com cordas invisíveis de pensamento e a força o envolveu. Então o poder se intensificou.

A fosforescência das pequenas ondas estava vermelho-escarlate em seu campo de visão e elas não eram páreo para sua força. O poder estava totalmente fora dela agora, a maresia estalava ao chocar-se com ele. Cassie respirou fundo e trouxe-o usando a corrente invisível. O corpo veio facilmente até a margem e depois foi conduzido para fora da água até desabar como um saco vazio nas pedrinhas e na areia.

— Minha nossa — murmurou Richard, fechando o celular.

A menina fechou os olhos, cambaleando; não estava fraca, mas muito tonta. Em um segundo, Richard estava ao lado dela, segurando em seu braço para firmá-la, ajudando-a a arrastar a coisa grotesca para fora da água. O corpo solto e pesado arrastou muita areia, até que não conseguissem mais movê-lo e o deixassem cair, com o rosto para baixo, de qualquer jeito e, Cassie, sentindo um princípio de histeria e choramingando novamente, esgotada pelo esforço, aterrorizada em ver seja lá o que tivesse sobrado do rosto.

Os braços de Richard seguravam-na com força, virando-a de costas. Mas suspirou chocado no ouvido dela:

— Como é que você fez aquilo?

O rapaz não era o único a perguntar. Lentamente, Cassie começou a perceber vozes atrás dela, pessoas saindo da escola. Todos os Escolhidos, já que estavam tão perto do quarto comum.

— Jesus.

— O que é isso?

— Quer dizer, quem é...

— Você viu o que ela...

— Como é que...?

— Foi como no maldito Carnegie Hall. O que foi que ela fez?

— O que ela fez?

— Meu Deus...

Se não se calassem, iria matar um deles. Com lágrimas brotando em seus olhos, Cassie apertou as mãos contra as orelhas, calando o rebuliço, forçando até mesmo Richard a se afastar.

Então, pensou: *Por que estou aqui de pé?*

Antes que Richard pudesse segurá-la, saiu em disparada em direção ao corpo afogado, caindo de joelhos ao seu lado. Puxou o ar fazendo um barulho agudo, depois soltou um gritinho de repulsa, esticando o braço em seguida e colocando o corpo de costas.

Não. Não, estava sendo burra. Claro que não havia como reavivá-lo. Não havia rosto para receber o beijo da vida; nada restava além de uma vaga sombra semi-humana. Lágrimas escorreram sobre seu rosto e sobre o que tinha sido carne viva. Com pesar, ela soube. Com pesar, mas também alívio. Porque, por mais irreconhecível que estivesse, não era Ranjit. A menos que Ranjit estivesse usando o pingente de Yusuf Ahmed.

Cassie estava esticando o braço para tocar o distinto dente de tubarão de aura com um dedo trêmulo quando ouviu o grito imponente.

— Não o toque. Não toque em nada.

Ao se virar, com a visão ainda embaçada tanto por seu poder quanto pelas lágrimas, deparou-se com uma figura familiar se aproximando no meio de um grupo de alunos, que o deixava passar sem um pio.

— Afaste-se, Cassie — disse Sir Alric Darke.

Atrás dele, dava para distinguir a figura familiar de Marat, silencioso e intrometido como sempre. E, da mesma forma que o tinha visto fazer antes, o porteiro carregava um lençol em seu braço. Uma mortalha já pronta. Como se

estivesse esperando por esse momento. Sir Alric olhou para os restos de Yusuf com uma expressão indecifrável.

O que podia entender daquilo? — Cassie se perguntou. Pena? Pesar? Raiva?

Nada. Nadinha de nada. Exceto talvez por perplexidade.

— Não há mais nada para ser visto — disse Sir Alric bruscamente, virando o rosto para o bando de observadores. — Já chamei as autoridades. Voltem para seus quartos. E, pelo amor de Deus, tentem abster-se de quaisquer fofocas sem sentido. Vocês terão mais informações assim que eu souber de algo.

A multidão se dispersou, mas não havia como dissipar o ar de temor e a agitação que pairava sobre a praia. Cassie permaneceu onde estava, olhando fixamente para Yusuf até que Marat passasse rapidamente por ela e atirasse o lençol sobre o corpo. O gesto indiferente a fez recordar que era doloroso o que havia acontecido com Keiko. Sentindo uma terrível pontada de remorso, olhou para cima, para Sir Alric, que permanecia empedernido.

— O que houve com ele? — perguntou Cassie.

— Não sei muito mais do que você.

— Não? — disse, olhando furiosamente para ele.

— Não, Srta. Bell, não sei. Agora, Richard, Cassie, sugiro que descansem um pouco; vocês estão chocados, com toda razão. Verei os dois amanhã de manhã em meu escritório. Primeira coisa, se possível. E, Srta. Bell?

Deu para sentir o olhar duro dele.

— Cuidado onde demonstra seus poderes — disse, em tom ameaçador, ao se afastar deles e voltar-se para o fiel Marat e para o cadáver molhado e patético.

Richard segurou a mão dela enquanto subiam as pedras em direção à Academia. Cassie não se importou. Não pareceu uma investida, apenas uma tentativa de confortá-la.

— Sinto muito, Cassie — disse em voz baixa. — Você teve a pior sorte. Não deveria ter visto isso.

— Alguém tinha de ver.

— Estou feliz... — falou hesitante ao apertar a mão dela. — Estou feliz que não tenha sido Ranjit.

Com um riso nervoso, confessou:

— Eu também — então ficou séria muito depressa. — Mas, pobre Yusuf. Deus, me pergunto o que aconteceu...?

— Muita bebida. Escorregou e caiu.

— Ah, para com isso, Richard — lançou a ele um olhar descrente. — Você o viu assim como eu. Ele não se afogou.

Richard ficou em silêncio até que estivessem nos corredores da Academia e, então, manteve baixo seu tom de voz.

— Pode ter sido, Cassie. A água pode fazer coisas terríveis. Os peixes. Sabe?

— Richard, o garoto estava... Deus, nem consigo dizer — como um pedaço seco de carne encharcado pela água? Como saquinho de chá todo enrugado? Esfregando as mãos violentamente em seus jeans, tentou apagar a memória tátil. Como uma múmia ensopada. Era isso. O corpo tinha sido dessecado. E depois encharcado outra vez, deixando-o pegajoso como muco, mas ressecado primeiro. Cassie parou bruscamente, fazendo um barulho de repugnância, colocou as mãos na cabeça e fechou os olhos bem apertados. — Richard, caia na real.

— Tudo bem — ele falou. — Vou acompanhar você até o quarto.

— Não foram os pei... — hesitou. — Na verdade, sim, tudo bem. Isso seria ótimo. Obrigada.

Pegando novamente na mão dela, segurou com firmeza.

— Você não tem de se fazer de forte para mim, Cassie — disse gentilmente.
— Está assustada e isso é compreensível. Mais do que compreensível.

— Sim.

— Também estou — e a envolveu num abraço tão forte que deu para sentir a respiração dele em seu pescoço. Isso a fez se sentir enormemente confortada e estranhamente elétrica. — Boa noite, Cassie — disse num sussurro.

— Boa noite, Richard.

Ao vê-lo partir, uma pequena empolgação de luxúria deu espaço ao temor que se reafirmava. Por um instante, Cassie se sentiu tentada a correr atrás dele e se confidenciar, mas seria estúpido. Richard não sabia o que tinha acontecido com Keiko. E não dava para contar que Jake estava em Istambul.

E não poderia contar que o corpo de Keiko parecia igual ao de Yusuf logo depois de ter enfiado o punhal. O punhal que Jake ainda possuía.

Capítulo 17

Cassie parou com a mão na porta do quarto que dividia com Isabella e encostou a testa na madeira, tremendo pelos seguintes minutos, mas as coisas tinham ido além da educação, além da discrição, talvez além da lealdade. Tinha de conversar com Isabella sobre o que estava acontecendo.

Respirou fundo, abriu a porta lentamente e depois a fechou firmemente atrás dela, encarando sua colega de quarto, sentindo pela primeira vez como se mal a conhecesse. Ao olhar para cima, Isabella sorriu.

— Ei! Estava começando a me perguntar onde você se meteu. Quarto comum outra vez? — completou, erguendo uma sobrancelha sarcasticamente.

Cassie olhou para sua colega de quarto, confusa.

— Bem, sim, eu estava lá mais cedo. Mas não tinha nada a ver com uma ocasião social. Estávamos tentando descobrir o que está acontecendo. Como você deve imaginar, todos estão no limite.

— Sim, posso imaginar. Eu me sinto mal, isso tudo deve ser difícil para você — disse a argentina. Então parou, sorrindo estranhamente enquanto Cassie notava as sacolas de compras glamourosas ao lado da cama de Isabella — Sim, bem, fizemos compras hoje. Mas comprei uma coisa para você também... Olhe. Pensei que fosse animá-la um pouquinho — Isabella se inclinou para baixo e

arrastou uma das sacolas. — Você gosta? É de seda — entregou a ela um cachecol lindamente trançado, mas Cassie permaneceu quieta.

A única coisa em que conseguia pensar era: Isabella estava se sentindo culpada? Isso era realmente para *fazê-la* sentir-se melhor?

— Fomos a Hussein Chalayan e Umit Unal — Isabella continuou balbuciando. — Honestamente, Cassie. Se você pensa que sou um estrago com um cartão ouro na mão, você devia ver Alice...

Cassie olhava fixamente para sua alegre colega de quarto. Então percebeu.

— Isabella. Você não ouviu? Pensei que a notícia tivesse se espalhado como um raio.

— Ouviu o quê? — perguntou, retirando algo muito macio e caro de uma das sacolas.

— Isabella — Cassie se sentou na cama, agarrando um punhado da colcha para impedir que suas mãos continuassem tremendo. — Yusuf está morto.

Isabella congelou.

— O quê? Cassie... Como você pôde me deixar falar? Ai, meu Deus. Como?

— Foi encontrado... — Cassie respirou. — Quero dizer, eu o encontrei. Perto da costa da praia. Richard e eu.

— Mas. Isso... Isso é terrível!

— Você não saiu do quarto a noite toda? Não ouviu a comoção?

— Não, eu... Eu estava ocupada... Lição de casa...

O silêncio entre elas estava elétrico. Cassie estreitou os olhos, observando Isabella atentamente. Mas parecia que Isabella não desviaria o olhar tanto quanto ela. Não havia outra maneira, a não ser abrir a boca logo e perguntar. Por isso, respirou e fechou os olhos brevemente.

— Isabella, Jake tem entrado em contato com você? Preciso saber.

Os músculos do rosto de sua amiga enrijeceram e ela hesitou antes de responder:

— Por quê?

— Porque ele está em Istambul — disse, observando o rosto rígido de Isabella, desesperada por um sinal de choque, comprovando que não sabia de nada. A garota podia parecer contente, indignada, histérica de alegria, Cassie não se importava. Contanto que *não soubesse*...

Mas Isabella apenas socou de volta o vestido que estava tirando de uma sacola que parecia cara, antes de falar outra vez em um tom suprimido:

— O que a faz pensar que Jake esteja em Istambul?

Cassie apertou o maxilar.

— Sir Alric teve notícias. Jake foi visto.

— Ah — Isabella se virou para checar sua aparência, desnecessariamente, no espelho dourado. Cassie pode ver preocupação e pânico cintilando na superfície brilhante dos olhos da amiga.

— Isabella! — Cassie queria segurá-la, chacoalha-la. Então se levantou, cerrando os punhos. — Você não se importa com o que está acontecendo por aqui?

— Claro! — Isabella gritou, dando meia-volta. — Claro que sim. Sinto muito por Yusuf, mas não... Não posso fazer nada. O que espera que eu faça?

— Se o tivesse visto, não estaria tão indiferente — disse Cassie amargamente. — O corpo foi arrastado pela água até a praia. Richard e eu o encontramos. E... — enquanto hesitava, encarou Isabella, desesperada por algum sinal de sua velha amiga, que estaria tendo um colapso a essa altura. Mas Isabella estava como uma pedra, impenetrável. — E mal dava para reconhecê-

lo. Ele parecia... Parecia Keiko. Estava bem parecido com ela, depois que o punhal a atravessou. Esturricado. Mumificado.

— Ele parecia com a *irmã de Jake*, você quer dizer. Depois de *toda a força vital de Jess ter sido sugada* — o tom de Isabella ficou frio.

— Sim! Como Jess, então! Isabella, por que está agindo dessa forma?

— Eu podia perguntar a você o mesmo — a garota argentina se levantou abruptamente e a confrontou. — O que quer dizer, Cassie? Jake está com o punhal, você sabe disso tanto quanto eu. Mas você realmente acha que ele está percorrendo Istambul assassinando estudantes? Ah, você o conhece *muito* bem, não?!

— Isso não é justo...

— Por que não? — retrucou Isabella, com os olhos brilhando. — É mais justo do que o que está dizendo! Mikhail está morto? Yusuf está morto e parece que aquele punhal o matou. Ah, e Jake está por *acaso* em Istambul, o que você sabe apenas porque Sir Alric o espia! Meu Deus, você mudou!

Cassie ficou boquiaberta, sem conseguir falar, mas Isabella a encarava, de braços cruzados. Finalmente gaguejou:

— Sinto muito, Isabella, é que estou preocupada com Ranjit. Ele é o único que ainda não apareceu...

— Ah, *entendi*. E Jake pensa que Ranjit matou a irmã dele, então você está acusando Jake, que costumava ser seu *amigo*, Cassie Bell, de *tê-lo* matado! Como pode?

Isso foi a gota d'água e a raiva de Cassie voltou.

— Como eu *pude*? Jake faria qualquer coisa para se vingar de Ranjit! Ainda que não tivesse nem uma pequena prova de que houvesse feito algo com Jess! Ele é tão preconceituoso contra todos os Escolhidos que poderia...

— Ah, sim, os preciosos Escolhidos — Isabella sorriu desdenhosamente. — Seus novos amigos. Tão bons amigos que você não pode ser incomodada por seus velhos amigos. Sabe do que mais, Cassie? Vocês são iguais. Não foi um espírito qualquer que a mudou. Você fez tudo por si mesma!

— Isabella...

— Não fale mais comigo. Não quero ouvir — Isabella pegou sua bolsa e um suéter e saiu correndo pela porta. — Não quero ficar perto de você agora.

Não dava para ver Isabella partir, então teve que cobrir a boca com as mãos, piscando para impedir as lágrimas de choque e frustração, até que a porta bateu com uma pancada apocalíptica. Quando não se ouviam mais passos, Cassie se jogou de volta na cama sem acreditar em sua própria imagem refletida.

Com o coração batendo forte, Cassie colocou a mão no peito. Isso a fez se lembrar de Estelle, que, bem na hora, respondeu.

Cassandra, o que você fez? Já estamos com fome, minha querida, devemos ser cuidadosas, não devemos perdê-la...

— Cala a boca, Estelle — murmurou amargamente, porque se sentia podre. Completamente, extremamente, miseravelmente terrível. A última coisa que queria no mundo era brigar com Isabella e Cassie não dava a mínima agora para o fato de Estelle estar preocupada em manter seu apetite controlado.

Mesmo que aquela briga horrível fosse apenas a superfície, ela sabia. Isabella provavelmente estava querendo cuspir aquelas palavras na cara dela a maior parte do semestre e talvez houvesse alguma verdade nelas. Porém, tinha muito mais coisas ali. Cassie sabia o quanto Isabella amava Jake, conhecia a lealdade feroz e ardente, o quão violentamente Isabella defendia aqueles que amava; ela só nunca tinha estado do outro lado antes.

Mas havia mais. Isabella estava escondendo algo.

Não estava surpresa pelo fato de Jake estar lá. A Isabella que Cassie conhecia teria dado um pulo, berrando e exigindo que fossem procurá-lo no mesmo instante. Não, Isabella sabia que Jake estava em Istambul; e se sabia disso, era porque estavam em contato. Ela *não* faria isso.

E, acima de tudo, estavam a memória do corpo de Yusuf e a certeza de que o punhal era responsável por isso. E se... E se Ranjit... Não dava para adicionar tudo aquilo a equação. Restava apenas ter esperança. Esperar. Mas, desde que o tinham arrancado da mão de Keiko, apenas uma pessoa, além de si mesma, tinha tido acesso a lâmina.

Jake Johnson.

Capítulo 18

Cassie acordou desejando ter outra ressaca; qualquer coisa seria melhor do que se sentir do jeito como se sentia. Aquela pomba marrom estava agachada complacentemente no parapeito da janela outra vez, arrolhando sem parar, o que a fez atirar seu livro de cabeceira. Mas errou feio e a pomba voou com um indignado bater de asas. Com o silêncio reinstalado, ela caiu de volta na cama, até ouvir um muezim começar a chamar de alguma torre distante. Depois outro. Resmungando, a garota cobriu a cabeça com o travesseiro.

Tinha escutado Isabella sair uma hora antes, mas simplesmente não estava a fim de enfrentar sua colega de quarto; por isso, manteve os olhos fechados e a respiração regular e sua amiga saiu em um silêncio bem incomum. As duas sabiam que ambas estavam acordadas, mas seguiram com o fingimento.

E não que tivessem dormido cedo; Cassie a ouviu entrar de mansinho, bem tarde. Também suspeitou que Isabella soubesse que estava acordada naquele momento, mas, assim como nesta manhã, as duas fingiram que não. Nenhuma palavra foi trocada desde a amarga discussão.

E nesta manhã, Isabella acordou e saiu sem ao menos um bom-dia. Cassie se sentou e passou as mãos tristemente pelo cabelo. Desde quando sua amiga escolhia tomar o café da manhã cedo? Toda essa situação era insuportável. Era inútil tentar voltar a dormir com a cabeça girando desse jeito e ela não podia

culpar de fato o muezim e os pássaros. Cassie foi para o chuveiro, percebendo por que odiava os sons da manhã. Até mesmo por um dia, sentia saudades do ronco de Isabella, seus ruídos e bocejos altos enquanto despertava; sentia falta do seu animado falatório matinal sobre ser tão cedo.

Enquanto se arrastava para a aula de matemática em agonia, Cassie se sentiu mais sozinha do que nunca. Ninguém parecia querer conversar ou sentar-se ao lado dela; ninguém sequer olhou-a nos olhos. Talvez estivesse ficando paranóica, mas Herr Stolz era o único rosto amigável na sala, até Richard, Ayesha e Cormac chegarem; mesmo os outros Escolhidos a ignoraram. Na sua frente, pelo menos. Pelas costas, estavam prestando bastante atenção nela.

Cassie não pode deixar de perceber os sussurros, os olhares, os resmungos a parte. Sem risinhos: pelo menos, não estavam rindo dela. E, apesar de aguçar sua audição para conferir, até agora não havia feito mais nenhuma descoberta brutal.

Herr Stolz devia estar ciente sobre os acontecimentos da noite anterior e sobre a participação de Cassie, porque estava a gentileza em pessoa, sendo muito atencioso, distribuindo sorrisos encorajadores demais e ultrapassando a cota justa de perguntas. Ajudou, pelo menos um pouco. Ela amava matemática: sua certeza, sua simplicidade, sua capacidade de desviar os pensamentos de ter encontrado um cadáver ensebado e mumificado na soleira de sua porta.

Equações — pensou. *Deus, eu as amo.* Embora soubesse que Richard a estava olhando discretamente, preferiu não retornar seu olhar. A álgebra era muito mais reconfortante.

Reconfortante? Então, de onde tirou a ideia de que Richard estava remotamente inquieto? Talvez fosse apenas a lembrança de seu último encontro, de como tinha terminado...

Quando o sinal tocou, Cassie estava envolvida o bastante para sentir pena pelo término da aula. Poderia estudar o dobro de matemática ainda. Porém,

estava contente por finalmente conseguir alcançar Torvald antes que o garoto saísse da sala. Então deu uma tapinha no ombro dele, que se virou com o rosto sério, como se pudesse adivinhar o que ela queria perguntar.

— Ouça, eu... Estou ficando muito preocupada com Ranjit. Você sabe de algo, ele teve que ir embora ou algo assim?

Torvald olhava para ela com cautela.

— Eu ia perguntar a você a mesma coisa.

Cassie piscou.

— Como eu iria saber?

— Bem, primeiro pensei que pudesse ser coisa dos Escolhidos. Sabe? Nem sempre sei o que está acontecendo. Pensei que pudesse ser... Uma emergência.

— Eu também. Pensei talvez em algo com a família dele — Cassie mordeu o lábio. — Ele não mencionou nada?

— Não. Simplesmente desapareceu — Torvald inspirou profundamente. — Olha, aviso a você assim que souber de algo — Cassie concordou com a cabeça, vendo que a expressão de Torvald era de preocupação e dúvida, como a dela.

Ela suspirou enquanto saía da sala, pois temia passar pela fila de Escolhidos que fofocavam no corredor; e que, com certeza, pareciam prontos para um combate.

— Meu Deus, se não é a Maldição de Cassandra! Saiam enquanto puderem!

Sara parecia determinada a cutucá-la em cada oportunidade pelo que aconteceu no Carnegie Hall, pensou enquanto tentava passar pela pequena gangue. Engraçado é que estivesse com medo de enfrentá-la sozinha; sempre precisava de um grupinho ao seu redor, o que era de se esperar, mas será que algum dia se cansaria de importuná-la?

Não...

— Primeiro Mikhail, agora Yusuf. Eu me pergunto quando a pobretona considerará sua vingança completa. Talvez esteja guardando o melhor para o final.

Cassie parou. Segurando seus livros com força, deu meia-volta e encarou Sara.

— O que está dizendo?

Sara não respondeu diretamente para ela. Examinou as unhas com uma expressão entediada, mas suas companheiras olharam furiosamente para Cassie como uma manada de vacas malevolentes.

— Imaginávamos que a triste e pobre garota do abrigo deveria ser grata. Nós a trouxemos para os Escolhidos, demos a ela poderes além de sua mais louca imaginação. E, vamos ser francas, de *nossa* mais louca imaginação.

— Engraçado. Se bem me lembro, os covardes que tão generosamente me iniciaram nos Escolhidos pareciam muito contentes em esconder suas identidades dentro de encantadores *capuzes* — Cassie provocou.

— Bem, sim. Mas é por isso que você fez tudo isso, não é?

— Yusuf e Mikhail estavam... Estavam no Arco do Triunfo? — Cassie percebeu que estava tremendo.

— Ah, não banque a inocente, isso *não* combina com você — Sara riu ironicamente. — É melhor que eu me inclua, não é? Visto que também estava lá. E sim, Yusuf e Mikhail, claro, mas é tarde demais para aqueles pobres coitados.

O sangue subiu pelo rosto de Cassie.

— Não sabia de nada disso! Nada disso!

— Claro que não. Querida.

— Como poderia saber quais de vocês estavam lá? Essa era a ideia, não era? O que você acha, que tenho visão de raio-x ou algo do tipo? — retrucou.

As pessoas começaram a se afastar das duas, trocando olhares preocupados, mas Cassie mal notou.

— Vai saber como *você* descobriu essas coisas — Sara replicou. — Você parece ter todos os tipos de habilidades estranhas e eu certamente conheço seu temperamento, sua garotinha pobre; ou, deveria dizer, quando perde seu temperamento. Ah, a propósito, todos estávamos nos perguntando quando o corpo inchado de Ranjit vai aparecer boiando na costa. Aposto que o cara está arrependido de ter pisado no departamento romântico da favela...

— VACA! — gritou Cassie, perdendo a compostura, esquecendo-se até de seu poder, simplesmente derrubando os livros para avançarem Sara com as próprias mãos. Mas, quando Sara se esquivou rapidamente para trás, alguém se colocou entre elas, segurando Cassie pelo braço.

— Ignore-a — sussurrou Richard assertivamente no ouvido dela. — É isso que ela quer.

Ofegando, Cassie sentiu as pontas de seus dedos perfurando o bíceps dele com raiva, mas o rapaz não recuou e se voltou para Sara como uma cascavel.

— Afaste-se, sua metida — rosnou.

Alguns alunos ficaram chocados, mas Sara já tinha recuperado sua fria dignidade e os acalmou abanando suntuosamente a mão e depois apontou um dedo na direção de Richard.

— Verme — disse lentamente. — Está se corrompendo tão rápido que estará girando em seu túmulo em breve se não for cuidadoso.

Richard seguiu seu próprio conselho ignorando Sara e arrastando Cassie de lá, que estava feliz por ele ajudá-la quando suas pernas tremiam tanto, mas não tão contente por tê-la impedido de abrir a garganta de Sara com os dentes.

— Vamos lá — o rapaz murmurou. — Você não pode se deixar levar. Não deve. Em vez disso, por que não volta para o seu quarto e rasga alguns travesseiros, hein, linda?

Sem conseguir conter uma breve gargalhada, embora estivesse perigosamente perto das lágrimas, disse:

— Não encostei um dedo em Yusuf ou em Mikhail, eu juro.

— Claro que não. Não seja ridícula. E não deixe que isso a afete.

Seu caminhar era um misto de fúria e tristeza. Se pelo menos tivesse se lembrado de usar seus poderes; se não tivesse agido como a velha Cassie de Cranlake Crescent... Ah, teria acabado com Sara... Ou talvez, apenas talvez, ela a tivesse matado. Cassie estremeceu violentamente.

Voltando a si, reconhecendo os tapetes, os castiçais e os entalhes de seu próprio corredor, dispensou Richard gentilmente. Respirando fundo, virou para olhar para ele.

— Richard — disse, segurando as duas mãos dele e apertando-as com força entre as dela. — Como você suporta isso? *Diga para mim.*

— Suporto o quê? — a cortina habitual estava se fechando de repente e o início de um sorriso falso começou a surgir nos lábios dele.

— Pare com isso, Richard. Pare de fazer brincadeiras a respeito disso! Sabe o que quero dizer: eles o tratam como um cachorrinho! Quero dizer, às vezes o mimam e às vezes o que agrada as vossas majestades é dar um belo chute no seu traseiro — sentindo o veneno em sua voz, ela engoliu em seco, tentando muito se controlar. Lutando para não ver o mundo em vermelho-escarlate...

O sorriso diminuiu e ele a observou muito atentamente.

— Bom, isso incomoda você? O jeito que me tratam?

— Sim! Incomoda demais!

Mais uma vez, um sorriso começou a despontar, só que, desta vez, era genuíno.

— Bom saber que se importa — disse quase para si mesmo.

O nó apertado de raiva se desfez instantaneamente, deixando Cassie tão fraca que quase tropeçou, e a menina suspirou exausta quando ele a segurou pelo braço.

— De qualquer forma, acho que sabe a resposta para sua própria pergunta, já que nem todos nós podemos abrigar um espírito tão poderoso quanto o de Estelle Azzedine — respondeu, encolhendo os ombros. — Quanto ao meu espiritozinho... Não sei como durou tanto, para ser honesto. Não sei quem o hospedou antes de mim, mas creio que sempre tenha jogado dos dois lados. Sempre escapando por um triz, imagino, enquanto o resto dos Escolhidos se estapeia — agora era a vez dele de soltar o ar.

— Dane-se isso — Cassie contrapôs. — Há pelo menos um de nós com o qual não pode brincar.

Richard sorriu e concordou com a cabeça.

— Entre em seu quarto — disse ao colocar a mão nas costas dela, conduzindo-a gentilmente até a porta. — Você precisa descansar.

— Obrigada — girou a maçaneta, sorrindo discretamente. — De verdade, Richard. Obrigada — Mas, assim que deu um passo para dentro, Cassie congelou. — Meu Deus... — respirou.

Richard estava de volta ao seu lado num instante, olhando para o quarto junto com ela.

Todos os rastros de Isabella tinham desaparecido. As fotos, os livros, o iPod. Tudo tinha sumido de sua cabeceira e a pilha caótica de maquiagem tinha sido levada da penteadeira. Quando Cassie correu para o guarda-roupa e abriu a porta, viu que estava sem os vestidos e os casacos, os suéteres e os sapatos. O

mesmo com o interior das gavetas. Os projetos da escola e o *laptop* também tinham desaparecido. Cassie ficou de pé no meio do quarto, esperando que o mundo todo caísse sobre sua cabeça.

Richard estava sobre a cama feita de Isabella, levantando um envelope branco.

— Ela deixou um bilhete — disse. — Acho que é isso.

Cassie pegou o envelope, rasgando-o com o dedo. Levou apenas um instante para ler a letra feia de sua melhor amiga. Então caiu sentada na cama de Isabella e quando Richard sentou-se ao lado dela e colocou um braço em seu ombro, não foi espantado.

Cassie derrubou a carta, que flutuou até cair no chão.

— Isabella se mudou para o quarto de Alice. Apenas por um tempo, é o que diz. Para ter tempo de pensar — disse, fazendo careta para evitar cair em prantos. — Não é para sempre, aparentemente. E só *por agora*.

— Nossa... — Richard a apertou. — As coisas estão complicadas entre vocês, né? Mas isso é um pouco chocante.

— Pode-se dizer que sim — Cassie limpou o rosto com a manga da blusa.

— O que aconteceu entre vocês? Foi jake?

Cassie fez que sim com a cabeça.

— Minha culpa. Nós escondemos dele o fato de me alimentar dela. Quando descobriu, ficou com raiva, saiu muito nervoso. Não o vejo desde então. Obviamente tem sido muito duro para Isabella lidar com isso.

Permaneceram sentados em silêncio enquanto pensavam a respeito. Finalmente, Richard suspirou e esfregou suas têmporas com os dedos da mão que estava livre.

— Você não o tem visto desde então?

— O quê?

— Disse que *você* não o tem visto, Cassie. Ouvi a ênfase.

— Sim — respondeu em voz muito baixa. — Esse é o problema. Jake está em Istambul.

O corpo todo de Richard congelou; quase dava para sentir os espasmos nos músculos dele.

— Ele o *quê*? O que estaria fazendo?

— Está em Istambul. Não o vi, mas Darke tem certeza. E eu acho...

— Uau — Richard ainda estava tenso. — Você acha que Isabella o tem visto?

— Certeza de que sim. E estava guardando segredo. Não sei o porquê de fazer isso a menos que...

— Meu santo Deus! — Richard a soltou, colocou as mãos na cabeça e passou os dedos pelo cabelo. — Jéssica, Ranjit, os Escolhidos, vingança... Tudo bem, Cassie, estou entendendo. Não sou tão burro quanto pareço.

— Diga, então — Cassie olhava fixamente para as mãos, mexendo os dedos ansiosamente. — Sara disse a verdade? Sobre quem estava na minha iniciação?

— Sim. Sim, era verdade.

— Então, se Jake de alguma forma soubesse disso também... — e cobriu a boca com a mão por um instante, sentindo enjôo. — Poderia estar tentando armar para mim?

— Ah, não. Não posso acreditar que esteja envolvido com as mortes.

— Também não quero acreditar nisso, mas, então, por que diabos está escondido? — Cassie lançou um olhar sombrio.

— E você acha que Isabella o está ajudando?

— Não consigo imaginar que não — disse tristemente. — Ela o ama.

— E todos ficamos burros quando estamos amando — Richard ficou em silêncio por um momento. — Que confusão.

Cassie olhou outra vez em volta do quarto, que agora era dela e somente dela e sentiu as lágrimas escorrerem em seu rosto.

— O que vou fazer?

— Ela vai voltar. Nossa bela Isabella é legal e não reconheceria o rancor nem se batesse em sua cara.

Cassie não conseguia sorrir.

— Não é isso. Quero dizer, não é só isso.

— Ah — assustado, Richard segurou gentilmente o queixo dela e virou seu rosto para ele. — Quando se alimentou pela última vez?

— Já faz um tempo — confessou entristecida. Na noite da festa na ilha. E não muito mais depois disso.

— Ok — fazendo um carinho em sua bochecha, inclinou-se para beijá-la e depois ficou rapidamente de pé. — Não posso ajudar em muitas coisas, Cassie, mas está aí algo que *posso* resolver. E você não tem de me agradecer por mais de dois ou três séculos. De verdade, boneca. Sim, definitivamente posso dar a você uma ajuda concreta e saborosa nesse quesito...

Capítulo 19

Nervosa, Cassie bateu uma vez, de leve, na porta. Afastando o punho rapidamente para roer as unhas, observava a refinada placa de identificação, agitada.



A porta abriu lenta e silenciosamente e ela viu primeiro os dedos dele. Depois, o rosto apareceu e deu uma piscadinha solene. Richard fez sinal com um dedo nos lábios e abriu completamente a porta.

— Psiu. Ele está nos braços de Orfeu. Bem, mais ou menos.

Por cima do ombro dele, Cassie tinha uma excelente visão do quarto. Não era diferente do dela e de Isabella, mas talvez mais opulento: muito dourado, muito estilo barroco, um exagero do chique estilo otomano. E, no mínimo, mais arrumado do que o quarto de onde tinha acabado de sair, exceto pelo cachecol de seda pendurado no lustre. Ela se perguntou se Richard esteve se balançando nele. Não era de se admirar que o fizesse.

Richard pegou na mão dela, que se afastou bruscamente, resistindo.

— Não sei se é uma boa ideia...

Fazendo “não” com o dedo, disse:

— Você não tem escolha, Cassie. Já está bem pálida, sabia?

— Mas...

— Sem “se” ou “mas”. Ele não é tão mal.

Cassie torceu o nariz. Nem tinha pensado nisso... No sabor... Como parte de sua preocupação.

— Ai, você tem certeza?

— Bem, não é para o gosto de qualquer um, mas até que gosto dele — Richard mexeu as sobrancelhas. — Vamos lá.

Relutante, Cassie andou pelo quarto, sentindo imediatamente o perfume de colônia masculina.

— Dele, não minha — suspirou Richard, cheirando o ar. — Há um succulento jogo de futebol ao seu dispor, pelo amor de Deus. Precisava de um *Antaeus*⁷ urgente. Bom, linda, chega de papo. *Bon appetit*.

E fez um gesto indicando Perry, que estava reclinado sobre uma poltrona, com os braços caídos, uma perna cruzada casualmente sobre a outra. Cassie não pensaria que algo estava particularmente errado se não fosse pelo sorriso sem direção e o olhar vago do garoto.

— Richard, ele andou... Bebendo? — perguntou, estreitando os olhos.

⁷ Antaeus é um perfume da marca Chanel (N. T.).

— Claro que sim. Você não acha que ele está por dentro, acha? Não é do tipo compreensivo, não é como Isa... — Richard percebeu o que ia dizer e sorriu como quem pede desculpas. — Droga. Perdão.

— Sei lá... Não estou acostumada a me alimentar de quem não sabe o que está acontecendo. Aquela bebida dos Escolhidos, eu não sei... E Sir Alric iria...

— Que *ele* vá para o inferno! — Richard andou em direção ao seu colega de quarto e deu um tapinha gentil na bochecha dele. — Ei, Peregrine? Visita.

— Hum? — Perry tentou focar o olhar em Cassie, que sorriu para ele ansiosamente. — O que ela está fazendo aqui?

Richard sorriu.

— Não é da sua conta.

— Ah... Tudo bem... — a cabeça de Perry pendeu para trás enquanto sorria para Richard, que segurou as mãos dele e o colocou de pé.

— Santo Deus, Peregrine — Richard disse, olhando brevemente para Cassie. — Foi só eu dar as costas e você tomou vinho outra vez?

— Tá ma-aravilhoso — disse Perry. — Oi, Cassandra — tentou piscar maliciosamente para ela, mas não saiu direito.

— Sente-se na cama, seu bêbado horroroso — Richard o empurrou. — Vamos, sente-se direito.

Perry se inclinou embriagado, endireitou-se e soltou uma risadinha. Fechando um olho, observou Cassie de maneira suspeita enquanto ela se sentava ao seu lado. Richard o segurou firme e fechou as mãos dela em torno dos pulsos de Perry.

— Espere aí, anjo — Perry se opôs, olhando para as mãos de Cassie. — Sem ofensas, por você ser uma Escolhida e tal, mas não é meu tipo.

Cassie olhou ansiosamente para Richard, que sacudiu a cabeça.

— Ignore-o. Não vai se lembrar de nada, vai, Peregrine? Certo, Cassie, vá em frente.

— Richard, não tenho certeza. Quero dizer, não estou acostumada com ele. E se for longe demais?

— Confie em mim, está bem, linda. Também preciso me alimentar, então quero metade para mim. Honestamente, não se preocupe, eu paro você.

Ah, pelo amor de Deus, Cassandra. A gente se vira com ele!

Estelle estava certa: ela estava faminta. Ambas estavam. Respirando fundo, fechando os olhos para se concentrar, Cassie começou a se alimentar.

Perry era diferente de Isabella, isso era certo. E a força vital dele pulsava para fora de suas veias e penetravam nela, que sentiu a efervescência inebriante de sempre da juventude. Mas não era o mesmo. Dava para sentir uma virilidade diferente, uma carga sobre ela, quase a empurrando para trás. Mas, quando abriu os olhos avermelhados e se endireitou, sentiu a essência dele preenchendo-a. Era de pura arrogância, confiança, uma sensação petulante de poder; e, por um momento, Cassie também estava assim. O orgulho expandiu sua caixa torácica. Ela era da *elite*. Sempre foi, sempre seria.

E então Richard estava abrindo a mão dela com força para soltar os pulsos de Perry; gentilmente, mas com firmeza. Quando a ligação se interrompeu, a garota cambaleou para trás, satisfeita. A pulsação em seu peito foi se apagando junto com o vermelho de seus olhos. Nem um pouco como Isabella. Não chegava aos seus pés. Mas tapou o buraco momentaneamente.

— Minha vez — Richard tomou o seu lugar, posicionou os dedos sobre o punho de Perry e começou a se alimentar.

Não tinha sobrado muito, ou pelo menos Cassie achava que não, pois pressupôs que um espírito mais fraco não tivesse um apetite como o de Estelle.

Quando Cassie julgou que Richard estava na metade do caminho, colocou a mão sobre o ombro dele, que interrompeu o processo sem esforço, pausando para que seus olhos pudessem voltar ao normal. Respirava um pouco mais rápido quando se levantou, mas suspirou.

— Droga — disse.

— O que foi?

Richard mostrou com a cabeça. Os olhos do garoto estavam entreabertos e também embaçados e desfocados. Devagar, como uma árvore derrubada, Perry caiu de costas, esparramado-se na cama e um suspiro debilitado saiu de seus lábios.

Richard se inclinou, pressionando o ouvido contra o peito dele.

— Diga que ele está vivo — Cassie implorou baixinho.

— Claro que sim — Richard se levantou, parecendo aliviado. — Acho que exageramos um pouco. Mas tudo ficará bem.

Os olhos de Perry se fecharam quando ele adormeceu, com um sorriso idiota ainda no rosto. Richard soltou o ar de alívio.

— Ok. Se tem certeza... — Cassie se sacudiu, ainda se sentindo um pouco estranha com a essência de Perry dentro dela, mas estava se abrandando agora, engolida pela sua própria vida e por Estelle. — Ouça, obrigada, Richard. Eu lhe agradeço muito por isso, mesmo. Você é muito generoso, mas não acho que possa fazer isso o tempo todo.

— Você tem que fazer. Até que Isabella volte ao normal.

— Eu sei. Mas odeio ter que drogar alguém, mesmo que seja Perry, e isso não é exatamente seguro, é? Não temos a menor ideia do quão longe podemos ir quando nos alimentamos em dois.

— Tenho certeza de que vamos pegar o jeito.

A garota discordou com a cabeça firmemente.

— Vou encontrar uma alternativa. Não quero acabar matando alguém — *mais* alguém, adicionou mentalmente. — De qualquer forma, alimentar-se pela metade não é suficiente, é?

— Não para você, com certeza. Eu consegui me virar, mas... Bem... — Richard deu de ombros. — É um quebra-galho.

— Obrigada outra vez.

— Quando quiser — disse, olhando nos olhos dela fixamente. — E, ouça, linda, estou falando sério. Qualquer coisa que eu puder fazer para ajudar...

Pareceu perfeitamente natural encostar-se nele. O espírito dele poderia não ser o mais forte, mas era um garoto cavalheiro e protetor e ela percebeu que precisava disso. Quase instintivamente, passou os braços ao redor dele, que retribuiu o abraço, apertando-a maliciosamente, depois deixando seus braços relaxados confortavelmente em torno dela.

Afastando-se um pouquinho, Cassie virou o rosto para olhar para ele, com os braços ainda envolvendo seu abdome musculoso e estudou o rosto de Richard atenciosamente. Estava ficando tão familiar, pensou, ao perceber que gostava. Muito. Ainda mais quando estava se aproximando de seu rosto, lábios ligeiramente separados, olhos um pouco fora de foco...

Espere, não. Isso é loucura, não é?

E ainda assim pareceu tão natural o modo como se inclinavam um sobre o outro.

Só um amigo — ela pensou.

Um *bom* amigo, no fim das contas. E Cassie realmente precisava de um amigo agora.

Então, beijá-lo ou não beijá-lo? Fácil. Beijá-lo...

— Richaaaaard?

Ele piscou, mordeu o lábio. Quando falou, sua voz estava roca.

— Droga. Não foi você quem disse isso, foi?

Cassie sorriu ironicamente, afastou-se e sacudiu a cabeça. Quando os dois se viraram para trás, Perry estava quase sentado, esfregando as têmporas e franzindo a testa com cara de sono.

— Richard? O que é que ela está fazendo aqui?

— Você está se repetindo, garoto — murmurou Richard, baixo demais para ser ouvido, mas Cassie teve que abafar uma risadinha.

— Minha deixa para sair — ela suspirou.

— Hum, suponho que sim. Vou cuidar dos, bem... Dos lanches noturnos — Richard sorriu, mas havia definitivamente uma expressão de lamento em seu rosto. — Vejo você em breve?

A menina confirmou com a cabeça e sorriu, com o coração ainda baqueado.

— Sim. Vejo você logo.

Fechando a porta atrás dela e suspirando ao olhar para o corredor e para o caminho que já tinha percorrido, Cassie se sentiu deprimida pelo prospecto de uma noite solitária em seu próprio quarto vazio. E absolutamente chocada por querer ficar no outro quarto.



Capítulo 20

Não dava para continuar desse jeito, Cassie soube assim que abriu os olhos na manhã seguinte e viu a cama de Isabella impecavelmente feita e vazia. Não apenas por causa do perigoso negócio com Perry.

Deus — pensou, sentindo enjôo —, como puderam fazer algo tão arriscado?

Mas porque não podia suportar não ter a amiga por perto. Seja lá o que estivesse errado, tinha de ser consertado. Nunca tinha tido uma amiga como Isabella e estaria arruinada se a perdesse. E, além disso, conforme os dias se passavam, a ameaça de algo ruim acontecer com Ranjit parecia ficar mais e mais iminente. Se houvesse alguma ligação com Jake, ou algo que Isabella soubesse que pudesse ajudar, Cassie estava determinada a descobrir.

Mas não queria ir ao quarto de Alice; não queria cruzar com ela ou, pior, com as duas juntas. Só que, apesar de ter um corpo extremamente esbelto, Isabella sempre comeu muito no café da manhã; era mais provável que saísse do refeitório depois de Alice. Podia surpreendê-la ali.

Rondando sob a cúpula do enorme átrio perto do corredor do refeitório, ouvindo os sons do café da manhã sem sentir qualquer compulsão de comer, Cassie cruzou os dedos. Além de qualquer outra coisa, estava ficando completamente enciumada do tempo que Isabella e Alice passavam juntas,

temendo pensar como deviam reclamar sobre as desvantagens de dividirem quartos com membros dos Escolhidos; e no que Isabella poderia deixar escapar...

Porém, não havia sinal de Alice ainda. Passeando entre as familiares estátuas para passar o tempo, Cassie tinha tanta certeza de que Alice sairia primeiro que quase perdeu Isabella, não fosse pelo barulho de seus *Jimmy Choos*...

Saindo apressada do refeitório, a argentina nem a notou; estava absolutamente concentrada no celular em sua orelha. Mas algum instinto impediu Cassie de sair correndo e interceptá-la e ficou bem imóvel na sombra de Odisseu e Circe, encostada no mármore frio da túnica da feiticeira. Havia uma luz brilhante e animada no olhar de sua colega de quarto.

Isabella conversava animadamente, mas Cassie estava muito bem acostumada à velocidade de sua voz quando tagarelava. Isso, aliado aos sentidos de Escolhida, aumentados depois de ter se alimentado na noite anterior, significava que podia entender quase todas as palavras. O que não acrescentava nada a sua paz de espírito.

— Quinze minutos... Não, vinte... Só isso dá? Claro que estarei lá... — seu tom de voz baixou, mas continuou urgente. — Sim, claro que serei cuidadosa. Não se preocupe. Ninguém me verá... Ok? Bom!

Para não precisar voltar para o quarto, já carregava a mochila sobre o ombro e estava atravessando a porta e descendo os degraus da Academia. Cassie sabia que tinha apenas um instante para decidir. Sábado de manhã. A grande balsa estaria funcionando e estaria cheia de alunos indo para a cidade. Dava para se esconder na multidão. Além disso, se Isabella a visse, teria problema? Podia dizer que estava indo para a cidade sozinha. Para passear. Dar uma olhada no Grande Bazar. Perfeitamente natural. Sem problemas...

Convencida, Cassie andou rapidamente para fora da Academia, fingindo não ouvir Ayesha chamar. Estava certa: já havia um grande bando de alunos

no pequeno píer, rindo com a liberdade do fim de semana. Dava para ver o cabelo castanho e brilhante de Isabella esvoaçante por causa da brisa, para cima em direção à proa.

Cassie se enfiou no meio do bando, nos fundos, tendo a certeza de que seria a última a desembarcar. Não carregar uma bolsa podia ser um pouco suspeito, mas pelo menos trazia sua carteira esfarrapada no bolso do jeans, com dinheiro suficiente para emergências. Ignorando todos ao seu redor, enfiou-se primorosamente em um numeroso grupo de alunos do terceiro ano, altos o suficiente para escondê-la, e se inclinou sobre a popa assistindo ao rastro que o barco deixava no Bósforo.

O que estava fazendo? Sabia muito bem como se sentiria caso alguém a espiasse. Se Isabella descobrisse, ficaria furiosa e poria um ponto final definitivo na relação delas; o que, considerando que Cassie tinha descido as escadas de manhã determinada a acertar as coisas, era um pouco irônico.

Não conseguiu evitar. Tinha certeza de que Isabella a levaria até Jake e não apenas isso: de que tinha combinado de encontrá-lo. Isso, disse a si mesma, era prova também de que Isabella tinha sabotado a relação de amizade, pois tinha mantido contato com Jake escondido de Cassie. Isabella, também, estava sendo desonesta. Mas talvez essa fosse sua chance de chegar até Jake e de chegar ao centro do que estava acontecendo.

Droga! De um jeito ou de outro, a prova da traição de Isabella não a fazia se sentir nem um pouco melhor. Quando o barco atracou em terra firme, o coração de Cassie estava batendo forte de nervoso e culpa e medo de ser descoberta. Foi tão cautelosa em deixar que todos saíssem antes dela, para ficar atrás de Isabella, que quase a perdeu. O que era um risco estúpido e bastante desnecessário. Quando a avistou novamente, andando rapidamente entre a multidão, Isabella parecia não prestar atenção em nada além de sua missão.

As ruas estavam aglomeradas. Cassie quase desejou que pudesse passear e curtir o ambiente. O ar estava quente e cheirava a bolor dos prédios antigos,

perfume masculino, fumaça do tabaco, temperos e castanhas assadas. Lojas elegantes brigavam por espaço junto a empórios mixurucas e vendedores de rua.

Ocorreu a Cassie estar desperdiçando praticamente toda a sua carreira escolar com intrigas e decepções. Inferno, teria sido divertido ter experimentado tudo isso ao *lado de* Isabella, rindo, conversando e admirando monumentos antigos, disputando por barganhas, comemorando os sucessos. Era assim que deveria ter sido. A vida normal de escola teria sido legal. Teria sido mais do que suficiente para uma bolsista de abrigo.

Em vez disso, estava seguindo sua melhor amiga de outrora por ruas e becos de Sultanahmet, e a tarefa não era nada fácil. Sem seus sentidos de Escolhida, teria perdido Isabella há muito tempo, mas, apesar de todos os cheiros e sons da cidade, Cassie ainda podia sentir seu perfume distinto, e até o cheiro da pele dela, seguindo-a mesmo quando a perdia de vista.

Isabella não parou nem mesmo na loja mais atraente, a mais encantadora, de sedas, jóias ou tapeçaria. Não era normal e Cassie estava mais convencida do que nunca de que estava indo encontrar Jake. O Grande Bazar? A garota argentina parecia estar naquela direção, pela Praça Beyazit, e todos os seus comentários sobre ser uma armadilha turística faziam dele o lugar ideal para um encontro secreto.

Sim. Cassie se esquivou de tendas de jóias e vendedores de *kofte*⁸ a tempo de ver Isabella desaparecer dentro de uma das entradas ao sul. Correu atrás dela, sem medo de ser vista. Agora, estava segura de que ficaria perto de sua presa até que chegasse ao seu ponto de encontro. Foi uma surpresa desagradável quando Isabella simplesmente andou rapidamente pelas ruas cobertas, ignorando todas as lojas e saiu pela entrada oeste.

Quando parou e sacou o telefone, Cassie xingou para si mesma e foi para trás, virando-se rapidamente para um vendedor de milho verde. Um segundo

⁸ *Kofte* é um tipo de bolinho de carne tipicamente turco (N. T.).

depois, Isabella estava andando. Mais uma vez, Cassie a seguiu, começando a sentir-se muito estúpida.

Mas sua amiga não foi muito longe: apenas até as árvores frondosas e a cobertura do Bazar do Livro. Ali, pareceu hesitar, então se localizou e seguiu apressada por uma via pavimentada, abarrotada, de tendas de livros. Depois de um tempinho, parou deliberadamente e falou com o dono de uma das tendas.

Cassie se enfiou em outra lojinha, escondendo-se parcialmente atrás de uma pilha de mapas e panfletos. O que estava acontecendo? Nem sinal de Jake, mas Isabella entregou um envelope para o vendedor de livros, que o abriu e verificou o que tinha dentro.

Um bilhete. Dinheiro. Cassie tinha certeza disso.

O vendedor pegou algo debaixo do balcão. Quando entregou para Isabella, Cassie se distanciou perigosamente de seu esconderijo, desesperada para ver o que era. Mas era muito pequeno e ela estava muito longe. Isabella sorriu e deu meia-volta de repente e Cassie se enfiou detrás da pilha, sem respirar, focando-se atentamente no antigo mapa da Turquia.

Sua antiga colega de quarto andou determinada pelo caminho por onde tinha vindo, passando bem próximo a Cassie, mas, graças a Deus, não a viu direito. Cassie sentiu os solavancos no seu coração se acalmarem e respirou profundamente algumas vezes, e tinha certeza absoluta de que o encontro de Isabella tinha acabado, que tinha sido aquilo.

O *que* tinha sido aquilo? Devagar, Cassie seguiu Isabella de volta ao Grande Bazar, mantendo uma distância maior dessa vez. A garota estava com menos pressa agora, procurando lentamente por cachecóis, *kilims* e broches, parando para comprar um saquinho de pistache, depois pechinchando por uma fina pulseira dourada. Mas era quase certo que estava voltando para o píer e para o barco, e, quando desceu o caminho para chegar até a beira-mar, Cassie finalmente desistiu da perseguição.

Parecia não haver muitos motivos para se arriscar a ser pega no mesmo barco de Isabella dessa vez. Ficaria para trás e esperaria o próximo barco: de jeito nenhum iria brincar mais com a sorte. Fazendo hora numa ruazinha, encostada na velha pedra, perguntava-se o que diabos fazer depois. Tinha um bom tempo para matar antes que a balsa da Academia retornasse.

Qual tinha sido o propósito daquilo? Pensou que acharia algo de interessante, que resolveria pelo menos um dos terríveis mistérios que a estavam atormentando, mas tinha perdido seu tempo e metade da energia que tinha sugado de Perry. Havia perdido a chance de fazer as pazes com Isabella; embora a tivesse espiado como um ladrão. Também tinha falhado em encontrar Jake e estava bem distante de saber onde Ranjit se encontrava. Ou o que tinha acontecido com ele.

A adrenalina escorria dela como água de uma esponja. Cassie estava vazia, seca e triste. Talvez fosse por isso que, de repente, soube que as posições tinham sido invertidas.

Alguém está nos observando!

Sim.

Cassie ficou absolutamente imóvel. Estelle estava certa. Já tinha tido essa sensação forte anteriormente, aquela certeza de que estava sendo observada. Antes, quando estavam em Cukurcuma! Depois de um instante para se aprontar, respirou fundo e deu meia-volta. Um pequeno movimento, quase imperceptível, mas alguém tinha se escondido atrás do prédio no fim do rua. Cassie estreitou os olhos, então correu para trás, dando um salto ao virar a esquina.

Nada. Ninguém.

Respirando cansada, parou indecisa. Alguém estava lá ou não seria nada além de sua imaginação fértil outra vez?

Ah, pare de mentir para si mesma, querida! Você sabe quando está sendo observada. Sabe tanto quanto eu.

— Estelle — murmurou. — Estelle, era ele? Era Ranjit?

Por uns segundos, Estelle ficou em silêncio, como se Cassie a tivesse pegado de surpresa.

Querida. Oh, querida Cassandra. Você não deve manter este estado de negação. Claro que não era ele!

Cassie estava ciente dos olhares que atraía por falar consigo mesma como uma mulher louca; mas estava incomodada o suficiente para retrucar Estelle.

— Como você saberia? — provocou.

Nós tivemos uma história, o espírito dele e eu, muito antes de você se juntar a nossa pequena festa...

— Bem, eu senti isso antes. Já fui seguida por *Ranjit* e sei como me sinto quando os olhos dele... Os olhos d-dele me olham! — Cassie respirou fundo várias vezes, com lágrimas desesperadas brotando em seus olhos. Ainda assim, o espírito estava irredutível.

Ahaha! Você acha que eu não? Está errada, minha querida. Está acreditando no que quer acreditar.

Cassie espantou-a nervosa. Foi apenas seu desejo que imaginou Ranjit seguindo seus passos, silenciosamente, por alguma razão incompreensível, mas incapaz de deixá-la sozinha? Parecia tão absurdamente improvável, no fim das contas.

Mas foi *assim* que se sentiu da última vez. Foi o mesmo arrepio forte de antecipação e medo que sentiu quando Ranjit a perseguiu pelos corredores da mansão em Paris. Estava do certa de que, quando dobrasse a esquina, veria aqueles olhos turvos, brilhantes e ferozes! Ficar tão esperançosa e depois tão

equivocada, era um balde de água fria. E finalmente a fez concretizar a terrível ideia de que estava muito sozinha e que sentia falta de Isabella loucamente.

Ok, ela tinha de se acalmar. Estava ficando paranóica ou desenvolvendo um complexo de perseguição, ou alguém sinistro estava realmente a seguindo. Nenhuma das opções era um bom presságio para sua vida social; ou sua vida em geral. Seja lá o que fosse, era melhor reunir suas forças...

Um vendedor de *kofte* ao lado dela a encarava visivelmente nervoso. Cassie espantou os pensamentos e conseguiu dar um sorriso tenso. Sentindo-se inesperadamente faminta: aquela fome impossível de ser aliviada e que significava que ou não tinha se alimentado o suficiente ou tinha usado energia demais. Um *kofte* seria um “tapa-buraco” extremamente temporário, mas comprou um assim mesmo, recheado de pimentões entre pedaços de pão oleosos. Mordeu o sanduíche com tanta ferocidade que o vendedor recuou e fingiu olhar para o outro lado.



Capítulo 21

Não que latim fosse sua melhor matéria ou a favorita. Já tinha esperado todos esses séculos; esperaria por Cassie mais noventa minutos. Ela não podia perder mais tempo, imagine ter uma aula *dupla* com o chato do Virgil! Yusuf e Mikhail estavam mortos, e Ranjit podia ser o próximo. Podia já até... Não! Era impossível até mesmo contemplar a possibilidade. Mas, sem sinal algum dele, estava certa de que era o momento de tomar uma iniciativa.

Só havia um lugar para começar a procurar. Cassie foi direto ao quarto de Ranjit, esperando que estivesse vazio e tivesse paz para rondar, mas não era para ser. Quando a porta começou a abrir em resposta a sua batida, o ar ficou preso na garganta e seu coração deu um pulo. Irracional como era, não pôde evitar desejar, contra as expectativas, ver a cara de Ranjit, mas era Torvald mais uma vez.

— Cassie — com um olhar confuso, sua expressão era principalmente de ansiedade.

— Desculpe incomodá-lo... — começou com as palavras emboladas.

Torvald levantou a mão para interrompê-la.

— Não se preocupe com isso. Ainda nada, eu receio. Não acho que você...?

Cassie sacudiu a cabeça, enrugando a testa. Torvald deu um passo para trás, gesticulando.

— Olha, por que você não entra? Não há porque ficar aí de pé.

A menina concordou com a cabeça. Enquanto a seguia, depois de fechar a porta, Torvald disse:

— Ranjit não aparece há muito tempo.

— Não entendo. Quero dizer, ele diria a você se tivesse que partir, não diria?

— Geralmente, sim — disse, encolhendo os ombros.

Cassie em engoliu seco.

— Bem... quero dizer, claro que sempre obedeceu suas próprias regras, não é? Talvez estejamos nos preocupando demais...

— Sim, mas nunca ficou longe por tanto tempo — pontuou Torvald. — E sempre me dizia quando ia voltar.

Aposto que sim — pensou Cassie ironicamente. Faminto depois de ficar fora, pobre coitado.

— Você falou com Sir Alric?

— Tentei. Não consegui arrancar nada dele; só me disse que está a par da situação.

Cassie deu uma volta devagar, estudando o quarto dos meninos, opulento como sempre. Tinham até mesmo uma TV tela plana. Torvald certamente tinha bons benefícios por alimentar Ranjit. Ela se perguntava se ele sabia.

Talvez sua bisbilhotice fosse um pouco grosseira, porque Torvald disse bem enfaticamente:

— Deve haver alguma pista aqui que não estou percebendo. Quer checar algumas coisas?

Ao erguer uma sobrancelha, perguntou:

— Você olhou as coisas dele?

— Claro que sim. Nada esta faltando, nem o passaporte, nem as roupas, nem mesmo a carteira. O cara simplesmente evaporou.

— Os *e-mails* dele? Algo assim? — Cassie estava vagando pelo quarto agora, tocando os objetos. Alguma coisa a estava deixando profundamente desconfortável. Era como se pudesse sentir a presença de Ranjit... E algo a mais também, mas era mais fraco. Alguma coisa familiar, ou *alguém* que conhecia... Esse algo ou alguém tinha estado ali e dava para sentir sua presença passageira como se fosse um fantasma. Um fantasma que se podia cheirar e tocar. O que fazia com que se lembrasse mais...

Do punhal.

Era isso. Cassie tinha uma ligação estranha com o artefato dos Escolhidos, com sua bizarra vida própria. Quando estava por perto, o objeto falava com ela como uma voz. Bem, esse era o mesmo tipo de sentimento de agora. Tinha estado ali em algum momento, era quase certo. E não teria chegado lá sozinho. Será que Jake podia ter...?

— No que está pensando? — a voz de Torvald interrompeu os pensamentos dela.

— Nada — *nada de que você gostaria de saber*. Cassie virou para ele. — Onde está o *laptop* de Ranjit?

— Ali — Torvald puxou uma gaveta e o abriu, deixando-o respeitosamente na área de trabalho. — Não sei a senha, obviamente. O mesmo para as mensagens de voz no telefone do quarto. Não posso acessá-las.

— Deixe-me tentar — a garota pegou o *laptop*, demorando os dedos sobre o teclado.

ranjitsingh

Senha incorreta

ranjit/

Senha incorreta

academiadarke

Óbvio demais — pensou, batendo as unhas no canto do *laptop*.

Não, não pode ser.

Talvez?

cassandra

Bem-vindo, Ranjit

Atrás dela, Torvald tossiu. Cassie deu um passo para trás, afastando uma avalanche de emoções conflitantes, então se inclinou novamente sobre o teclado.

Não havia nada sinistro que conseguisse ver: nada, além do fato de que nenhum *e-mail* tivesse sido aberto há muito tempo. Com uma sensação horrível de terror, Cassie viu a lista de *e-mails* não lidos crescer como uma lista negra, descendo a tela. Dois da mãe dele. Um de seu conselheiro acadêmico. *Amazon*, *iTunes*, *play.com*, os de sempre.

Quinze, vinte... Ela não sabia que ele tinha se inscrito no *popbitch.com* — pensou com um sorrisinho relutante. Mais *e-mails* se somavam: mais um da mãe dele, agora um de seu pai. Seus irmãos, um *e-mail* de cada. Cassie afastou a cadeira quando a lista finalmente parou de aumentar.

— Nada — disse, embora tivesse a sensação de que não fosse bem assim. — Vou tentar a caixa de voz.

A mesma coisa. Por sorte, a senha era a mesma. A culpa revirou seu estômago. Ranjit a desejava tanto quanto Torvald dizia? Sem querer acreditar que não tinha encontrado nada, sentou-se perto do *laptop* e abriu a lista de documentos em uma janela separada.

— Então, o que acha? — Torvald soou impaciente.

— Espere um pouco — cada vez mais frustrada e impaciente, Cassie rolou a lista de documentos. Eram tantos; será que devia abrir cada um deles? Mesmo que todos parecessem inocentes lições de casa, poderiam guardar informações úteis disfarçadas sob o nome bobo de um documento...

Alguma coisa chamou sua atenção. Rolou o documento para cima.

Itens encontrados

Nada tão misterioso, conforme os nomes passavam. Mas eram protegidos por senha.

Então tentou novamente.

cassandra

Não...

Roendo uma unha, pensou: *bem, vale a pena tentar.*

Digitou sua data de nascimento.

Bingo!

Torvald se inclinou sobre o ombro dela, tenso de interesse, conforme o PDF de um documento escaneado era baixado. Algum tipo de manuscrito, páginas e mais páginas.

— O que é isso? Parece antigo — disse, com a voz firme, curioso.

Cassie respirou.

— É, parece mesmo, né? Pode ser falso, é claro. Alguma coisa que ele encontrou na *Internet*...

Cassie estava falando coisas sem sentido; e sabia disso. Isso era um documento e sabia, sim, que era importante. A escrita meio apagada era antiquada, mas dava para entender o que estava escrito; e não apenas isso: havia símbolos, desenhos, escritos antigos que já tinha visto antes. E uma imagem em particular que tinha visto em todo lugar, da Biblioteca Pública de Nova York ao Arco do Triunfo e, em uma versão incompleta, em sua própria omoplata...

De uma coisa ela sabia: não queria Torvald espiando sobre seus ombros enquanto decifrava o documento. Rapidamente, clicou no botão para imprimir e fechou a janela.

— Mas o que era aquilo? — o garoto se afastou, desapontado e um pouco incomodado.

— Eu... Eu não sei, de verdade. Pode ser alguma coisa ou não. Vou levar uma cópia e verificar, Ok? Eu, ah... Tenho uma aula agora — Cassie mentiu.

Torvald fez uma cara feia.

— Tudo bem. Já entendi: é coisa dos Escolhidos, não é? — depois, parou por um momento, acalmando-se. — Olha. Promete me contar se encontrar algo? — então hesitou. — Sinto falta dele também, sabe?

— Claro que sim — forçando o que esperava ser um sorriso despreocupado, fechou o documento e pegou a impressão, mantendo-a bem distante do olhar curiosa do rapaz. — Assim que souber de algo. Mas não vamos ficar esperançosos ainda, hein?

Cassie estava com medo de que Torvald fosse querer segurá-la, mas ele não o fez. Uma vez que estava fora do quarto de Ranjit, com a porta firmemente fechada, correu para seu quarto. Era a hora de tentar descobrir que diabos estava acontecendo.



Capítulo 22

Assim que voltou e fechou a porta, Cassie respirou fundo e puxou a cadeira da escrivaninha. Colocando as folhas impressas sobre a madeira lisa da mesa, sentou-se e folheou as páginas rapidamente, desesperada por algumas ideias. As páginas estavam borradas em alguns lugares, indecifráveis em algumas partes, mas ela estava conseguindo pegar a ideia geral muito bem.

Sentada no quarto silencioso demais, Cassie podia ouvir o sangue correndo em seus ouvidos enquanto passava seu dedo indicador sobre o título da primeira página.

Poderes e Natureza dos Primeiros Escolhidos

O Escolhido mais antigo. Só o nome a fez estremecer, com uma sensação que era puro instinto de Escolhida. Parecia que o primeiro Escolhido era, de acordo com esse documento, a mais perversa das criaturas e, como os que o sucederam cresceram em número, seu poder saiu de controle.

Era aparentemente o criador do punhal. Com a ponta do dedo, Cassie contornou a figura da página: a lâmina, o cabo elaborado, as criaturas míticas que se contorciam ao redor do artefato e sorria involuntariamente lembrando-se do objeto real. Muitos pareciam odiar ou temer aquela lâmina, mas Cassie não

conseguia sentir nada além de fascínio. Era lindo, vivo e letal. Por que sentia tanta atração por ele e o que isso dizia sobre si mesma?

Algo a mais sobre o punhal chamou sua atenção e o ar ficou preso na garganta. De acordo com o manuscrito, o objeto tinha um propósito especial. O punhal era a única coisa capaz de cortar a ligação entre o Espírito e seu Hospedeiro...

Apenas este punhal ou a morte em si podem quebrar o vínculo.

Cassie estava chocada. Essa era a resposta que esteve procurando no início do semestre anterior, quando estava tão desesperada para achar um meio de tirar o espírito de Estelle de dentro dela para sempre. Não estava certa de como se sentia sobre a descoberta de que a resposta esteve sob seu nariz o tempo todo.

Não, Cassandra, não vamos pensar naquele período ruim. Estamos juntas agora, somos fortes...

Havia um nervosismo diferente na voz de Estelle, mas o espanto crescente de Cassie não a deixava prestar atenção em mais nada agora. Porque parecia que o Primeiro tinha criado mais do que apenas o punhal...

Esfregando a testa, tentando espantar a dor de cabeça que a atrapalharia neste momento, Cassie apertou os olhos para ler o texto, lendo e relendo os detalhes dos outros artefatos: um pingente e uma urna.

Havia algo extremamente familiar nas figuras de ambos, embora tivessem sido formados dos mesmos materiais que o punhal. A garota tocou a gravura do pingente. Era entalhado em jade, dizia o manuscrito, mas não era como qualquer outra joia que já tivesse visto. Assim como no punhal, criaturas entalhadas se remexiam e rosnavam: ali estavam os gatos, sereias e cariátides familiares e as criaturas menos reconhecíveis que Cassie jamais foi capaz de nomear.

O pingente pode, por um pequeno período de tempo, ser usado para retirar o Espírito de seu Hospedeiro.

Isso soou tão desconfortável quanto o que Cassie pensava como seus poderes “interrompidos”. Parte do espírito de Estelle estava preso para fora, capaz de se manifestar invisivelmente com a habilidade inexplicável que tinha de controlar, mover e manipulá-lo apenas usando sua mente...

E a urna. Quando leu novamente as palavras, sentiu seus olhos tão arregalados de espanto que doíam e teve que piscar com força enquanto estudava as cópias do texto perfeitamente escrito.

A urna pode guardar e preservar um Espírito indefinidamente.

Por que exatamente alguém iria querer guardar e preservar um espírito em algum lugar que não fosse dentro do corpo de um hospedeiro...

Desde então a energia do Espírito deve ser consumida. Assim o Primeiro criou o Maligno e os Líderes resolveram que ele, o Primeiro, devia ser derrotado e contido.

Ah. Parecia que o Primeiro Escolhido tinha fome por mais do que simples força vital humana.

Era coisa demais para absorver. Se o punhal não era o único remanescente da cultura perdida dos Escolhidos, talvez *não tivesse sido* o punhal que sentiu no quarto de Ranjit? Podia ter sido qualquer um dos outros artefatos. Era possível que não tivesse sido o punhal a matar Yusuf e sugá-lo até que ficasse seco como um peixe morto? Que talvez Jake *não fosse* o culpado? Mas, se não fosse ele, então quem?

Cassie estremeceu, virando mais uma página. Finalmente, uma boa notícia, pensou, embora não conseguisse evitar notar a ironia de ver essa parte como uma coisa boa, considerando tudo o que tinha acontecido no semestre anterior...

Os Líderes tinham formado um Conselho (sim, isso soava familiar) que era forte o suficiente para derrotar o Primeiro Escolhido, que tinha fugido, para nunca mais ser visto. O Conselho, reconhecendo o terrível poder inerente as suas criações, tinha escondido os artefatos. Por alguma razão, foram escondidos por *não* Escolhidos, drogados para esquecer o que tinham feito e onde os tinham deixado (*isso parecia familiar, também* — Cassie pensou, franzindo a testa).

E os registros dos artefatos e seus esconderijos contidos nesse manuscrito, como avaliados pelo Conselho, foram divididos em dois. Esse documento que Ranjit tinha encontrado parecia ser apenas a Parte Um...

Cassie encostou-se na cadeira, respirando profundamente. Isso parecia loucura e fez apenas um vago sentido em sua cabeça. Pensando em Jake, estremeceu. O que ele tinha feito com o punhal? Será que tinha caído nas mãos erradas? Era por isso que Ranjit estava perguntando pelo punhal, por estar preocupado com o que isso poderia fazer? A menina suspirou. Tanta coisa ainda estava tão confusa!

Folheando as páginas novamente, Cassie as alisou com as palmas das mãos, admirando-se com os detalhes nas gravuras, até mesmo na reprodução da impressão a *laser*. Alguma coisa fazia com que quisesse tocar cada um desses lindos desenhos e tocar suas partes vivas. Quase conseguia sentir a suavidade e o calor do pingente de jade enquanto passava os dedos pela página. E então, com o coração pesado, virou na última página, onde o elegante manuscrito estava quase indecifrável.

Sim, o punhal tinha sido escondido em Angkor Wat, Camboja; dava para entender isso pela descrição, embora o lugar não estivesse nomeado. Mas o esconderijo do pingente estava nomeado.

Bizantium

Bizantium. O que depois se tornou Constantinopla. E, mais tarde... Istambul. Tinha sido escondido bem ali, naquela mesma cidade. Não havia indicação de

onde estava *exatamente*; apenas o esboço de um símbolo, diferente da marca familiar dos Escolhidos, debaixo do qual o pingente aparentemente estava. Mas uma coisa estava clara o suficiente: Ranjit achou e escaneou o manuscrito e tinha ido a caça do pingente. Mas, *por quê*? E o que tinha acontecido com ele? Talvez a outra parte do manuscrito explicasse mais?

Cassie sabia que não podia contar para Sir Alric. Sabia disso claramente. Não seria a pessoa a colocar Ranjit em problemas. Teria que tirá-lo dessa... De alguma forma. No entanto, precisava de ajuda e agora havia apenas uma pessoa em quem, quase, confiava disposta a isso. Pegando o telefone, ligou para Richard.

— Richard? Oi, é a Cassie.

— Como se não reconhecesse esses sons musicais, linda. Mas você parece tensa. Posso ajudar em alguma coisa?

Praticamente podia ouvir o sorriso dele pelo receptor, mas teve que ignorar esse fato.

— Olha, encontrei uma coisa. Acha que da para vir aqui?

Richard estava batendo na porta dela minutos depois de sua ligação.

— Esse é um convite que não podia recusar. Qual é o mistério, então?

— Veja isso — disse, o conduzido até a escrivaninha. Então se sentou e virou as páginas diante dele. — Veja o que entende disso.

Ao se inclinar para ficar mais perto dela, Cassie sentiu a culpa percorrer seu corpo junto com a eletricidade da atração. Agora certamente não era o momento; não com a situação de Ranjit parecendo mais e mais séria a cada momento. Richard passou os olhos pelo texto, virando as páginas rapidamente, ocasionalmente se demorando sobre uma palavra obscura. Levou mais ou menos dez minutos para ler tudo.

— Isto certamente esclarece muitas coisas — sacudindo a cabeça, encostou-se na cadeira, tocando os papéis quase respeitosamente. — Keiko achou *mesmo* o punhal em Angkor Wat. Eu me lembro bem. Foi algo que sentiu. Ela tinha certeza de que tinha alguma coisa lá, em um dos templos antigos, mas não sabia o quê. Estava obcecada em encontrá-lo. E o fez. E sabe do que mais? Nunca mais foi a mesma...

Cassie prestou atenção, pensativa.

— Você quer dizer que Keiko nem sempre foi uma vaca louca e homicida?

Richard riu.

— Uma vaca louca, sempre. Mas foi como se tudo tivesse se multiplicado do dia para a noite: a parte louca e a parte vaca. E certamente virou uma homicida depois.

— Sim, eu sei — Cassie estremeceu.

— Ninguém nunca mais teve permissão para tocá-lo. Keiko era extremamente possessiva com aquela coisa. Era como se tivesse encontrado o anel⁹.

— Hum — Cassie murmurou, com as sobrancelhas juntas. — Talvez os artefatos tenham algum efeito estranho sobre os Escolhidos. Embora tenha ficado com o punhal e preferisse pensar que não atingi níveis de comportamento insanos, loucos e maus, mas...

Richard ergueu a cabeça e a estudou.

— Bem, mas você é apenas meio-Escolhida. Talvez faça diferença?

— Jake também tocou o punhal, mas o que aconteceu de pior com ele foi *antes* de tocá-lo. Ou, pelo menos, foi o que pensei... — a respiração de Cassie

⁹ Referência ao anel descrito nas obras de J. R. R. Tolkien: "O Senhor dos Anéis", "O Hobbit" e "O Silmarillion" (N. T.).

ficou mais rápida. No que foi que seus amigos tinham se metido? E se o punhal tivesse deixado a natureza vingativa de Jake ainda pior?

Richard estava lendo as páginas atentamente outra vez. Ele permaneceu em silêncio por alguns minutos, ocasionalmente suspirando profundamente. Então arrumou os papéis em uma pilha organizada, respirou e ficou de pé prontamente.

— Não sei. Não sei exatamente o que pensar de tudo isso. Mas, Cassie, falando em Keiko... Me ouça — e se virou.

O rapaz estava muito perto. *Alarmantemente* perto. Cassie queria dar um passo para trás, mas percebeu que não podia. O olhar dele era quase de suplica e estava mordendo o canto do lábio de um jeito que fez o coração de Cassie bater forte. Richard levantou as mãos.

Meu Deus — Cassie pensou. Vai tentar me beijar outra vez? Por favor, não o deixe tentar me beijar. Não agora, neste momento tão confuso, tão complicado...

— Cassie, eu...

— Espere! — interrompeu, colocando um dedo em riste na cara dele que o assustou. Mas, em vez de se afastar, o corpo dela assumiu o controle. Em vez de afastá-lo, se viu segurando a cabeça dele com as duas mãos, puxando-o para ela, pressionando seus lábios contra os dele e...

Beijando-o.

Richard ficou chocado apenas por um instante; depois, correspondeu com entusiasmo, aprofundando o beijo. Cassie moveu a língua para encontrar a dele, fazendo-o soltar um pequeno gemido de desejo. E não era o único, ela pensou, puxando-o mais para perto. Os dedos dela se mexiam devagar, sensualmente, nos cabelos dele, respirando fundo pelo nariz, sentindo o perfume amadeirado e quente da pele dele...

Minha nossa!

Afastando-se, Cassie se balançou, recuperando o fôlego e sua postura. Richard estava no mesmo estado.

— Bem — disse, colocando a mão no peito e se esforçando ao máximo para fazer uma piada sobre isso. — Eu, hum, pensei que fôssemos... Resolver isto primeiro.

Uma expressão passou pelo rosto dele: mágoa, decepção? Mas então as cortinas se fecharam novamente.

— Muito bem, linda — respondeu, piscando. Mas sem alegria na voz.

Cassie estava desesperadamente confusa agora, mais consigo mesma do que sobre ele.

— Richard, sinto muito. Hum, você ia me contar algo?

— Eu, não. Não, sinto muito, quero dizer — soou extremamente animado, como sempre, quando estava na defensiva. — E, para falar a verdade, está tarde. Deixa para lá. Precisamos dormir um pouco, pensar a respeito disso. É muita coisa para absorver — parou e apontou para as páginas, como se estivesse preocupado com que a garota pudesse pensar que quisesse dizer outra coisa. — Vejo você pela manhã?

— Aham, Ok — Cassie ficou sem palavras enquanto o olhava sair do quarto e fechar a porta.

Sentia muito. Tinha acabado de fazer algo estúpido. Muito, incrivelmente estúpido. Ainda assim, será que o tinha compreendido mal? Richard parecia quase chateado, como se tivesse significado mais para ele do que ela pensava... Cassie sacudiu a cabeça com força. Não tinha tempo para se preocupar com alguém além de Ranjit, ou sentir algo por outra pessoa. Tinha de se concentrar.

O que Ranjit estava procurando? Talvez devesse dormir um pouco e tudo fizesse mais sentido pela manhã. Mas, voltando para as páginas que detalhavam os artefatos, examinou-as uma vez mais.

O pingente pode, por um pequeno período de tempo, ser usado para retirar o Espírito de seu Hospedeiro.

Ah. Deus.

Virou um pedaço de papel.

O punhal pode cortar o elo entre o Espírito e o Hospedeiro. Apenas este punhal ou a morte em si podem quebrar o vínculo.

Cassie piscou. O que Ranjit tinha dito no início do semestre?

Conheço um jeito de ficarmos juntos. E ficaremos juntos, eu prometo!

Aquilo não necessariamente significava nada sinistro. Não necessariamente. Mas era mais que isso. Algo a mais martelava em sua cabeça, algo que não queria lembrar, mas que devia.

Vamos, Cassie! — disse, puxando o cabelo, tentando liberar a memória. E então se lembrou.

A última ligação superempolgada e frenética de Ranjit.

Sei como, agora. Como curar velhas feridas.

QUEBRAR ANTIGOS LAÇOS!

Um arrepio frio de terror correu pela espinha dela. Ranjit tinha perguntado pelo punhal. E o símbolo que tinha fotografado na Hagia Sophia: tinha quase certeza de que era extremamente similar ao símbolo entalhado sobre o lugar onde estava o pingente. Será que o tinha achado?

Tudo veio de uma vez. Cassie sabia, de repente e de forma repugnante, o que estava faltando no escritório de Sir Alric aquele dia. Darke estava tão distraído, tão nervoso e tinha virado seu escritório de ponta-cabeça procurando por algo. Sim, algo que tinha desaparecido. Aquele vaso de jade claro e ornamentado, um que refletia a luz tão lindamente. Um vaso? *Não.*

A urna.

Sir Alric deve ter encontrado a urna. E onde melhor escondê-la do que na altura dos olhos? Cassie engoliu seco. A urna que poderia guardar e preservar um espírito indefinidamente...

Cassandra, NÃO! Não pode ser... Absolutamente não. Devemos nos afastar AGORA!

— Quebrar antigos laços... — Cassie sussurrou, com a voz trêmula pelo choque. — Meu Deus. Ranjit — fechou os olhos, com o medo até na alma.

O que estava planejando? O que você fez?

Capítulo 23

Cassie era boa nisso. E devia ser. Tinha escorregado fácil e naturalmente dos dias de insônia e espionagem em Cranlake Crescent para o mesmo papel na Academia Darke. Sim, a espiã da escola. Por que não? Em silêncio e sozinha, vagou pelos corredores uma vez mais. Embora nunca estivesse inteiramente sozinha, claro. A discordância com Estelle era impossível de ser ignorada, mas ela estava tentando ao máximo.

Cassandra, você deve me ouvir. Isso é um erro de proporções gigantescas. Devemos ficar o mais longe possível que pudermos dessa questão... Ele deseja nos separar... Cassandra, por favor...!

Cassie respirou fundo e afastou o máximo que pôde a voz do espírito de sua mente. Não voltaria atrás de jeito algum. Se descobrisse isso direito, se Ranjit tivesse decodificado o manuscrito dos Escolhidos, ou pelo menos parte dele e estivesse tentando localizar os artefatos, então não havia dúvidas de que Sir Alric já sabia disso neste momento. Não havia opção: tinha de procurar em seu escritório, tentar encontrar o que ele sabia, o quão perto Darke estava de Ranjit.

Não havia qualquer movimento quando Cassie se esgueirou pelos corredores escuros, esquivando-se da luz dos lustres ornamentados. Até mesmo Marat estava deitado agora, talvez satisfeito com um cadáver até o momento e sem a necessidade de intriga ou espionagem. Do lado de fora do escritório de

Sir Alric, Cassie pausou, com ouvidos em alerta para qualquer barulho. Por perto, apenas o barulhinho de um gato no jardim, o chiado de um rato assustado e, muito distante dali, os sons da cidade: carros, buzinas e música distante flutuando pelo silencioso Bósforo.

A porta estava trancada, obviamente. Desta vez, não conseguia destravá-la, já que não tinha um grampo de cabelo dourado emprestado de Isabella, como em ocasiões anteriores, mas isso não seria um problema. Apesar dos crescentes protestos de Estelle, Cassie se sentia segura o suficiente por sua habilidade de controlar o bizarro e incrível poder que tinha adquirido na cerimônia interrompida de indução. Foi muito fácil focar-se na fechadura, sentir seu mecanismo começar a se mexer através do filtro vermelho em sua visão. Curiosamente, levantou uma mão, mas não era necessário. Dava para sentir o calor incandescente da fechadura em suas mãos, pinicando sua pele. Cerrando os punhos e se concentrando mais, a fechadura abriu com um satisfatório clique.

Sorrindo, Cassie abriu a porta. O escritório estava à meia-luz, mas, com o reflexo da luz da lua, ela se moveu rapidamente pelo quarto para ligar o belo abajur da escrivaninha. Deixando o vermelho desaparecer de seus olhos, enquanto se ajustavam a pouca luz, Cassie girou devagar, examinando o quarto.

Não que se fosse roubar algo, não pegaria nada a que não tivesse direito; mas, vendo como Darke claramente não estava contando tudo aos Escolhidos, tinha de descobrir as coisas por si mesma. Afinal de contas, tinha senso de integridade. Diferente de Sir Alric, pensou amargamente.

Mas ele realmente protegeu você, salvou-a do Conselho — sussurrou uma pequena voz interior que não era de Estelle. Talvez houvesse uma razão para esconder as coisas.

Era sua consciência, presumidamente. Cassie preferiu ignorar.

Não posso mais dar suporte a você — pensou.

Em vez disso, ficou de pé no centro da sala, olhando ao seu redor como se seus olhos pudessem perfurar um buraco na parede. Talvez devesse tentar? Não. Tinha de fazer isso à moda antiga. Começou a caçar pelas gavetas e pelos armários.

Sua busca era metódica, sistemática, meticulosa. Quando terminou os lugares mais óbvios, começou a puxar os livros das prateleiras, um a um. Estava na terceira prateleira quando sentiu algo.

— Ai!

Era como eletricidade o pequeno choque de energia que estalou em seu dedo. Cassie pulou para trás, assustada, então levantou o braço até aquele ponto da estante novamente, batendo a ponta dos dedos nas colunas da estante até que sentiu o pequeno choque mais uma vez.

A empolgação cresceu dentro dela, misturada ao receio. Tirou os livros da prateleira e os empilhou no chão. Ali, atrás deles, havia um pequeno cofre colocado na parede. Uau, estava ficando boa nisso.

Não, Cassandra, não devemos...

— Sim, Estelle — Cassandra murmurou, concentrando-se ainda mais. Desta vez, foi uma questão de minutos para manipular os mecanismos do cofre e, quando abriu a pesada porta e colocou a mão dentro dele, percebeu que a cavidade era bastante profunda. Profunda o suficiente para conter uma pasta de couro verde, velha e gasta, com o símbolo familiar dos Escolhidos em relevo dourado na capa.

Fascinada, passou a mão sobre a capa, depois sentou-se na cadeira de Sir Alric e dispôs a pasta sobre a mesa debaixo da luz do abajur ornamentado. Depois de respirar fundo, abriu a pasta e congelou.

Não eram páginas finas, impressas a *laser*; esse era o manuscrito original. Além de Darke ter as páginas encontradas no computador de Ranjit (as ilustrações eram pintadas em lindas cores, as gravuras originais eram ainda

mais elaboradas e belas), havia a *segunda parte* do manuscrito também. Cassie engoliu em seco e começou a ler rapidamente.

Ali estavam as coisas que não tinham sido explicadas. Claro, os Líderes tinham escondido as duas partes separadamente, tamanho o medo que tinham de os artefatos serem descobertos. Uma precaução razoável, mas bastante inútil em dias de arquivos computadorizados e acesso instantâneo à informação. Esses líderes até podiam ter sido espertos, mas não previram a *Internet...* Cassie não pôde evitar um sorriso amargo. O manuscrito podia nunca ter sido descoberto por um historiador comum, apostaria sua vida nisso, mas um Escolhido moderno, tecnicamente letrado, que soubesse o que estava procurando? Não seria nada difícil.

Cassie levantou as páginas amarradas delicadamente, dispondo cada uma delas com cuidado. Sim, ali na segunda parte do manuscrito estava o local preciso do pingente: uma basílica dentro da Hagia Sophia. Por Ranjit ter apenas a primeira parte do documento, obviamente não sabia a localização do pingente; podia estar procurando por toda a Istambul pelo símbolo mencionado na parte do manuscrito que tinha e talvez tivesse sido a mais completa sorte ter visto o emblema entalhado naquele dia, na excursão da escola.

De qualquer forma, Ranjit devia ter tido, em algum momento, essa primeira parte do manuscrito em suas mãos. De que outra forma conseguiria ter escaneado as páginas do documento e salvo em seu computador? Podia ter sido misterioso, mas também era profundamente inteligente. As cópias deviam ter sido uma precaução. Se... Se alguém como Sir Alric viesse xeretar e aos pegasse... O pequeno prazer de Ranjit passar a perna em Darke morreu quase imediatamente. A cabeça de Cassie girou. Se Sir Alric tinha o manuscrito completo, ambas as partes, então era possível que tivesse pego o pingente primeiro.

— Talvez Ranjit também estivesse atrasado demais? — Cassie murmurou, com vaga esperança, sem acreditar nisso piamente. Olhou para as novas

páginas que folheava, tão lisas e amareladas pelo tempo. Enquanto seus olhos passavam pelo texto, seu coração batia com muita força no peito.

— Ah, Ranjit. Ah, meu Deus — a menina suspirava.

Esses artefatos nunca devem ser ativamente procurados pelos Escolhidos, para que o pior de sua natureza não venha à tona em quem encontrá-los. O primeiro de nós a colocar as mãos sobre esses itens novamente irá enfrentar resultados devastadores.

— “Esses artefatos nunca devem ser ativamente procurados...” — Cassie teve que ler as palavras em voz alta, com os olhos arregalados de terror.

O pior de sua natureza?

Sentiu seus dedos tensos de raiva e medo quando começou a ler os detalhes. Claro que teria que ser o primeiro contato; depois disso, teriam que ser guardados outra vez. Afinal de contas, os Líderes iriam querer os artefatos de volta, não é mesmo? Teriam que ser capazes de tocar os artefatos, já que o ladrão vinha se esquecendo de tudo.

Cassie colocou uma mão sobre a página, quase tentando não ler as escritas em letra confusa. Não tinha como evitar. A primeira pessoa a tocar o pingente, o punhal ou a urna mudaria; e isso definitivamente não soava como se fosse para melhor.

Isso explicava tudo, claro. Keiko não tinha sido nenhuma Pollyanna, mas o punhal tinha trazido uma nova perspectiva psicótica de ódio e violência. Ela estava fora de si quando tentou matar Cassie. Isso de alguma forma a fez se sentir ainda pior sobre a terrível morte da garota japonesa.

Apressadamente, Cassie virou mais páginas, lidando com o pergaminho com muito cuidado. Era inevitável sentir respeito pela idade do manuscrito, ainda que quisesse rasgar o maldito em mil pedacinhos. E lá estava: o local da urna. Cassie engoliu em seco e afastou a cadeira para trás, como se quisesse se distanciar fisicamente do que aquilo significava.

Yucatán...

O que a fez se lembrar das palavras de Patrick de muitas semanas atrás, sentindo um espanto horrível.

Erik foi assassinado... Em um deslizamento de terra... Sempre me perguntei o que estavam procurando lá em Yucatán. Mas Sir Alric nunca disse...

Claro que não: era um projeto secreto. Um projeto misterioso, extremamente secreto, relacionado apenas aos Escolhidos, confiado apenas ao confiável e honrado Erik Ragnarsson. *Meu Deus*. Deviam ter encontrado a urna. E alguma coisa terrível tinha acontecido com Erik. Mas então era inteiramente possível que Erik tivesse sido o primeiro a tocá-la. Talvez Erik tivesse sido amaldiçoado no lugar de Sir Alric.

Cassie não queria pensar a respeito. O que tinha acontecido com o garoto? Apenas Sir Alric e ele estavam lá. Erik era um Escolhido. Será que tocou a urna, foi atacado pela maldição... E então o quê? Um deslizamento de terra e Erik morto, ou foi isso que disse Darke.

Que deslizamento conveniente. Meu Deus...

Não importava o quanto Cassie tentasse não pensar sobre isso, sabia que um fato devastador era quase certo. Que Ranjit não tinha ideia disso. Ideia alguma sobre o que poderia acontecer se fosse o primeiro a tocar um artefato.

Não tinha como saber se tinha ou não visto a outra metade do documento. Ranjit muito provavelmente tinha ido em busca do pingente às cegas, pensando que isso salvaria a relação dos dois, sem ter noção das consequências. Ou, pelo menos, das consequências para ele...

Então Cassie se lembrou da falta da urna, sua desapareção repentina do mesmo escritório em que se sentava agora. A chance de Ranjit tê-la levado era enorme, mas o sacrifício de Erik significava que era seguro tocar na urna. O pingente, no entanto, era outra história.

E agora Ranjit tinha desaparecido. Será que Sir Alric o estava usando também? Mas e os outros: Mikhail e Yusuf? O que o diretor estava encobrindo? Será que mencionar Jake foi apenas uma distração, um modo de desviar a atenção dela?

A respiração de Cassie ficou entrecortada de terror por todas as possibilidades que começaram a atacar seus pensamentos. Precisava sair dali, e rápido. Escondendo seus rastros o melhor que pôde, Cassie devolveu o manuscrito, virou a fechadura para trancar o cofre e recolocou os livros na prateleira, com a cabeça tumultuada.

Devemos tomar muito cuidado, minha querida, por favor, por favor, seja razoável talvez não haja nada que possamos fazer não devemos continuar com isso... POR FAVOR!

Talvez não tenha nada a ser feito — Cassie pensou. Mas, se houvesse uma chance de Ranjit estar vivo, tinha de encontrá-lo. Tinha de tentar ajudá-lo.



Capítulo 24

Assim que fechou a porta do escritório, Cassie estava absolutamente ciente de que *realmente* não queria encontrar ninguém enquanto voltava para seu quarto: isso daria margens a muitas perguntas esquisitas e ela não podia dar muitas respostas. Esgueirando-se até o próximo corredor, parou para respirar, ouvindo passos, preparando-se para sair em perseguição. Então seu telefone tocou, cortando o silêncio. Xingando, Cassie se atrapalhou para pegá-lo do bolso, quase o derrubando.

— Cala a boca — sibilou nervosa, silenciando finalmente o telefone. Encostou de novo na parede, tentando respirar sem deixar escapar um som agudo de pânico e espiou o identificador de chamada.

Richard H-J

De olhos arregalados, perguntava-se o que Richard queria a essa hora da noite quando alguma coisa se moveu no canto de seu olho. Ao virar a cabeça rapidamente para ver em sua volta, ficou absolutamente imóvel, com os sentidos afiados.

No fim do corredor. Havia alguém. Tinha recuado para as sombras; talvez até mesmo se escondido no canto da parede. Marat? Não, decidiu. A pessoa tinha os pés muito leves, tinha se movido rápido demais. Mas não chegava a ter

metade da rapidez que ela podia atingir. Irritada, com os sentidos estalando suavemente em sinal de alerta, Cassie correu atrás da sombra.

Seja lá quem fosse, estava se movendo mais rápido. Quando chegou ao fim do corredor, a pessoa já estava descendo as escadas, saltando sobre os corrimãos e na metade do primeiro lance de escadas. Cassie chegou ao topo da escadaria assim que a pessoa desapareceu no próximo corredor de quartos.

Rosnando, pulou os corrimãos atrás do vulto; não dava tempo de usar as escadas. Correu pelo corredor e avistou parte da sombra virar rapidamente no fim do corredor. Ele não escaparia. Ele, ela, *seja lá quem fosse*, não escaparia. Cassie aumentou à velocidade, derrapando para entrar no próximo corredor, então saltou com um pulo só o lance seguinte de escadas. Bateu contra a parede oposta e recuperou o equilíbrio bem a tempo de ver o vulto entrar em um quarto e fechar a porta calmamente, como se pensasse ter escapado da detecção.

Cassie parou, sorrindo de forma sinistra, depois andou até o quarto onde o vulto tinha se escondido. Ergueu o punho para bater na porta, mas parou pouco antes, com o ar preso na traquéia.



Alice. Alice, que não compartilhava um quarto desde a morte de sua colega de quarto, Keiko, no outono anterior. Alice, que tinha recebido permissão de ter um quarto só para ela pelo resto de sua vida acadêmica a menos que desejasse compartilhá-lo. E agora o compartilhava. Porque Isabella tinha se mudado. Então, quem era o vulto? Alice? Isabella? Isso não fazia sentido.

De repente, ficou enjoada. Havia outra pessoa que gostava de se esconder pelos corredores da escola. Uma pessoa que guardava um rancor que jamais esqueceria. Uma pessoa que tinha sido bolsista, mas não era mais. Alguém que nem deveria estar ali...

Com a raiva substituindo o choque, Cassie bateu na porta, que em menos de dois segundos foi aberta. O rosto de Isabella estava petrificado, os lábios apertados e ela olhava para Cassie com o que parecia ser toda a resistência de sua alma — e era muita. Por um breve momento, Cassie se perguntou se conseguiria passar pela garota; então, seus olhos foram capturados pela figura atrás de Isabella, que olhava sobre os ombros da argentina.

Alto, esguio, cabelos curtos e com o olhar ainda mais frio do que o de costume. Não sorriu, mas também não desviou o olhar. Uma guerra de emoções aturdiu Cassie. Era inesperadamente bom ver o garoto americano, apesar de tudo: de toda a decepção, de suas motivações desconhecidas, do ressentimento em seu olhar...

— Eu sabia — disparou. — Jake Johnson.

Isabella não disse nada, mas Cassie podia ouvir a respiração curta dela, que ainda barrava a entrada como um guarda-costas. Não tinha por que usar o fato de ser uma Escolhida e forçar sua entrada no quarto; isso não quebraria o gelo com esses dois.

Cassie fez um enorme esforço para controlar seu temperamento perigoso. Afinal de contas, todos tinham sido amigos um dia e enfrentaram muitas coisas juntos; seja lá o que tivesse se passado entre eles, estava feliz por Jake estar bem. Estranhamente feliz, também, em vê-lo com Isabella. Respirando lentamente, Cassie encolheu os ombros. Não queria brigar.

— Olha — suspirou —, apenas me diga o que está acontecendo, por favor? Onde está Alice?

A carga de tensão parecia pingar do ar como um circuito elétrico. Com o confronto velado, Isabella pareceu menos certa de si mesma.

— Foi para Ankara passar o fim de semana. O tio dela trabalha lá. Cassie, não posso contar tudo a você, mas posso explicar o que...

— Não — Jake interrompeu, colocando as mãos sobre os ombros dela, gentilmente fazendo com que fosse para o lado. — Eu vou contar.

Cassie olhou para ele ao entrar no quarto.

— Você está com o punhal, Jake?

— Quem quer saber? Você ou Estelle?

Mantendo a calma, suspirou intensamente.

— Somos a mesma, Jake; acostume-se. Você não respondeu minha pergunta. Está com o punhal? Ranjit entrou em contato com você?

— O quê? — Isabella parecia confusa.

Jake olhou cautelosamente para sua namorada e disse rapidamente:

— Estou aqui por causa de Isabella. Estou aqui porque a amo e não consegui ficar longe, Ok?

Cassie o encarava, cética.

— Certo. Então, por que tem me seguido?

— Como você costumava me seguir? — ele retrucou. — Não é da sua conta, Cassie. Só estou feliz por Isabella ter visto quem você realmente é.

— Jake, não! — protestou Isabella. E olhou suplicante para Cassie. — Era verdade: isso é apenas um tempo para pensar. Cassie e eu precisamos de tempo para nós mesmas, Jake, é só isso. Olha, Cassie, desculpe-me por ter mentido. Não podia contar a você e precisava ficar com ele. Você tem de entender.

Cassie respirou fundo. Doía, era verdade, mas era compreensível, *sim*. Além disso, não era como se nunca tivesse guardado segredos de Isabella.

— Sim. Sim, claro, Isabella. Mas como Jake tem ido e vindo? Não era para conseguir entrar na Academia.

— Encontrei uma pessoa na cidade que clonou meu cartão da Academia — Isabella parecia um pouco encabulada. — Foi mais fácil do que pensei, uma pessoa no Bazar do Livro que fez: substituiu minha foto e meu nome pelos de Jake, claro que não seu nome verdadeiro. Usou um falso. Os homens do barco não estão tão interessados assim. Veem o cartão, mas não checam os detalhes.

— Coloco um chapéu na cabeça quando subo ou desço do barco — completou o americano. — Ninguém me nota. Os outros alunos provavelmente pensam que sou um jardineiro ou servente — havia um tom de amargura na voz dele.

Isabella passou um braço pela cintura dele.

— Cassie, você tem de acreditar que Jake não teve nada a ver com esses... Assassinos — implorou.

Cassie ficou em silêncio por um tempo, com seus pensamentos indo em direções terríveis.

— Isso mesmo — disse Jake. — Não me importa o que você pensa, mas para constar, não tive nada a ver com essas mortes. Ou com o desaparecimento de Ranjit.

— Não — Cassie disse devagar. — Acredito em você.

— Você sabe alguma coisa dele? — Jake perguntou. — Ranjit?

Cassie parou, tentando conter o medo e a preocupação pela simples menção do nome dele.

— Como você disse, não é da sua conta.

Um estranho silêncio se instalou por alguns segundos, mas Cassie não se arrependeu de retrucar. Estava pensando demais, se perguntando sobre o que fazer.

— Já ocorreu a você que o corpo de Ranjit ainda não apareceu — Jake perguntou suavemente — porque e ele quem está matando as pessoas?

— O quê? Como você ousa?! — exclamou ao dar um passo para trás bruscamente. O espanto por essa sugestão foi aumentado pelo fato de, em algum lugar lá no fundo, já ter pensado a mesma coisa...

— Ranjit é mau. Sei como se sente e sinto muito, mas tudo aponta para ele. Com Jess e com outros também, agora. Olha, ele iludiu você, fez com que confiasse nele, mas não a deixava sempre na mão quando era importante?

Cassie percebeu que não confiava em sua voz. Pelo menos, não para responder a essa pergunta. Determinada, ignorou-o.

— Ranjit queria alguma coisa de você — disse para Jake friamente. — Tem certeza de que não entrou em contato?

— Não o vi desde que cheguei a Istambul, Cassie. Sim, ele sugeriu um encontro, alguma bobagem sobre me dar informações, mas não importa, porque não aconteceu. Ele não foi. Nunca pensei que fosse; quem confiaria em Ranjit Singh? — disse, sorrindo com desdém. — Estou aqui por causa de Jess, mas também por causa de Isabella — Isabella chegou ainda mais perto dele e apertou sua mão. — Não dou a mínima para Ranjit Singh — continuou. — E quer saber o quê mais? Gostaria de tê-lo *visto*, porque adoraria colocar minhas mãos nele. Acho que até mais do que você. Mas não o vi e não tenho nada a ver com seu desaparecimento.

Vou CONSERTAR isso! Não conseguia tirar da cabeça a voz animada de Ranjit. Cassie, vou CONSERTAR isso... Agora sei como... Quebrar antigos laços... Quebrar antigos laços!

— Certo — Cassie disse suavemente.

— Você acredita em mim?

— *Sim* — respondeu, respirando fundo. — Sim. Sim, acredito em você.

O bipe do telefone a fez pular, com os olhos tão arregalados que Jake franziu a testa de curiosidade.

— O quê?

Piscando, tirou o celular urgentemente do bolso e olhou para o visor.

— Droga — sussurrou rapidamente. — Richard. Perdi uma chamada. Esqueci completamente. Mas tem uma mensagem.

Jake virou-se, demonstrando contentamento, mas Isabella a observava ansiosamente enquanto segurava o celular contra a orelha.

— O que foi? Qual o problema?

Cassie colocou um dedo sobre os lábios enquanto ouvia a mensagem, mas sabia que devia estar ficando pálida. Podia sentir o sangue descendo de seu rosto e, quando a mensagem de Richard acabou, estava tonta. Não conseguia pressionar o botão para desligar, apenas baixou a mão para o lado, de forma que ainda podia escutar a distante e austera mensagem de voz:

— ...*Para salvar, aperte dois. Para apagar, aperte três...*

— Cassie?

Algo estava preso em sua garganta. E a fez tossir.

— Richard. Disse que... Que falou com Ranjit.

Jake deu um giro com empolgação em seus olhos.

— Então vamos encontrar o desgraçado! O cara pode nos levar até Ran...

— Foi se encontrar com ele. Quer que eu vá encontrá-los — Cassie sentiu como se sua voz estivesse vindo de outra pessoa.

— O quê? — Jake perguntou rapidamente. — Onde?

— Hagia Sophia — Cassie finalmente apagou a mensagem de voz com o dedão e pressionou a tecla de discagem rápida para Richard freneticamente.

— Atenda. Por favor, por favor. *Atenda!* — sua voz estava quase atingindo um tom de histeria.

Se Ranjit estivesse vivo, se estivesse perto da Hagia Sophia, então havia muita chance de que tivesse encontrado o pingente antes do Sir Alric. E, se tinha achado o pingente antes do Sir Alric, poderia estar em... Perigo.

Parecia que ninguém estava respirando quando Cassie finalmente fechou o telefone, com um medo terrível apertando sua garganta.

— Desligado — suspirou. — Richard desligou o telefone. E vai se encontrar com Ranjit. Sozinho.



Capítulo 25

— Richard vai ficar bem — Isabella chegou perto de Cassie para consolá-la, colocando uma mão sobre seu braço, com as sobrancelhas juntas por estar confusa com a reação da amiga. — Sempre fica bem. É um... Um sobrevivente, não é?

— É uma cobra — rosnou Jake.

— Não entendo! É uma notícia boa que Ranjit esteja bem, não é? — perguntou Isabella. — Cassie?

— É complicado demais para explicar — Cassie sacudiu a cabeça. — Ouça, Richard esta em perigo. Um perigo muito sério. Vocês tem que me ajudar.

Isabella piscou.

— Desde quando você fica tão preocupada com Richard? Pensei que você...

— Eu sei, eu sei, deixa isso para lá. Não quero que ele se machuque. Por favor, me ajudem?

— Claro que nós...

— Quero dizer, do único jeito que você *pode* — o medo deixou a voz dela mais seca. — Isabella, acho que vou ter que lutar com Ranjit. Preciso estar forte para isso.

A argentina se surpreendeu e deu um passo para perto de Jake.

— De *jeito* nenhum — o garoto respondeu rápido, apertando a mão de Isabella e a puxando para mais perto dele.

— Você prefere deixar Richard morrer? — Cassie gritou.

— *Não* me faça responder essa pergunta.

— Ranjit pode estar sob uma maldição — disse com os dentes presos, a voz grave, assustadora. — Tem um... Um pingente. É... Especial. Se ele o achou, pode estar fora de si, Ok? Não vai recuar! Preciso estar forte, *que saco!* Preciso me alimentar.

Isabella mordeu o lábio, parecendo hesitar e então deu um passo para frente, mas Jake a puxou com força para detrás dele.

— Não, Isabella.

O maxilar de Cassie enrijeceu.

— Fique fora disso, Jake!

— De jeito nenhum. Está brincando? *Apenas sobre o meu cadáver!*

Ah, não me tente... Cassie respirou lenta e profundamente, tentando impedir que o quarto ficasse vermelho. Com os punhos cerrados, deu um passo em direção a Jake e viu a mão dele agarrar alguma coisa em seu cinto. O cabo de um punhal. O punhal.

Cassie apertou os olhos e sua respiração chiava ao passar pelos dentes. Jake levantou sua camiseta ligeiramente e deu para ver o cabo claramente, pressionado contra os músculos fortes do estômago dele. As criaturas míticas

estavam mortas, sem movimento, sem vida; não eram nada além de um entalhe. Um ressentimento brutal tomou conta dela.

— Isto não é seu — disse em tom de desaprovação. — Você não tem direito nenhum sobre ele. Nenhum!

— Mas ainda está afiado — o garoto rosnou.

Cassie não conseguia se lembrar de quando tinha respirado pela última vez. Então, encheu os pulmões de ar, sacudindo a cabeça, desesperadamente limpando sua visão do filtro escarlate.

— Não — murmurou. — Não...

Nós devemos tomá-lo, minha querida! Não me diga não!

Não! — retrucou em sua mente. *Cala a boca, Estelle!*

Controle-se, Cassie... Mesmo com todos os defeitos, Sir Alric estava certo a respeito disso. Tinha de se controlar. *Tinha* de. Afinal, era *Jake*, pelo amor de Deus!

Depois de fechar os olhos bem apertados, disse:

— Não temos tempo para isso.

Jake a encarou cautelosamente por bastante tempo antes de falar:

— Bem. Concordo — tirou a mão do punhal e olhou ferozmente de canto de olho para Isabella por um bom tempo. — Então, se alimente de mim.

Cassie disse:

— O quê?

— Jake, não! — exclamou Isabella.

— Por que não? Você já fez, não é? Você diz que é seguro. Então, do que tenho de ter medo? Você me disse a verdade — ficou de frente para Cassie. — Entendi. Precisa ficar forte. Então, vamos lá, alimente-se de mim.

Ela fez “sim” com a cabeça, devagar no começo, depois mais vigorosamente.

— Não tenho tempo para discutir. Você vai servir — aproximou-se rapidamente, fechou os braços de Jake, virando os pulsos dele em sua direção.

— Você não podia ter feito isso de um jeito mais gentil? — Jake tentou um sorriso irônico, mas sem muita sorte; estava tão tenso que dava para sentir os tendões saltando pela pele dele.

Cassie sorriu vendo o olhar nervoso dele, sem pena. O americano a tinha afastado de sua presa, esse mortal intrometido; podia muito bem substituí-la sem muito alvoroço.

Alguma coisa dentro dela fez barulho e tremeu. No que estava *pensando*?

Mas estava com muita fome, muito medo e muito desesperada para se preocupar. Espantou a pequena voz de sua consciência e apertou Jake com mais força, com os polegares procurando as veias dele. Estava ciente da respiração assustada de Isabella, seus movimentos sutis e nervosos enquanto olhava ansiosamente de Jake para Cassie e para Jake outra vez, mas não tomou conhecimento. Jake pegou fôlego enquanto Cassie se concentrava, encontrava a vida dele e começava a se alimentar.

A essência dele jorrava para dentro dela. *Jake tem malhado*, ela pensou com uma parte de sua mente que ficou impressionada. Estava forte, em forma e, mais do que isso, tinha uma força de vontade poderosa. O garoto era determinado. E Cassie estava explorando tudo isso; a vida dele a eletrizava por dentro, correndo por suas veias.

Jake titubeou um pouco. Ela sabia que seus dedos estavam firmes como pulseiras de ferro em volta do pulso dele, que perfuravam a pele dele. Veias

saltaram em suas têmporas, destacaram-se na pele bronzeada de seus braços e o rosto estava drenado pelo choque. Isabella puxava a manga de sua blusa.

— Cassie, você precisa parar.

Não. Não devemos parar! Ainda não!

— CASSIE!

Cassie o soltou com um grito furioso. De frente para ela, Jake cambaleou muito e, segurando na parede, conseguiu se endireitar. Ela ficou de pé, parada, deixando a energia vital efervescer nas pontas de seus dedos, em seu couro cabeludo, nas solas de seus pés.

— Você... *Nunca* mais... Vai se alimentar da minha namorada de novo.

Quem disse? — ela queria retrucar, brava. Mas ainda não conseguia falar.

O braço de Jake, deu para notar, estava apertado em volta dos ombros de Isabella. O gesto parecia protetor, mas Cassie conseguia ver que Isabella estava, na verdade, apoiando seu namorado, que ainda estava com as pernas bambas, um pouco chocado com o *frisson* de prazer que Cassie sentiu.

— Estou indo — disse com desdém. — Já fiquei tempo demais. Obrigada, Jake.

— Espere!

Embora já tivesse aberto a porta, a voz dele era urgente o bastante para detê-la. Então olhou sobre o ombro com irritação. Jake parecia mais firme e a cor de seu rosto já estava voltando.

— Vou com você.

— Não. Sério. Não vai — suspirou. — Você vai me atrapalhar.

— Ah, se liga. E aproveita para esquecer Ranjit — Jake olhou para ela.

Cassie fez uma cara feia.

— Você não vai.

— Essa sua teoria sobre o pingente... O que é isso, um chute? — ele torceu o lábio em um sorriso cínico. — Você não tem prova alguma, tem, Cassie? Acho que não. Então talvez Ranjit não esteja sobre feitiço algum. Ranjit pode estar fazendo o que faz naturalmente. De qualquer forma, você não pode com ele.

Cassie soltou uma risada incrédula.

— Como é que é?

— Estou falando sério. Sempre soube que tinha algo errado com Ranjit, algo a ver com maldição ou não. Se não está sob controle de si mesmo, não vai se segurar para não machucar você. Eu pude entender que você precisava se alimentar, para ficar na melhor forma possível; mas você precisa entender que vai precisar de ajuda. Honestamente, mesmo que Ranjit saiba o que está fazendo, não consigo imaginar por que você confiaria nele. Porque ele não dá a mínima. Tenho certeza de que a mataria assim que a visse.

— Não, não mataria.

— Aham. Porque provou seu amor em tantas ocasiões, não é?

— Cale a boca — Cassie ruborizou.

— Você, por outro lado, não vai ser capaz de machucá-lo. Não na hora “H”. Você irá, no máximo, deixar um roxo em um de seus belos olhos — Jake riu ironicamente mais uma vez, cruzando os braços. — Vai. Diz que estou errado.

Cassie respirou com dificuldade, sem palavras, incapaz de argumentar contra isso. Por fim, torceu a boca em um sorriso de desdém.

— Tudo bem, vamos, então. Será seu funeral.

— Agora, espere um minuto! — Isabella se jogou no meio deles. — Não gosto dessa conversa de ser o *funeral* de alguém. E é bem provável que vocês dois se virem um contra o outro! Vou também.

Resmungando, Cassie jogou o cabelo.

— Não tenho nem mais um minuto! Jake, diga a ela. Isabella não vai, de jeito algum.

— Cassie tem razão, linda — concordou Jake. — Você não pode ir, não desta vez. Por favor, nós não temos tempo. Confie em mim, faça isso por mim — empurrou Isabella delicadamente, mas com firmeza, para dentro do quarto. — Eu amo você — a menina abriu a boca para discutir com a voz mais firme que pudesse, mas isso a impediu. Então, concordou com a cabeça em silêncio.

Tentando ignorar a mudança, Cassie se virou e começou a andar rapidamente. Depois de um momento, começou a correr, mas Jake estava bem próximo. Mesmo fazendo o seu melhor para correr mais do que ele, o rapaz não estava deixando por menos. Estava próximo dela pelos corredores escuros, descendo as escadas e pelo pátio. No topo da grande escadaria da entrada, Cassie parou e estendeu um braço. Jake colidiu com o braço.

— Ai! O que foi?

— Dê o punhal para mim — virou-se para encará-lo.

— Não.

— É meu. É *nosso* — corrigiu-se.

— Viu, você fala desse jeito para me assustar. Esquece, não vou dar a você.

— Vai se arrepender. Não tem ideia de como usá-lo. *Não tem.*

— Sei melhor do que você imagina. E eu disse que funciona muito bem sem suas patas sobrenaturais sobre ele.

Sob a luz da lua, ficaram de pé por mais uns segundos, olhando um para o outro, furiosos. Foi Cassie que, ao olhar para o relógio, se virou primeiro.

— Não temos tempo — disse apressadamente. — Agora, não. Você sabe fazer ligação direta?

— Claro — havia um riso diferente na voz dele; parcialmente, ela pensou amargamente, por sua pequena vitória.

— Que bom. Pelo menos pode ser útil de verdade — e saiu correndo em direção ao píer. — Vamos soltar a lancha.



Capítulo 26

Jake ainda estava bem atrás de Cassie enquanto corriam pelas ruas da cidade. Os edifícios de Sultanahmet eram altos, as ruas e as vielas cheias de curvas tortuosas, mas a Hagia Sophia dominava tudo, iluminada como uma gigantesca joia dourada; sua cúpula e suas torres ficavam sobre as ruas da cidade. Não tinham como errar. Cassie pulou um balaústre e correu pelo parque em direção à basílica, lembrando constantemente que o punhal estava em poder de Jake, vivo e chamando por ela, mas não deixaria que isso a distraísse.

Ela o pegaria mais tarde.

Os dois correram mais devagar quando se aproximaram dos muitos degraus, cuidadosos agora, com os sentidos em alerta. Cassie podia ouvir Jake respirando intensamente; tinha se mantido ao lado dela, mas, mesmo apesar de tanta malhação, ainda não conseguia correr tão longe ou tão rápido. Valia a pena saber disso.

Não, pare com isso, Cassie!

— Por onde começamos? — sussurrou Jake, parando ao lado dela para pegar fôlego.

Cassie descansou uma mão em um pilar dourado, aguçando seus sentidos, tentando concentrar cada parte de si mesma nesse lugar. Sim. Onde? Ela devia saber, *conseguiria* saber, se ao menos pudesse sentir...

Onde ELE iria, Cassandra? Pense como Ranjit, minha querida! Devemos aprender a ser mais espertas do que ele!

Tudo muito bem — pensou ironicamente, mas Ranjit pode não estar pensando como seu “eu” de sempre. Embora profundamente tentada a chamar o nome de Richard, Cassie sabia que tinha de resistir à tentação. Sabia por instinto que não responderia, não agora. Mas Ranjit talvez sim.

O mosteiro era enorme. Mesmo nesse momento, enquanto andavam silenciosamente por suas portas gigantescas, Cassie estava maravilhada por sua beleza esplendida. No entanto, apenas por alguns segundos. Agora, estava acostumada ao esplendor. Estava impressionada, mas não intimidada. Jake, porém, estava diferente. Dava para sentir que estava pasmo. Dava para sentir o cheiro do espanto dele e por isso Cassie deixou um pequeno sorriso brilhar em seu rosto.

— Você ouviu alguma coisa? — Jake sussurrou.

Ela ficou parada, expandindo seus sentidos.

— Sim. Não aqui — virou-se bruscamente para o sudeste. — Siga-me.

Mausoléus cercavam o mosteiro e Cassie continuou pelas sombras, mas estava com pressa agora. Não ouviu nada, mas sentiu. A tumba central era o que queria: uma estrutura baixa e larga, com uma abóbada no topo e uma entrada arredondada. Rápida e silenciosamente, subiu os degraus de pedra e entrou no mausoléu.

Era de tirar o fôlego. Oito arcos enormes, elaboradamente azulejados, cobertos por mosaicos e inscrições sobre os silenciosos sarcófagos. A pedra e o lugar tinham cheiro de séculos e o silêncio ecoava como fantasmas. Sombras e fantasmas. Cassie percebeu que não estava respirando enquanto ouvia com

atenção. Cautelosamente, deu um passo para dentro; olhou fixamente, mas não para a majestade de sua arquitetura. Ele estava lá, de pé, na frente do maior sarcófago.

Ranjit.

Olhando diretamente para ela, mas não parecia vê-la. Com os olhos vermelhos de um canto a outro e completamente imóvel. Vê-lo, depois de tanto tempo, também paralisou Cassie. Ele estava com os punhos fortemente cerrados e ela podia ver os pêlos se arrepiando nos braços dele, como se estivessem elétricos. Aos pés dele, de barriga para baixo e quase inconsciente, estava Richard.

Cassie congelou, totalmente horrorizada, enquanto Jake parou mudo ao seu lado. Ranjit parecia feroz e vibrantemente vivo. Finalmente, virou-se para eles, franzindo sua cara de louco, como se os reconhecesse e sorriu, mas não de uma forma legal.

— Ah! Isto é maravilhoso. Meus amigos!

— Ranjit, me escute...

Ele a interrompeu, como se não tivesse falado.

— Jake me trouxe o punhal no fim das contas! Sinto muito por ter perdido nosso encontro original; fiquei um pouco, bem, enrolado! — disse, rindo desenfreadamente. — Sim, Cassie, nós tínhamos um encontro, Jake e eu. Ele queria saber tudo sobre Jess; eu queria o punhal. Uma boa troca, não acha? Mas sinto muito, Jake. Cheguei atrasado.

— Ranjit! — Cassie gritou, com o medo deixando sua voz aguda. — Esse não é você.

— Aí é que você se engana, Cassie. Esse sou mais eu do que nunca! Você não vê? Fiz tudo isso por você! Pegar a urna do escritório de Sir Alric foi fácil. Darke achava que ninguém mais sabia do seu poder, mas... — os olhos dele

brilharam, como se sua mente estivesse apostando corrida. — O punhal, bem, esperava conseguir antes, mas está aqui agora, não está, meus amigos? Mas sabia que tinha de encontrar o pingente antes que pudesse ajudar você e encontrei! Estou com ele. Eu disse, não disse? Disse a você que consertaria tudo! E sei que será grata, Cassie. Eu sei.

Grata? Cassandra, temos que ir AGORA!

— Ranjit, pare com isso! — gritou, furiosa e com medo e sua voz ecoou sobre as superfícies de concreto do mausoléu.

— Mas eu os matei para *você*! — Ranjit gritou. — Os que colocaram você nessa confusão! Estou indo atrás deles, um por um, os que estavam na cerimônia. Eles a forçaram a hospedar o espírito de Estelle. Mas está tudo bem. Você pode tirá-la e posso punir os que fizeram isso! Meu *presente* para você, meu amor! Não é demais? Meu presente: sua vida de volta. E as vidas deles... Vou dar isso para você também!

Cassie estava tonta.

— Eu não as queria! — gritou.

Ranjit não estava nem ouvindo. Em vez disso, apontou para uma bolsa de lona que estava cheia, com um pedaço da urna de jade aparecendo na parte aberta.

— Tenho todas as três criações dos Líderes, agora que Jake se juntou e trouxe o punhal para mim. Mas vamos ser justos! Eu não tiraria proveito do nosso acordo, não suspenderia uma promessa! Eu não sou assim, sou, Cassie?

— Ranjit! Você não é *nada* disso! É a maldição, o...

— Agora Jake pode ter suas respostas. E ficará feliz com isso... — disse, apontando para Richard, ainda deitado aos seus pés, com os olhos arregalados de pânico.

— Ranjit. Não... — Richard disse, debilitado.

— ...Quando eu contar para ele que foi Richard quem me atrasou na noite em que Jess foi morta — Ranjit continuou, ignorando os protestos do garoto inglês. — E, acredite em mim, foi totalmente por vontade própria.

Cassie sentiu como se seu coração tivesse parado e Jake estava petrificado ao lado dela. Nem dava para ouvir a respiração dele. Os olhos de Ranjit pareceram atravessá-los outra vez.

— Sim. Sim, Cassie, eu a amei um dia como a amo agora. Eu cheguei tarde demais, tarde demais para encontrá-la, porque esse pequeno traidor ficou me atrasando enquanto Keiko e Katerina a caçavam pela floresta. Sejam honestos, Jess nunca teve chance — contou, olhando para eles novamente. — Mas você tem, meu amor.

Cassie não percebeu que Jake estava se mexendo, apenas viu uma mancha voando em direção ao sarcófago. Com o punhal na mão, ele gritou, indistintamente.

A cabeça de Ranjit virou, quase imperceptivelmente, mantendo seu sorriso alucinado. Parecia bem despreocupado, mas como se estivesse em câmera lenta Cassie viu um punho disparar, atingindo Jake de forma graciosa e letal. Jake grunhiu de dor enquanto era lançado como um pedaço de pano para o outro lado da tumba até bater contra um pilar. Cassie assistiu a tudo, ouviu tudo, como se estivesse assistindo a uma peça de teatro maluca e através de uma cortina.

Então ouviu o estalo terrível do crânio de Jake sendo partido. E gritou:

— Ranjit, NÃO!

Ranjit e ela olhavam fixamente para o corpo largado de Jake, caído de qualquer jeito no chão, mas os olhos vermelhos de Ranjit ainda não continham qualquer expressão humana. Devagar, virou-se para Richard e esticou um braço. Ao agarrá-lo pela camisa, o peito de Richard inchou, a cabeça pendeu

para o lado e um choramingo escapou de seus lábios. Estava ficando sem consciência outra vez...

A fúria subiu pela espinha de Cassie, preenchendo-a, e de repente, os lindos azulejos Iznik da tumba estavam vermelho-arroxeados na visão dela. Rosnando, cerrou os punhos e concentrou sua fúria, estalando a áurea que crescia em volta de seu corpo e usando-a para chicotear Ranjit.

Desta vez, ele notou, mexendo a cabeça um pouco tarde demais. O poder dela o atingiu e o indiano foi lançado de costas, dando uma pancada contra outro pilar. Ele rosnou, correndo de volta para perto de Richard como um animal e Cassie bateu com mais força nele, atirando-o para o ar. Mas o rapaz caiu de pé como um tigre, com os olhos fervendo enquanto olhavam para ela, um brilho louco de paixão e ódio.

— Você o está protegendo? — a voz de Ranjit era horrível, saindo pelos lábios retraídos. — Foi ele quem colocou você nesta situação! É por causa dele que estamos separados! Sou eu quem a está *ajudando*, Cassie!

— Você tem de se afastar dele, se afastar dos dois! — Cassie percebeu que sua própria voz estava trêmula, mas era de medo e fúria, mesmo que não soubesse.

Ranjit soltou um riso horrendo e agudo.

— Deus, é tão irônico! Você está defendendo o pequeno Jake também?

— Ranjit, acalme-se — pediu, em voz baixa, desesperada para que a escutasse. — Este não é *você*.

— Eu lhe disse, sou mais eu do que nunca, querida — falou, rindo novamente, inclinando a cabeça para frente enquanto olhava maliciosamente para ela; então Cassie viu algo balançar para fora da camiseta preta dele. Uma coisa verde brilhante em uma corrente de prata.

Fascinada de horror, encarou o objeto balançando delicadamente, brilhando. O amanhecer fazia com que uma luz rastejasse sobre a vasta tumba, avançando pelas sombras ao redor dos oito arcos e deu para, ver a jade claramente.

Era um círculo, mas se movia, se contorcia, *vivia*. Sabia que, se olhasse mais de perto, reconheceria as criaturas entalhadas nele. Seriam as mesmas que viviam e se contorciam no cabo do punhal na mão inerte de Jake. Os mesmos que tinha visto na gravura do manuscrito.

— Ranjit — Cassie implorou com lágrimas escorrendo sobre suas bochechas. — O pingente. Este é o pingente.

— Sim — ele sibilou. — A jade. É perfeita. Agora me deixe terminar, me deixe completar meu presente.

— Pare com isso, Ranjit! Você... Você já matou pessoas demais por aqui!

— Sim, claro, não vamos esquecer que também teve Jéssica — disse, chutando com desprezo o corpo de Jake. — A querida Jessica.

— Não — suspirou Cassie.

— Sim — Ranjit rosnou, com os olhos vermelhos olhando para ela. — Claro que não drenei o corpo dela. Mas fiquei longe tempo o bastante para deixar os outros fazerem isso. Eu a decepcionei e deixei-a morrer. Sou bom nisso, Cassandra. Sou bom nisso. Como você disse. Mas agora... Agora estou recompensando-a, você não vê?

Cassie fechou os olhos brevemente, lutando para se controlar.

— Você me ouviu? Ouviu por que ela morreu gritando? Fui eu... Mas foi *ele* também! — desta vez, chutou as costelas de Richard. — O espertinho do Richard, cheio de papo para me deter enquanto Jéssica estava morta. Bem, por que não? Era apenas uma mortal — Ranjit riu amargamente mais uma vez.

— Tire o pingente!



— Nem que você morra — respondeu rindo. — Ou ele.

E então abriu as duas mãos sobre o corpo de Richard e, desta vez, todo o corpo solto do rapaz flutuou. O corpo já parecia seco e vazio, as veias saltadas, quase sem vida. Como estava fazendo isso? Não podia ser, podia?

Mas estava... Estava projetando seu espírito.

O pingente lhe permitia projetar seu espírito, assim como dizia no manuscrito. Conseguia controlá-lo, *projetá-lo*, usar seu poder da mesma forma que Cassie fazia com Est...

Chega de conversa, não há mais tempo. Com um grito de fúria, Cassie lançou seu poder outra vez, desta vez usando quase toda a força que tinha acabado de adquirir. Ranjit foi lançado para trás, derrapando no chão, mas rolou e se levantou como se ela mal o tivesse arranhado.

— Não me faça fazer isso — mesmo assim, voou sobre ela.

Cassie sentiu toda a energia dele bater contra ela, derrubando-a para trás antes que pudesse chegasse perto. Antes que a menina pudesse se recuperar do golpe, o rapaz estava ao seu lado, batendo com o punho em seu estômago, fazendo-a girar. Depois, agarrou-a pela garganta.

Recuperando-se, lutando e rosnando, Cassie o enfrentou, atingindo-o às cegas com seu poder projetado. Indistintamente, ouviu a respiração firme dele e seus gritos de dor, mas então Ranjit se recuperou e foi atrás dela de novo. Apertou os dedos em volta de seu pescoço e juntos tombaram para trás.

Deixe-me entrar! Ele quer nos separar, quer me matar!

O grito de Estelle era de puro pânico.

Cassandra! Você vai morrer e eu também!

De jeito nenhum. De jeito nenhum...



GAROTA EGOÍSTA! Ele quer NOS SEPARAR! Ou NOS MATAR!

Lutar contra os dois ao mesmo tempo não estava ajudando, especialmente porque Cassie não conseguia deixar de sentir a paixão desgastante e irresistível enquanto trocavam golpes.

Arranhando o rosto dele com suas unhas, Cassie bateu consecutivamente na cabeça e no peito dele, mas o garoto era muito forte. O punho dele atingiu o estômago dela mais uma vez e enquanto grunhia e se curvava, ele bateu em um lado de seu rosto, arremessando-a para longe. Antes que pudesse ficar de pé, Ranjit estava em cima dela, segurando seu cabelo, virando sua cabeça para trás, deixando-a de lado e depois de barriga para baixo. O joelho dele a atingiu com força entre os ombros, segurando-a para baixo enquanto agarrava a cabeça dela, e Cassie sabia, tomada pela dor, que o garoto estava prestes a quebrar seu pescoço. Talvez a amasse, mas estava louco. Insano. Seu amor distorcido não o impediria de matá-la. Cassie soltou o corpo de repente, tanto que Ranjit ficou momentaneamente sem equilíbrio; então ela se contorceu, chutou e atingiu o peito dele com o pé. Sem um grito de raiva, ele caiu para trás.

AGORA! DEIXE-ME ENTRAR! DEIXE-ME SER INTEIRA, ENTÃO PODEREMOS DERROTÁ-LO.

NÃO!

Ranjit se levantou repentinamente. Cautelosamente, ficaram um de cada lado da tumba octogonal, um olhando para o outro, mas a respiração de Cassie estava entrecortada e ele estava bem, recomposto, o sorriso cada vez mais largo. A menina não tinha muito mais energia. Teria que ser mais precisa.

MATE-O! VOCÊ TEM QUE MATÁ-LO OU MORREREMOS!

Que mudança de opinião do semestre passado para cá, Estelle — Cassie pensou no meio de tudo; bem enquanto percebia, com horror, que as palavras do espírito eram nada menos do que a verdade.

Reunindo cada restinho de força, sentiu seu rosto se transformar em um rosnado silencioso de fúria implacável e a força se desviar toda para suas mãos. Torcendo as mãos do nada, ela sentiu a garganta de Ranjit. E a apertou.

O rapaz cambaleou e caiu sobre um joelho, com muito espanto em seus salientes olhos vermelhos. Com raiva, ela deixou suas mãos paralelas ao corpo, mas não deixou o poder soltar o pescoço dele.

O rosto lindo dele estava ficando roxo e inchado, os lábios retraídos enquanto seus dedos tentavam alcançar sua garganta; então começou a fazer caretas de agonia, tentou puxar o ar que estava faltando. Lágrimas brotaram nos olhos de Cassie, embaçaram sua visão vermelha, mas não o soltou.

Mais apertado. Com mais força. Concentrou a força, esmagando o pescoço dele, impedindo que se recompusesse o suficiente para revidar. Um som horrível vinha da garganta de Ranjit, que estava com os dois joelhos no chão agora, caindo para frente.

Alguma coisa pendeu para frente outra vez, brilhando malevolente na claridade da manhã. As criaturas de jade se remexiam freneticamente agora, contorcendo-se como se Cassie as estivesse enforcando também. Com sua última gota de força, Ranjit virou seu rosto para ela. Estava cheio de ódio, de fúria, de desejo de vingança frustrado, mas era o rosto de Ranjit.

De Ranjit.

Ah, *Deus*, o que ela estava fazendo?

Com um gritinho, soltou a garganta dele, mas no mesmo instante deu uma volta com sua força projetada ao redor da corrente de prata, puxando-a com força. Ranjit balbuciou com o choque que o jogou para o lado no chão de pedra. Tinha sido derrotado. Levantando o pingente com seu poder, arrastando a cabeça dele até que estivesse outra vez virada para ela, até que estivesse imóvel, Cassie apertou os dentes e arrebitou a corrente. Ranjit caiu no chão. Mas o

pingente voou, atingindo o sarcófago mais próximo, batendo no chão envolvido por sua corrente quebrada.

E, então, o silêncio se instalou.

Capítulo 27

Cassie começou a tremer, com as mãos na boca. Não ousou olhar para nenhum dos três corpos imóveis, então andou de maneira hesitante para perto do pingente de jade.

O artefato ainda brilhava vagamente, com uma luz verde fantasmagórica, mas as criaturas estavam congeladas em seus lugares, sem movimento. Com cuidado, desviou-se do objeto e ficou do lado do sarcófago mais próximo. A superfície de jade parecia tão lisa e palpável! Os dedos dela se movimentaram em direção a ele, mas então levou a mão até a boca e mordeu as juntas.

— Cassie...?

A menina deu meia-volta. O sussurro era atordoado e abalado. Cassie viu Ranjit quase sentado, esfregando seu pescoço machucado. Seu coração disparou e não conseguiu reprimir um grito de alívio, pois sabia instantaneamente. Era ele mesmo de novo. Era Ranjit novamente.

Cassie caiu de joelhos ao lado dele, chorando.

— Por favor, me perdoe, sinto muito.

— Você fez o que devia... Eu... Eu não quis... — segurou a cabeça e a chacoalhou, então suspirou outra vez, tão baixo que ela teve que chegar mais

perto para ouvir. Pequenos impulsos elétricos faiscaram entre a pele dos dois. Cassie encostou o rosto em sua cabeça ensanguentada e colocou os braços em torno dos ombros trêmulos de Ranjit.

Quaisquer que fossem as circunstâncias, era bom tocá-lo outra vez.

— Meu Deus — falou com a voz muito baixa, sem responder ao toque dela.
— Cassie... O que foi que eu fiz?

— Está tudo bem. Está tudo bem.

— Não, não está.

Mas engoliu em seco, porque de alguma forma não tinha pensado que o garoto pudesse se lembrar de tudo, *tudo...*

— S-sinto muito — disse com a voz rouca. Depois, tentou erguer a cabeça para olhar para Richard e Jake, mas Cassie o segurou com força, impedindo-o de ver.

— Estou dizendo, está tudo bem. Foi o pingente. O pingente estava amaldiçoado e fez com que você... — Cassie abaixou para beijar o cabelo dele, mas ele recuou.

Respirando cansado, sacudiu a cabeça violentamente.

— Isso não teria acontecido se não tivesse procurado tanto, se não os tivesse matado. Em algum lugar lá no fundo, deve ter sido ideia minha.

Cassie não conseguia pensar em nada para dizer, então o abraçou com força. Era provavelmente verdade. Ele... E o espírito dele. Seu espírito era forte, mas sombrio. Um conflito de personalidade, o próprio Ranjit disse uma vez.

Um som chegava mais perto, difícil de reconhecer a princípio. A menina virou-se para procurar, levantando as orelhas desesperadamente. Era um carro? Não, um carro, não. Podia ser uma lancha passeando pela silenciosa noite do Bósforo? Sim. Estava vindo da direção da Academia o som que viajava pela

água antes calma; seus sentidos ainda reagiam com seu poder, tinha certeza. Ainda estava distante, mas se aproximava da margem.

Ranjit também devia ter ouvido, pois ficou duro nos braços dela; depois se levantou, soltando-se.

— Quem será?

— Deve ser Isabella. Mas ela não sabe guiar uma lancha, pelo que me disse durante as férias. Aposto que buscou Sir Alric — disse, praticamente cuspiendo o nome dele.

— Então tenho de ir.

— Ranjit, espere! v Cassie colocou as mãos no rosto dele. Estava pálido, tenso pela descrença e os olhos, embora não estivessem mais vermelhos, embaçados de horror.

— Por favor, Cassie. Não quis que isso acontecesse. Nada disso! — então tirou as mãos dela de seu rosto e as beijou. — Diga isso a ele!

— Diga você mesmo! — apesar de tudo, Cassie tremeu ao sentir os lábios dele. Inclinou-se rapidamente e beijou seu rosto. — Ranjit, Sir Alric vai entender melhor do que ninguém. Vai saber sobre o pingente e o que fazer. Darke...

— Não! Não posso ficar aqui. Eu m-matei... — engasgou quando pensou em tudo de novo. Olhando fixamente para Richard e Jake, se afastou, fazendo “não” com a cabeça.

Cassie o seguiu e o desespero produzia lágrimas que pinicavam os olhos dela.

— Por favor — sussurrou e pegou na mão dele. — Por favor, fique e consertaremos isso.

Passos, passos correndo e gritos distantes. Ranjit olhou para cima, em pânico, então virou-se para ela e colocou as mãos no seu rosto outra vez, olhando bem em seus olhos com um amor intenso.

— Era o que eu queria fazer, consertar as coisas! Queria consertar tudo, deixar as coisas melhores entre nós, era só isso. Se não fossemos Escolhidos, se o espírito não existisse, então poderíamos ficar juntos, percebe?

— Ranjit, como você acha que poderia fazer isso? — perguntou, tocando as maçãs do rosto, o nariz e os lábios dele. — Foi Sir Alric quem disse que não poderíamos ficar juntos. Você concordou. Não há nada, além disso, nos mantendo separados.

— Sim, há, e você sabe disso. Nossos espíritos, o conflito entre eles. *Eles* é que estão nos mantendo separados. Mas, pelo espírito de Estelle não estar completamente ligado a você, eu pensei... O pingente pode retirar o poder do espírito; o punhal pode separar o espírito de seu hospedeiro completamente; a urna pode armazená-lo. Queria tirá-la de você.

NÃO! Garoto safado, garoto safado...

Cassie a espantou.

— Curar as feridas, quebrar antigos laços. Eu sei. Entendo. Vê, você não queria causar mal, você...

— Mas causei.

— Mas você sempre me disse que o espírito tinha o direito de viver. Se a tirasse de mim, poderia matá-la.

— Eu pensei... Ah, Deus sabe o que pensei. Sabe o que mais? Nem liguei. Se o espírito de Estelle morresse, que fosse. Só queria você de volta, Cassie! Queria você livre, como você queria ser. Não escolheu isso. Eu só... só queria você de volta!

Mais uma vez, havia lágrimas em seus olhos e Cassie não conseguiu responder.

Ele vai ME machucar! Mate-o, mate-o, mate-o!

Cassie não reagiu ao espírito gritando em sua cabeça. Era muito importante focar-se nele, mantê-lo ali, fazê-lo ficar.

— Ranjit...

— Tenho de ir.

— Não — disse Cassie baixinho. — Não...

Bruscamente, Ranjit aproximou seu rosto do dela e a beijou nos lábios. Cassie o abraçou ainda com mais força, tentando segurá-lo ali. Foi bom. O rapaz se forçou a afastá-la e ela viu que havia lágrimas nos olhos dele também.

— Fique — sussurrou.

— Amo você, Cassie.

E então pegou sua mochila e desapareceu nas sombras.



Capítulo 28

Os passos estavam nas pedras da porta de entrada agora, Cassie podia ouvi-los. Duas pessoas correndo. Gritando o nome dela. O nome de Ranjit. E de Jake... Era Isabella. Estava certa. Isabella e Sir Alric. Cassie sentiu um *flash* de ódio e fúria pelo diretor da Academia: era tudo culpa dele. Darke podia ter parado *tudo*!

Rapidamente, voltou-se mais uma vez para o pingente. Verde-perolado, imóvel no chão, um brilho tóxico contra as pedras antigas. Agachando-se, pegou-o, e conforme os dedos dela ficavam mais próximos, as criaturas começaram a se mexer. Uma sereia com grandes dentes bocejou, uma cobra enrolada se desenrolou, um leopardo se esticou...

— NÃO TOQUE NISSO!

A menina se assustou, tropeçando para ficar de pé. Sir Alric estava postado sob o primeiro arco, com uma maleta de couro em uma mão, olhando horrorizado para a cena. Atrás dele, Isabella o empurrou para passar, quase tropeçando de pressa para pegar Jake. Caiu de joelhos ao lado dele, dando um grito, enquanto Sir Alric andou até Richard para medir a pulsação na garganta dele. Cassie sentiu seu próprio coração batendo loucamente.

— Alguém me ajude, por favor! — gritou Isabella. — Alguém ajude Jake!

— Sir Alric, *por favor* — Cassie implorou.

Sir Alric ergueu a cabeça e olhou sem expressão para Isabella e Jake.

— Silêncio — retrucou finalmente. — Na vez dele — sussurrou para si mesmo.

Abrindo a maleta, Sir Alric retirou uma caixa delicadamente bonita e familiar e uma seringa descartável comum. As Lágrimas dos Escolhidos, percebeu Cassie, piscando ao reconhecê-las.

Cassie se agachou ao lado enquanto Darke rasgava o pacote da seringa com os dentes e subia a manga de Richard.

— E-ele vai ficar bem?

Sir Alric nem se incomodou em responder, simplesmente encontrou uma veia no braço do garoto inglês e enfiou a agulha. Mal tinha começado a injetar as Lágrimas quando Richard inspirou o ar profundamente e abriu os olhos de repente. Automaticamente, deu um pulo, tonto, e Cassie colocou os braços em volta dele para impedir que caísse com tudo no chão.

— Richard? — perguntou insistentemente. — Você está bem? Deus, me perdoe, eu...

— Minha nossa! — sua voz saiu em um respiro abalado. — Traga outro, James. Dose dupla.

Cassie soltou o ar de alívio, ainda agarrada a ele enquanto se dirigia a Sir Alric. Mas o olhar do diretor era frio como granito.

— Onde está ele?

Cassie sabia o que Darke queria dizer.

— Partiu — ela sussurrou.

— *Alguém me ajude!* — gritou Isabella novamente.

Ignorando-a, Sir Alric respirou, furioso.

— Por que não o impediu?

— Como poderia? Ranjit estava entristecido, estava louco, eu... Olhe, por favor, ajude Jake.

Darke a calou com um gesto de dispensa.

— Você sabe que poderia tê-lo segurado aqui, Cassie — olhou friamente mais uma vez enquanto pegava um par de luvas. — E sabe que é o que devia ter feito.

Por que as luvas agora? Não tinha pausado antes de dar para Richard as... Ah. Cassie assistiu monotonamente enquanto Sir Alric se inclinava para pegar o pingente. As finas luvas, agora que tinha olhado direito, não pareciam de látex comum: tinham um brilho sedoso, como se estivessem molhadas. Com delicadeza, Sir Alric levantou o pingente pela corrente e o soltou na maleta de couro. Depois, finalmente levantando, suspirou, deu uns passos e se agachou de frente para Isabella, ao lado de Jake.

— Por favor, se acalme — pediu. — Não seja histérica; isto não vai ajudá-lo. — Sir Alric olhou para o rosto pálido da menina, depois muito gentilmente tirou o punhal dos dedos de Jake e também guardou na maleta — e depois a fechou. Isabella estava assustada.

— E-ele vai ficar bem, não vai? — perguntou com a voz aguda de pânico.

Sir Alric encostou dois dedos no pescoço de Jake, mas Cassie teve a sensação de que apenas cumpria o protocolo. Então, parou pelo que parecia uma eternidade, como se não quisesse enfrentar os olhos de Isabella. O único som no mausoléu era o eco da respiração apavorada da garota argentina.

Ao ficar de pé, Sir Alric deixou a maleta ao lado de Jake e o contornou rapidamente para chegar até Isabella. Apertando os braços dela com firmeza, levantou-a. A menina virou-se para ele, com os olhos arregalados.

— Ele vai ficar bem?

— Cassie, venha ajudar aqui — disse, sem responder.

— Solte-me! — Isabella gritou. — Jake!

— Cassie, eu disse *venha aqui!* — repetiu Sir Alric.

Cassie se ligou. Apertando mais uma vez os ombros de Richard, ficou de pé e fez o que ele mandou, colocando um braço ao redor da cintura de Isabella. Cassie se sentiu congelada e distante.

— Isabella, vamos.

— O quê... Não! — Isabella resistiu enquanto Cassie a afastava de Jake e a levava em direção a porta. — Solte-me! Solte-me! — xingou e chutou, chamando por Jake.

Cassie prendeu os braços com mais força em volta dela, apertando os dentes, fazendo uma cara feia para Sir Alric.

— E Richard?

— Ele está bem — Sir Alric estava abrindo e fechando a mão, como se quisesse apenas pegar rapidamente a maleta e sair. — Agora, tire Isabella daqui.

Cassie fez “sim” com a cabeça e puxou Isabella enquanto saía da tumba. Pensou que a garota conseguiria se libertar (estava com tanto medo de machucá-la), mas Isabella de repente ficou mole em seus braços. Quando passaram pelas colunas, a argentina estava chorando desesperadamente, sem condições de falar.

— Isabella? Meu Deus, Isabella... — Cassie disse, abraçando sua amiga com força e sabendo muito bem que seu abraço era tudo o que mantinha a menina de pé. Atrás das duas, Cassie ouviu Richard cambaleando pelo corredor, apoiando-se grogue em um pilar e pegando fôlego. Ela franziu a sobrancelha para ele, preocupada.

— Você consegue?

— Estou bem. Quase — Richard soou excepcionalmente vazio e estava olhando para o nada. — Melhor que... — olhando para os olhos de Cassie, engoliu. — Vamos sair daqui.

— O que Sir Alric disse?

— Disse para ir com vocês de barco. Ajudar você com Isabella.

— Que diabos Darke está fazendo? — perguntou Cassie, com os olhos ardendo. Não queria mais ouvir os soluços violentos de Isabella, mas não podia soltá-la.

— Só Deus sabe. Limpando as evidências, provavelmente. Foi categórico sobre irmos embora.

Cassie esfregou uma manga em seu rosto enquanto Richard chegou ao lado dela e a beijou na bochecha. Também colocou um braço em volta de Isabella para apoiá-la. A manhã estava nublada e bastante clara agora, e, além do mosteiro, a cidade começava a ganhar vida. Buzinas estrondosas, pessoas gritando, rindo e falando alto.

Vida normal — pensou Cassie. *Vida normal*.

Ecoando no ar, a gravação de um muezim soava pesarosa, amplificada e reverberava nas pedras antigas e nas ruas modernas.

— Tudo bem — a voz de Cassie não era mais alta que um sussurro. Então abraçou Isabella mais forte e a conduziu pelos degraus de pedra, embora fosse

quase como mover uma peça inanimada de xadrez. — Vamos fazer o que Sir Alric mandou. Agora. Mas não para sempre.



Capítulo 29

Talvez Darke nunca fosse falar. E tudo bem. Se nunca falasse, talvez Cassie nunca tivesse que pensar a respeito de nada disso. Apenas sentaria lá até o fim dos tempos, neste sofá otomano ricamente acolchoado, com os joelhos juntos e as mãos apertadas, enquanto Sir Alric se apoiava no parapeito da janela de pedra em forma de arco e seu olhar atravessava o jardim verdejante e o mar até o horizonte escuro de Istambul.

— Fiz uma coisa terrível quando trouxe Jake Johnson para esta escola.

Bem, o silêncio não poderia durar para sempre.

— É tarde demais para pensar nisso — Cassie gostaria de completar com algo do tipo “você não podia prever” ou “não é culpa sua”. Mas não conseguiu dizer nada assim. Não neste momento.

Não tinha problema algum em compartilhar a culpa, principalmente com um homem como Sir Alric Darke, que era mais do que igualmente culpado. E, se sentisse o peso todo sozinha, desabaria. Toda vez que fechava os olhos, via o corpo largado de Jake, o terrível ângulo em que caiu... O sangue. Às vezes, pensava que nunca mais dormiria outra vez. Queria pressionar Sir Alric para obter cada detalhe sobre Jake, mas de alguma forma não conseguia se forçar a fazê-lo.

— Como descobriu, Cassie? Sobre o pingente?

A garota olhou nos olhos dele.

— O que quer dizer? Richard me ligou avisando que ia se encontrar com Ranjit, mas, quando cheguei na Hagia Sophia, Ranjit estava louco. Não sabia que tinha a ver com o pingente idiota.

Darke nem piscou. Olhou fixamente nos olhos dela por um longo e firme minuto, mas finalmente cedeu. Cassie estava confiante de que o diretor tinha acreditado que não sabia nada sobre a verdadeira natureza dos artefatos.

— Você não devia ter deixado Ranjit ir embora, Cassie.

— Ah, tá, se você diz...

Sir Alric virou-se, claramente irritado, mas não conseguiu olhar diretamente para ela.

— Ele teve um tipo de colapso. Qualquer coisa pode acontecer com ele.

— Ranjit voltou a ser ele mesmo, eu disse a você — *e você*, ela pensou, *ainda está escondendo coisas de mim*. Talvez sempre o tenha feito.

— O garoto matou três pessoas. Quem sabe o que está passando na cabeça dele agora?

— Foi por isso que nunca o teria forçado a ficar. Mesmo se pudesse. Ranjit não era ele mesmo. Ele se sentiu culpado o suficiente — Cassie encostou-se novamente no sofá, de braços cruzados, mas sem baixar seu olhar ameaçador.

— Ah, você poderia tê-lo impedido. Acho que nós dois sabemos disso. Você deixou sua lealdade equivocada se sobrepor ao fato de Ranjit merecer justiça — disse ao se sentar em sua cadeira, com o olhar bravo fixo em Cassie. — E, de qualquer forma, por que, Srta. Bell, Richard se encontraria com Ranjit sozinho?

— Não sei — mentiu, já que sabia pelo menos parte do motivo. Richard queria ajudar Cassie, provar seu valor.

— É uma tremenda confusão — o olhar de Sir Alric estava distante agora. Provavelmente preocupado em ter de responder perante o Conselho, Cassie pensou sem se solidarizar. — Isabella estava fora de si ao trazer Jake sem permissão para dentro da escola — Darke continuou. — O que esperava com isso?

— Duvido que esperasse *conseguir* qualquer coisa. Ela o amava. Queria vê-lo, ajudá-lo. O que há de do terrível nisso? — perguntou, com o maxilar tenso.

— Olhe como isso terminou, Cassandra.

— Isso não é culpa de Isabella. Não pense que pode jogar *nossa culpa nela* — Cassie se levantou e andou até a estante de livros. Ainda podia sentir o manuscrito dos Escolhidos, atrás de antigas capas de couro, escondido no cofre.

Ele suspirou suavemente.

— A propósito, como está a Srta. Caruso?

— O médico prescreveu sedativos. Os pais dela estão vindo buscá-la nesta tarde — não havia mais nada a dizer.

Como estava Isabella? Cassie temia pensar. No que dizia respeito ao que Sir Alric pretendia dizer ao mundo sobre a morte de Jake, Cassie não se importava. Era problema dele e um que merecia plenamente. Ele que tentasse acobertar algo outra vez. Mas havia alguém com quem realmente se importava.

— Richard ficará bem?

— Sim. Mas foi por um triz. Sem as Lágrimas, teria morrido.

— Sim, eu sei — disse ironicamente, lembrando-se da injeção que tinha recebido no início do semestre anterior. — Aquelas Lágrimas são poderosas.

— Impressionantemente poderosas — Darke sussurrou.

Cassie o observou atentamente. Estava desesperada para perguntar o que tinha feito com o punhal e o pingente, mas segurou sua língua.

— De qualquer forma — disse Sir Alric, se levantando mais uma vez —, sugiro que volte para suas aulas, ou as pessoas começarão a especular sobre sua ausência.

— Certo. Como se já não estivessem dizendo nada!

Sir Alric abriu a porta e deu um passo para trás.

— Vai dar tudo certo, Cassie.

A menina passou por ele sem olhar para trás. As promessas de Sir Alric significavam tanto quanto sua versão da verdade. Cassie sentiu o olhar fixo dele e até mesmo seu estranho sentimento de arrependimento, mas não olhou para trás nem uma vez sequer.



O lado asiático de Istambul estava tão perto que dava a sensação de poder tocá-lo. Bebendo café preto e forte, Cassie e Richard se sentaram silenciosamente, impressionados com a vista do Rumelihisari¹⁰ e da parte mais estreita do Bósforo.

— Costumavam chamá-lo de “Guilhotina” quando o construíram — Richard comentou, recostando-se em sua cadeira de madeira e olhando para o castelo. — Devia ser impossível passar por lá.

¹⁰ O Rumelihisan, ou Castelo da Rumélia, e uma fortaleza de Istambul, Turquia, situada nas margens do Bósforo. Foi construído pelo sultão Mehmed II entre 1451 e 1452 no local onde a Bósforo é mais estreito (N. T.).

— Parece apropriado — Cassie sorriu para ele, que parecia estranhamente sereno e a fim de curtir uma introspecção melancólica. Não era seu normal, mas era compreensível.

Ainda com fome, ela olhou para o prato intocado de Richard e com uma piscadinha o rapaz escorregou o prato sobre a toalha de mesa florida. Hesitando apenas por um instante, Cassie ergueu os ombros e começou a beliscar o que tinha sobrado do queijo branco, do pão e das azeitonas. O café da manhã perfumado pela madeira do lugar tinha o melhor gosto que já tinha provado. Devia ser o ar fresco do mar, e o longo percurso de táxi... E por escapar por pouco da morte. Outra vez.

Pelo menos alguns deles. Mas Cassie estava tentando não pensar em Jake, nem em Isabella, pelo menos um instante. Não podia. Se pensasse, ficaria louca. Fechando os olhos brevemente, inspirou a brisa salgada. Culpada ou não, era bom estar viva.

— Obrigado, Cassie.

Ela parou de mastigar.

— Você não tem de ficar repetindo isso. Sério.

— Não por isso. Quero dizer, por não contar para Sir Alric sobre o lance da Jess.

— Como sabe que não contei? — disse, sorrindo um pouco.

Richard colocou os cotovelos sobre a mesa.

— Estive no escritório dele para um interrogatório ontem à tarde. Se Darke soubesse sobre Jess, que eu atrasei Ranjit... Já teria partido nesta manhã. Teria sido expulso. Você sabe disso.

— Não podia fazer isso com você — Cassie contraiu os ombros, depois completou em voz baixa: — Já perdi amigos demais.

— Bem, obrigado. Principalmente por que eu merecia ser expulso.

Cassie derrubou seu pedaço de pão no prato e juntou as mãos.

— Richard... Você não podia ter me dito antes? Teria explicado muita coisa.

E pensou, embora não tenha falado, que teria ajudado a persuadir Jake sobre a inocência de Ranjit, muito antes de tudo isso acontecer. As coisas podiam ter acontecido de outra forma. Mas Richard devia saber disso. Não esfregaria na cara dele.

— Tentei contar para você. De verdade. Nunca era o momento certo — deu um sorriso triste. — Quando teria sido?

— Eu sei. Entendo, mesmo. Só queria que tivesse confiado em mim o bastante para tentar explicar.

— Mas eu tentei. Lembra aquela noite na praia? Estava quase contando. E então...

Cassie passou uma mão pelo cabelo, mordendo o lábio com força.

— Meu Deus, claro. E daí o corpo de Yusuf apareceu. Claro. Desculpe.

— E depois no seu quarto, naquela noite quando estávamos olhando as impressões? Eu tentei outra vez, mas... Nos distraímos.

A garota sentiu que estava se ruborizando, lembrando-se do beijo impetuoso e de como se sentiu a respeito.

De repente, Richard pareceu alarmado.

— Não sabia, Cassie. Eu não *sabia* o que Katerina estava tramando, ou *já* teria me envolvido. Você acredita nisso, não é?

Cassie olhou nos olhos dele.

— Sim. Acredito, Richard.

Depois, abaixou a cabeça e esfregou suas têmporas.

— Nunca me perdoarei por aquilo. Ou por... Ter colocado você nessa situação. Eu pensei... Pensei que estava fazendo uma coisa boa, iniciando-a, mas...

Cruzando a mesa, ela colocou a mão na bochecha dele.

— Está tudo bem, Richard. Não foi você quem matou Jess; foram Katerina e Keiko. E pelo que aconteceu comigo, bem... — suspirou. — São águas passadas. Está tudo bem.

— Não está. Mas terei que viver com isso — Richard olhou e colocou suas mãos sobre as dela, segurando-a ali.

— Richard.

Cassie devia se afastar agora, realmente devia. Não era apropriado, não era... Uma boa ideia. Mas não conseguiu recuar, não foi capaz fisicamente. Não era como a atração maníaca que sentia com Ranjit, aquele magnetismo impossível, não era assim. Mas ainda assim não podia se afastar. Era bom demais. Muito tentador.

Richard se inclinou e, enquanto se olhavam nos olhos, ela passou a língua nos lábios devagar e respirou fundo. E então a boca dele, quente e macia, estava pressionando a dela. Uma sensação de anseio tomou conta de seu coração, combinada com um arrepio elétrico de luxúria. Quase involuntariamente, o braço dela escorregou pelo pescoço dele, prolongando o beijo e o cabelo sedoso dele se entrelaçou aos seus dedos.

A menina procurou pela língua dele e soltou um pequeno suspiro abafado, sentindo-se ser puxada ardentemente para mais perto. Mas, depois de um momento, um longo e delicioso momento, afastou-se relutantemente. Os lábios dela ainda formigavam, mas, quando olhou nos olhos de Richard, entendeu de uma vez por todas que não era isso que realmente queria. *Ele não era quem* ela realmente queria. A culpa pesou em sua consciência.

— Ainda é cedo demais para mim, espertinho — Cassie murmurou. — Cedo demais.

Para sua surpresa, Richard concordou com a cabeça.

— Sim. Eu sei — os dedos dele ainda estavam entrelaçados aos dela e ela não puxou a mão. Uma mecha do cabelo dele tinha caído sobre seu olho direito, e ele estava sorrindo com seu velho jeito malandro. — Estou apenas registrando meu interesse.

Cassie se surpreendeu com a honestidade dele.

— Descarado.

— E tem mais uma coisa — disse, com o sorriso desaparecendo.

— Diga.

— Acho que você tem de saber que eu a amo.

Ela queimou a garganta com o café.

— Você o quê?

— Você ouviu. — Richard sorriu por causa da expressão dela antes de continuar. — Se precisar de mim, estarei aqui. Ok? Mas, prometo para você, sem pressão. Não espero nada além de amizade. E sinto muito por tudo o que fiz. Mas passaria o resto da vida recompensando você — e se levantou para sair.

— Hum, Richard...

— Sim?

Bem... Richard, o quê? Cassie fechou os olhos e sacudiu a cabeça. Dois rapazes declarando seu amor com poucos dias de intervalo e nenhum deles era uma possibilidade real. Um tinha fugido por assassinato e o outro era...

O outro não era Ranjit.

Cassie suspirou profundamente. Estava sozinha, gostando ou não. E não gostava. Mas a vida era assim.

— Ei! — Richard interrompeu, vendo sua angústia. — Eu não fui bem *claro* ao dizer “sem pressão”? Fui sincero, Cassie. E fui sincero quanto ao resto também.

Parte dela queria se atirar nos braços dele, agarrá-lo e ficar com ele, mas Richard já tinha dado meia-volta e estava andando em direção a porta, jogando umas notas para o dono do café com um sorriso no rosto.

Recuperando o fôlego, Cassie se inclinou na mesa e ficou encarando o mar e a costa asiática com determinação. Não iria correr atrás dele. Embora fosse muito mais simples se o fizesse...

Não, não, minha querida! Seu primeiro instinto é o correto. Por Deus, como você pode sonhar em...?

Cassie deu um pulo. Sem querer, teve que sufocar uma risada. Era a postura ferida, o inconfundível tom mortificado de orgulho.

— Qual o problema, Estelle? — ela sussurrou.

Minha querida! Você sabe muito bem!

— Não, me diga.

Quase pôde sentir o espírito se ouriçar.

Nós somos fortes, Cassie! Precisamos apenas uma da outra!

Cassie não respondeu.

Se alguém quiser nos separar, Cassie, devemos nos unir contra ele. Contra ELE. Não há espaço para o desejo.

O reflexo do sol da manhã na superfície da água estava tão forte que Cassie teve que fechar os olhos. Não queria ver nada mesmo. Não queria ouvir mais nada de Estelle e certamente não queria pensar.

Ranjit.

Onde estava? — ela se perguntava. Será que estava se escondendo, triste, com muito remorso e assustado? Ou talvez tivesse se recuperado da culpa; talvez estivesse andando pelas ruas, totalmente imprudente, orgulhoso e desdenhoso, mostrando-se arrogante para o mundo e se alimentando como bem entendesse? Cassie sacudiu a cabeça. Parecia pouco provável.

Será que ele pensava nela, pelo menos um pouco? Ou só pensava em sobreviver?

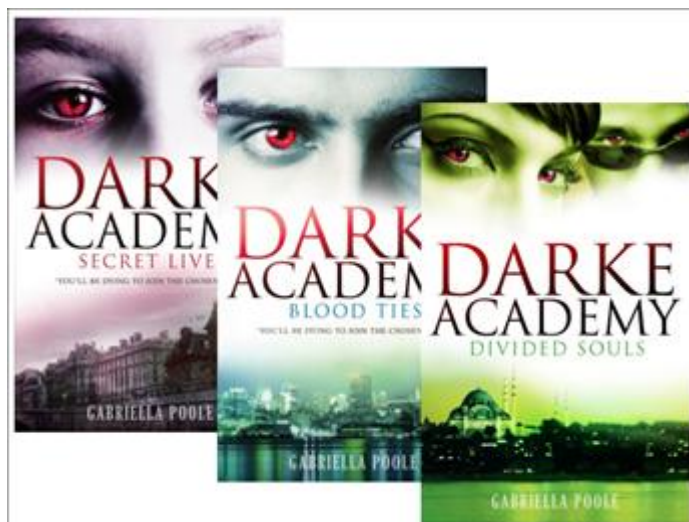
Era bom, no entanto, saber de uma coisa com certeza: ela o veria de novo. Disso tinha certeza. Tinha de ser. Não sabia as circunstâncias, não sabia se seriam amantes, ou assassinos, ou ambos. Talvez acabassem matando *um ao outro*, de uma vez por todas...

Cassie abriu seus olhos, que estavam ardendo, procurando na manhã clara do Bósforo pela silhueta escondida pela névoa da Academia.

Por agora, Ranjit estava perdido e o futuro deles também. Mas Cassie sabia, então, e não tinha como negar para si mesma, que ele era quem ela queria. Um dia, talvez em breve, o encontraria outra vez.

E então encontraria o futuro deles, também. Os dois ficariam juntos ou teria sido tudo em vão, tudo o que tinham sacrificado. Ainda que breve, ainda que o momento pudesse ser mortal. Cassie tinha certeza agora. Eles tinham que ficar juntos.

A série Darke Academy é composta pelos três livros:



01 - Secret Lives

02 - Blood Ties

03 - Divided Souls

Esperamos que tenham gostado da série. Até a próxima.

Agradecimento:

A equipe TAD agradece imensamente a boa vontade e disposição dos digitalizadores/revisores durante os três livros. Meninas, sintam-se orgulhosas pelo excelente trabalho, e saibam que as pessoas que lêem agradecem de coração.



Gabriella Poole é o pseudônimo da autora Gillian Philip. Ela vive na Escócia com o marido e dois filhos, seu labrador (Cluny), dois gatos psicóticos (Ghost e Darkness) e quatro peixes estressados.





Esta obra foi traduzida pela **Comunidade After Dark**, que tem como objetivo a tradução de livros ainda **não** lançados no Brasil. É uma tradução sem fins lucrativos. Portanto a venda ou troca deste e-book é totalmente condenável em qualquer circunstância.

Você pode tê-lo em seus arquivos pessoais, mas pedimos que, **por favor, não hospede este e-book em nenhum outro lugar**. Caso queira tê-lo sendo disponibilizado em arquivo público, entre em contato com a Equipe Responsável pela Comunidade através do e-mail: tadsuporte@gmail.com.

<http://www.orkut.com.br/Main#Community?cmm=100455503>

☺ *All Creatures of the night get together After dark* ☺